

# CLIPPING



09/03/2020

**Grande Imprensa**

**VALOR ECONÔMICO - SP**

[Governo e empresas buscam incentivar as agtechs no país](#)

**CORREIO BRAZILIENSE - DF**

[Na educação brasileira, avaliar é preciso, lamentar não é preciso](#)

**O ESTADO DE S. PAULO - SP**

[Feminicídio e política](#)

**O GLOBO - RJ**

[Professores e sua visão da imprensa](#)

**VALOR ECONÔMICO - SP**

[A tragédia da educação](#)

**Imprensa Estadual**

**AMAZ. EM TEMPO - AM**

[Educação desorganizada](#)

**DIÁRIO DA MANHÃ - GO**

[Os desafios da infância ao ambiente acadêmico](#)

**DIÁRIO DE PERNAMBUCO - PE**

[FNDE e Fundaj para o Nordeste](#)

**DIÁRIO DO NORDESTE - CE**

[34 MÓDULOS PARA CAPACITAR GESTORES](#)

**HOJE EM DIA - MG**

[IMPOSTO NA GUERRA CONTRA OBESIDADE](#)

**JORNAL DO COMÉRCIO - RS**

[Univates vai coordenar escola infantil em Lajeado](#)

**O DIA - PI**

[Ano letivo traz educação empreendedora para dentro da sala de aula](#)

**O ESTADO DO MARANHÃO - MA**

[Educação à distância](#)

**O LIBERAL - PA**

[EXPOSIÇÃO](#)

**Agências de notícias e sites**

**CARTA CAPITAL - SP**

[Acabou a mamata? Na Educação, não \(e graças ao próprio Weintraub\)](#)

**CORREIO WEB**

[69 concursos abertos oferecem 211.174 vagas locais e federais](#)

**MÍDIA NEWS**

[CAPES INICIA HOJE NOVO MODELO DE CONCESSÃO DE BOLSAS DE PÓS-GRADUAÇÃO](#)

**AGÊNCIA GLOBO**

[Como professores avaliam a credibilidade da imprensa](#)

**CORREIO 24 HORAS**

[Retadas: CORREIO homenageia baianas que se destacam nas suas vidas e lutas](#)

**G1**

[Pai critica falta de intérprete de Libras para filho deficiente no IFSP em Sertãozinho:](#)

[Exclusão social](#)

[Pesquisadoras na PB defendem atuação da mulher na ciência; capacidade é o que define](#)

[Governador de AL sanciona lei do rateio do Fundeb e anuncia pagamento para quarta](#)

**O DIA - RJ**

[Mulheres na ciência: os desafios da infância ao ambiente acadêmico](#)

# CLIPPING



## **TNONLINE**

[Mulheres na ciência: os desafios da infância ao ambiente acadêmico](#)

Grande Imprensa

**CORREIO BRAZILIENSE - DF**

[Debate nas escolas](#)

**FOLHA DE S. PAULO - SP**

[...puxa](#)

**O ESTADO DE S. PAULO - SP**

[Produção feminina na ciência aumenta e ganha visibilidade](#)

**O GLOBO - RJ**

[A oposição faz a união](#)

[Um professor que é empenhado em ensinar a Gamboa a sentir orgulho](#)

Imprensa Estadual

**DIÁRIO DO AMAZONAS - AM**

[Capes inicia novo modelo para a concessão de bolsas de pós-graduação](#)

**DIÁRIO DO PARÁ - PA**

[Capes inicia modelo de concessão de bolsas](#)

**O SUL - RS**

[Saiba como a ciência brasileira se destaca no enfrentamento do novo coronavírus](#)

**A TARDE - BA**

[Presença feminina cresce nos centros de pesquisa baianos](#)

**ESTADO DE MINAS - MG**

[Fundeb](#)

Agências de notícias e sites

**AGÊNCIA ESTADO**

[MAIS MULHERES, CADA VEZ MAIS, FAZEM CIÊNCIA NO BRASIL](#)

**FAROL DA BAHIA**

[MEC faz acordo com faculdade de coaching religioso alvo de sentença no Brasil](#)

**JORNAL OPÇÃO**

[“O verbo dominante nos vídeos dos intelectuais bolsonaristas é eliminar. E o substantivo é limpeza”](#)

**METRÓPOLES**

[Mulheres produzem metade dos trabalhos científicos da UnB](#)

**O RONDONIENSE**

[MEC faz acordo com faculdade de coaching religioso dos EUA](#)

**O TEMPO - MG**

[MEC faz acordo com faculdade de coaching religioso dos EUA](#)

**PARAÍBA URGENTE**

[AFRONTA AO ESTADO LAICO](#)

**PARANÁ PORTAL**

[MEC faz acordo com faculdade de coaching religioso dos EUA](#)

**R7**

[Conheça as mulheres que pesquisam genoma do coronavírus](#)

**SUL21**

[MEC firma parceira com faculdade cristã dos EUA pautada pela ‘visão bíblica’](#)

**VOZ DA BAHIA**

[Governo Bolsonaro fecha acordo com faculdade de coaching religioso dos EUA](#)

**CORREIO WEB**

[Subprocurador critica contrato do MEC com empresa acusada de corrupção](#)

**UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS**

## **VALOR ECONÔMICO - SP - AGRONEGÓCIOS**

### **Governo e empresas buscam incentivar as agtechs no país**

#### **Programa em gestação deverá financiar pesquisas e capacitação**

Em expansão progressiva no Brasil, o segmento de agtechs deverá receber um empurrão oficial em 2020. Empresas privadas, governo e Legislativo estudam criar o Programa Nacional de Incentivo às Startups do Agronegócio. O objetivo é estimular o financiamento de bolsas de pesquisas nos programas de pós-graduação das universidades com foco no desenvolvimento de soluções inovadoras e no empreendedorismo tecnológico voltado ao setor.

Com as contas públicas cada vez mais apertadas, a maior parte do financiamento deverá vir do setor privado. A ideia foi apresentada no ano passado pelo senador e vice-presidente da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), Luis Carlos Heinze (PP/RS), à **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)**, vinculada ao Ministério da Educação. Heinze já promoveu encontros em Brasília e em São Paulo com empresários do ramo para apresentar a iniciativa.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://valor.globo.com/agronegocios/noticia/2020/03/09/governo-e-empresas-buscam-incentivar-as-agtechs-no-pais.ghtml>

topo ↕

## **CORREIO BRAZILIENSE - DF - OPINIÃO**

### **Na educação brasileira, avaliar é preciso, lamentar não é preciso**

JEANFRANK SARTORI

Mestre em Gestão da Informação e especialista em Inteligência de Negócios.

Em dezembro último, assistimos ao ritual previsível e triste que ocorre a cada três anos: a divulgação dos resultados do Brasil no exame do Pisa (Programme for International Student Assessment, Programa Internacional de Avaliação de Estudantes). Promovido pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), avalia o aprendizado dos jovens dos países participantes, nas áreas de leitura, matemática e ciências.

Conforme amplamente divulgado, nosso desempenho mais uma vez foi pífio e alguém não apenas das nações ricas, mas também de inúmeros países em desenvolvimento, assim como o nosso. E deste modo tem sido desde a primeira edição, no ano 2000, ocasião na qual o então presidente da República não poderia ter feito pergunta mais pertinente ao Ministro da Educação, quando este propôs a participação do Brasil: e se ficarmos em último? Afinal, foi o que de fato, mais tarde, aconteceu.

E tão previsível quanto o nosso mau desempenho a cada aplicação da avaliação é a enxurrada de lamentos, de críticas e de soluções propostas, que se apresentam nos dias que sucedem à divulgação dos resultados. Mas independentemente das opiniões, dos governos e dos contextos econômicos, muito provavelmente nada será significativamente diferente na prova a ser aplicada já em 2021, cujo resultado estará disponível em 2022.

Nesse recorrente dilúvio pré-agendado, um tema costuma receber pouca atenção, não condizente com sua importância e com seu potencial de contribuição para o aprimoramento da formação de nossas crianças e jovens: os processos nacionais de avaliação da educação básica. É de suma importância possuímos indicadores sistematizados, contínuos, abrangentes, comparáveis e multifacetados, que nos permitam adequadamente identificar os resultados positivos, cujas boas práticas que os produziram devem ser, sempre que possível, estudadas, compartilhadas e generalizadas. E também detectar o mau desempenho, cujas causas sejam identificadas e sanadas, bem como as lições aprendidas e divulgadas.

Somente de posse de dados completos e fidedignos, as necessárias decisões podem ser tomadas e as soluções realistas, factíveis e duradouras implementadas — e não aventuras, imediatismos ou receitas sabidamente fadadas ao fracasso. Cabe aqui o patriótico dever de, indiferentemente de convicções, partidos e aspirações, somarem-se os esforços municipais, estaduais, federais e privados, pelo bem de todos.

Já possuímos boas iniciativas nesse sentido, como a Prova Brasil, o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) e, de certo modo, o próprio Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), porém um problema sempre esteve presente: a grande variação entre os conteúdos ministrados nas milhares de instituições de ensino desta nação de dimensões continentais.

Uma boa notícia é que finalmente estamos vivenciando a implementação da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) que, apesar de não ser imune a críticas, veio trazer uma expressiva melhoria justamente na padronização nacional dos currículos escolares. Abre-se, assim, a oportunidade de tornarmos as avaliações mais completas, abrangentes e comparáveis, também incorporando integralmente a rede privada de ensino — muitas vezes deixada em segundo plano — e permitindo discriminar ainda mais os efeitos de diversos fatores envolvidos, desde o governante até o professor em sala de aula, passando pela gestão escolar, a infraestrutura e o próprio aluno.

Mais recentemente, o Governo Federal tem estudado alterações no Saeb, que passaria a incluir mais séries e áreas do conhecimento, bem como criar a Avaliação Nacional de Fluência (nome ainda provisório) para mensurar o nível de leitura no 2º ano do ensino fundamental. Apesar de merecerem debates e aprimoramentos, são mudanças que propõem avanços importantes que podem efetivamente contribuir para a qualidade e a riqueza dos dados disponíveis para a administração das políticas educacionais brasileiras.

Ainda mais benéfico e desejável é que os resultados dessas avaliações sejam atrelados, de forma justa, razoável e adequada, à remuneração de gestores e à carreira docente nas redes públicas, bem como aos processos regulatórios na rede privada. Afinal, de nada adianta a informação se ela não se traduzir em efeitos concretos.

Assim, parafraseando o general romano Pompeu, em expressão eternizada pelo escritor português Fernando Pessoa, avaliar é preciso, lamentar não é preciso. Se naquele tempo navegar significou salvar a população de Roma da fome, aprimorar a avaliação da educação básica no contexto brasileiro é um primeiro e importante passo para saciarmos nossa carência por ensino de qualidade, desenvolvimento nacional e justiça social.

topo ↕

## O ESTADO DE S. PAULO - SP - ESPAÇO ABERTO

### Feminicídio e política

PROFESSORA EMÉRITA DA USP

O que a política tem que ver com feminicídio? Você acha que aumentou o número de mulheres assassinadas ou agora as notícias são mais frequentes? São perguntas que ouço a todo momento. Liga-se a TV e somos invadidos por notícias de mulheres assassinadas todos os dias. Na tela, fotos de adolescentes que sumiram, moças que foram trabalhar e não voltaram para casa e mães, por vezes avós, desesperadas sem saber o que aconteceu. Procuram a polícia e ficam angustiadas esperando uma resposta.

A TV parece ter faro especial para relatar casos rumorosos. Entrevistam vizinhos em busca de quê, alguma pista? Atiçam-se a curiosidade e o medo. As fotos das jovens desaparecidas curiosamente exibem rostos bem maquiados, blusas decotadas, corpos torneados. Enquanto isso, por dias a fio a reportagem instiga com a pergunta: quem teria visto a desaparecida? Propositadamente ou não, escolhe mostrar aqueles corpos que depois serão localizados no meio do mato, na margem de rios. O assassinato de mulheres tornou-se um espetáculo. As pessoas ficam atraídas pela TV, dão entrevistas ainda que nada tenham a dizer. Modestos quartos são invadidos, roupas e objetos pessoais, exibidos, invadem-se locais pobres – nunca vi entrarem numa casa de classe média, embora mulheres de todas as classes sejam assassinadas. A condição de classe resguarda a intimidade.

Os dados de 2020 mostram que aumentou, sim, o número de mulheres assassinadas. As estatísticas ficaram mais precisas pela ação de profissionais do Judiciário que se têm debruçado para que os dados sejam analisados e apresentados com objetividade. Para o público, com a crescente visibilidade das mulheres assassinadas, o conceito de feminicídio entra no vocabulário cotidiano. De 2019 para 2020 o aumento foi de 7,2%. Prefiro traduzir: foram mortas mais 88 mulheres. Esta macabra estatística revela que não escapa nenhuma região do País. No Amapá o índice de aumento chega a 30%. E as pesquisas atuais confirmam o que movimentos feministas denunciam há décadas: a violência de gênero atinge meninas, adolescentes, mulheres de todas as idades. Ela pode ser física, psicológica, sexual e terminar em feminicídio. Levamos 50 anos para as denúncias serem reconhecidas e a palavra da mulher, ouvida.

A violência é com frequência cometida por pessoas conhecidas ou parentes. Basta uma visita ao setor dirigido pela médica Ivete Boulos, no Hospital das Clínicas de São Paulo, para verificar que chegam ali bebês contaminados em casa com sífilis ou outras doenças sexualmente transmitidas. E só chegamos a tais chocantes constatações graças à implantação de políticas públicas.

Mas é preciso mais, pois avançar nesse saber implica ampliar a educação sexual para meninas e meninos. É ilusório imaginar que “quem ensina é a mamãe ou a vovó”, como afirmou o presidente! Quem ensinou a ele, a seus filhos ou aos telespectadores? Onde foi que aprenderam sobre o funcionamento do próprio corpo, as relações entre homens e mulheres, a sexualidade? Quando se resiste à educação sexual, mistifica-se o conhecimento do corpo, dos desejos, as relações amorosas. As importantes cartilhas sobre educação sexual feitas pelo Ministério da Educação com apoio do Ministério da Saúde foram demonizadas e proibidas após 2014. Perdeu-se enorme oportunidade de mostrar a meninas e meninos como funciona seu corpo e, sobretudo, como devem ser

respeitados. Ao contrário, o que se propõe é ocultar a realidade, manter o machismo, a educação pelo castigo e, sobretudo, a permanência da tradição de subordinação da mulher ao homem, como se a masculinidade ficasse arranhada quando uma mulher é independente.

O agressor usa instrumentos caseiros, como facas, ferramentas ou as mãos, o que estiver ao alcance para agredir e matar. E usa-os com voracidade e repetição de golpes, “como se pretendesse destruir a mulher”, diz a promotora de Justiça Valéria Diez Scarance. As armas usadas na violência de gênero revelam crueldade, ódio, demonstração da prepotência que esconde insegurança e medo.

De 1992 a 2015 construímos políticas públicas: foram criadas as delegacias da mulher, assinamos convenções internacionais de respeito a homens e mulheres e, no Brasil, aprovamos a Lei Maria da Penha (2006), a legislação que pune o estupro (2009), a lei dos crimes sexuais (2009), a Lei do Feminicídio (2015) e a da Importunação Sexual (2018). O elevado feminicídio mostra que há um fosso entre as políticas públicas construídas e sua implementação. E não falo só de recursos financeiros, mas, sobretudo, do comportamento de quem modela a educação e a orientação política do País.

Desqualificar uma trabalhadora pondo em dúvida sua honestidade profissional é o velho argumento machista que busca destruir sua idoneidade. É o antigo comportamento que ridiculariza a mulher para mostrar uma falsa superioridade masculina. Ofender uma mulher, desqualificar seu trabalho tornam-se modelo de comportamento para outros homens e para a nova geração. É o caminho da violência e do feminicídio. Não por acaso, Damares Alves mentiu na ONU e não soube dizer à imprensa o que seu ministério tem feito. A ministra e seu chefe deveriam retomar o trabalho que foi feito e ampliá-lo, pois ainda é tempo de recuperar o alerta da décadas atrás: quem ama não mata.

Damares Alves mentiu na ONU e não soube dizer à imprensa o que seu ministério tem feito

topo 

## O GLOBO - RJ - SOCIEDADE

### Professores e sua visão da imprensa

#### **Docentes que se declaravam conservadores davam alto grau de credibilidade à Fox News e baixa credibilidade ao New York Times e à CNN**

Num contexto de extrema polarização política, descrédito nas instituições e de facilidade de disseminação de informações de baixa qualidade, uma das habilidades mais necessárias para a democracia e para um exercício pleno de cidadania é a capacidade de analisar criticamente as notícias e a credibilidade dos principais meios que as divulgam. É esperado das escolas que ajudem os jovens a desenvolver essas habilidades, que vão muito além de simplesmente identificar fake news. Um estudo que acaba de ser publicado numa das mais prestigiosas revistas científicas em educação nos EUA, o periódico Educational Researcher (Pesquisador Educacional), mostra, no entanto, que os professores daquele país têm tanta dificuldade quanto o restante da população para avaliara credibilidade dos veículos de comunicação.

Os pesquisadores Christopher Clark, Mardi Schmeichel e James Garrett entrevistaram 1.065 professores de ensino médio, de estudos sociais. Os profissionais foram escolhidos pois são os mais propensos a trazerem temas da atualidade e a trabalhar com

questões que, no Brasil, costumam ser abordadas em aulas de sociologia, geografia, história e filosofia.

Num primeiro momento, os professores responderam um questionário que identificou, numa escala que vai de fortemente conservadora fortemente progressista, qual era seu posicionamento político e ideológico. Em seguida, opinaram sobre a credibilidade de 13 grandes veículos de comunicação no país.

Um primeiro resultado da pesquisa mostrou que os professores – assim como o restante da população, independente da profissão ou grau de escolaridade – também são impactados pelo viés de confirmação, ou seja, a pré-disposição em dar credibilidade a notícias que confirmam nossos pontos de vistas prévios, e a descartar aquelas que contrariam nossas crenças préconcebidas, independente da qualidade da informação. Docentes que se declaravam conservadores, por exemplo, davam alto grau de credibilidade à Fox News (canal mais assistido por Republicanos), e baixa credibilidade ao New York Times e à CNN, frequentemente atacados pelo presidente Donald Trump. Já entre os progressistas, ocorria o inverso.

A partir deste resultado, os pesquisadores buscaram entender o que os professores, em geral, entendiam como credibilidade. Não existe definição consensual e objetiva, mas foi possível no levantamento identificar dois padrões. Num primeiro grupo, professores usavam uma definição mais simplória, dizendo que os veículos mais confiáveis eram aqueles que apenas “reportavam os fatos” sem viés. No outro grupo, os critérios eram mais sofisticados, como a aderência do veículo a práticas como a checagem de fatos, apuração rigorosa dos dados, e reportagens com mais profundidade. O estudo mostrou que o primeiro grupo, que usa a definição mais simplória, estava muito mais sujeito ao viés de confirmação do que o segundo.

Os autores concluem: “Embora as noções de credibilidade descritas no primeiro grupo — como reportar os fatos de forma objetiva— sejam, obviamente, componentes críticos da mídia de qualidade, esses elementos podem perder seu significado e serem mobilizados apenas para validar a credibilidade de fontes de notícias alinhadas ideologicamente (...) Por outro lado, pessoas que confiam mais em definições mais dinâmicas de credibilidade — como verificação de fatos e reportagem em profundidade — podem estar mais abertas a notícias que contradizem suas visões de mundo”.

topo ↕

## **VALOR ECONÔMICO - SP - OPINIÃO**

### **A tragédia da educação**

#### **Com os vícios do sistema público brasileiro, é impossível melhorar a aprendizagem nas escolas e universidades**

Nas décadas de 1960/1970, estudei em escola pública, que, nesta época, era considerada uma das melhores do Brasil e onde ensinavam alguns professores catedráticos e autores de livros. Entretanto, constatava-se que a maioria dos professores não conseguia lecionar metade do currículo programado para um ano letivo. Neste período, inexistiam indicadores nacionais e internacionais para avaliar a aprendizagem nos colégios. A metodologia era centrada no professor, sendo o aluno um mero receptor, sem participar de forma crítica, criativa e colaborativa da construção do aprendizado. Esse modelo era aceito porque a maioria da sociedade desconhecia melhores referências e a competitividade nacional e global era muito aquém da atual.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://valor.globo.com/opiniao/coluna/a-tragedia-da-educacao.ghtml>

topo ↕

## **AMAZ. EM TEMPO - AM - CONTEXTO**

### **Educação desorganizada**

Conforme Marta Arretche, mais grave do que a questão das emendas é a Forma como o governo Bolsonaro lida com o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb).

O Fundo vence em 31 de dezembro e o governo, destaca a cientista, Faz pouco esforço para renová-lo. "Isso vai desorganizar o sistema educacional brasileiro", sustenta.

topo ↕

## **DIÁRIO DA MANHÃ - GO - BRASIL**

### **Os desafios da infância ao ambiente acadêmico**

Quando falamos em mulheres ligadas à ciência, lembramos de nomes como Marie Curie - Nobel nas áreas de química e física, ou das cientistas brasileiras Carolina Bori ou Berta Lutz. Apesar de nomes expressivos, a quantidade de mulheres na ciência ainda é considerada desigual.

Segundo o Escritório das Nações Unidas para o Espaço Exterior (Unoosa), em se tratando de pesquisas sobre ciência, tecnologia, engenharias e matemática, as mulheres representam 28,8% desta força de trabalho no mundo, enquanto os homens - 72,2%.

A gerente de Programas da Organização das Nações Unidas (ONU) Mulheres, Ana Carolina Querino, atribui esta disparidade a um fenômeno mundial. Segundo ela, as desigualdades começam na primeira infância, mas continuam a ser desafio na vida adulta.

A dupla jornada de trabalho é apontada também em um estudo do Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast) como uma das principais causas para o afastamento da mulher da carreira científica.

Para a professora do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Carolina Brito, a dupla jornada é apenas um dos pontos do chamado efeito tesoura.

Além deste, ela aponta o preconceito em relação a atuação profissional das mulheres e "entraves no meio acadêmico que fazem a mulher achar que a área científica não é para ela", diz.

"Quanto mais diversidade mais qualidade e mais excelência na área; diz Carolina Brito, que é coordenadora do projeto Meninas na Ciência no campos gaúcho.

No Brasil, levantamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPQ) aponta diminuição da presença feminina à medida que os estudos avançam. Segundo o CNPQ, em 2020, as mulheres representam 58% do total de bolsas da iniciação científica (para graduação) e cai para 35% do total de bolsas de Produtividade em Pesquisa, considerada uma das categorias mais altas.

Quando o assunto é o espaço, a astronomia, a representatividade das mulheres é ainda menor, de acordo com a Unoosa. São 20% de mulheres e 80% de homens ligados a esta força de trabalho.

Para a astrônoma porto-riquenha, pesquisadora do Observatório do Valongo, no Rio de



Janeiro, Kárin Menéndez--Delmestre, estes números podem ser mudados com atenção especial às crianças e adolescentes em formação escolar.

Segundo ela, está dentro da escola, no apoio e orientação dos professores uma das soluções para incentivar a participação das mulheres em áreas científicas.

A gerente da ONU Mulheres acredita que mudar este cenário depende de integração entre governo, iniciativa privada e escolas.

topo ↕

## **DIÁRIO DE PERNAMBUCO - PE - POLÍTICA**

### **FNDE e Fundaj para o Nordeste**

— O Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação e a Fundação Joaquim Nabuco vão inaugurar no Recife, dia 16 de abril, um escritório, primeiro no Nordeste, para atender e orientar os prefeitos nos projetos do FN DE do MEC. Segundo Antônio Campos, presidente da Fundaj, Karine Silva dos Santos, presidente do fundo e o ministro da Educação, Abraham Weintraub, Já confirmaram presença.

topo ↕

## **DIÁRIO DO NORDESTE - CE - REGIONAL**

### **34 MÓDULOS PARA CAPACITAR GESTORES**

A Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil disponibilizou o primeiro módulo de uma série de 34 que compõem o curso de ensino a distância para a utilização do Sistema Integrado de Informações sobre Desastres. A inscrição pode ser feita no site [escolavirtual.gov.br](http://escolavirtual.gov.br). A capacitação habilita para o uso da plataforma oficial de comunicação entre a Defesa Civil Nacional e as defesas civis estaduais e municipais.

topo ↕

## **HOJE EM DIA - MG - HORIZONTES**

### **IMPOSTO NA GUERRA CONTRA OBESIDADE**

### **PESQUISA DA UFMG SUGERE TAXAÇÃO MAIS ALTA SOBRE ALIMENTOS ULTRAPROCESSADOS**

Caracterizada pelo acúmulo de gordura corporal, a obesidade pode acarretar graves problemas de saúde e levar até à morte. No Brasil de 2018, acometia quase 20% da população, de acordo com a Pesquisa Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (Vigi-tel), do Ministério da Saúde. O estudo apontou que, de 2006 a 2018, o número de obesos no país aumentou 67,8%. Esse é o dado oficial mais recente.

Dois fatores, em especial, são associados ao aumento da obesidade, como aponta o presidente da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia - Regional Minas Gerais (Sbem-MG), Adauto Versiani: a disponibilidade de alimentos com elevada densidade energética, ou seja, ricos em gordura; e o estilo de vida sedentário.

"Hoje, a gente vive em um mundo em que o tempo é muito escasso e a alimentação é feita em pequenos intervalos, com comidas pré-fabricadas, ricas em gorduras, fast foods, e sem tempo para o lazer. Então, o estresse do dia a dia é descontado na comida, em vez de se fazer uma caminhada ou brincar ao ar livre com o filho, por exemplo", pondera Versiani.

Ao encontro do que pre-gaVersiani, pesquisa feita em parceria pela Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade de São Paulo (USP) e Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec) defende que

umentar impostos sobre alimentos não saudáveis pode conter a epidemia de obesidade no Brasil, a exemplo do que demonstram estudos internacionais e do que preconiza a Organização Mundial de Saúde (OMS).

## CONTRIBUIÇÃO

A orientação dos autores do estudo, como a doutoranda em Enfermagem na UFMG

Camila Passos,

é pela adoção de uma Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide) sobre os alimentos ultraprocessados, como bebidas açucaradas, biscoitos, sorvetes e macarrões instantâneos. A pesquisa estima que aumentar em 20% o preço por quilo de alimentos ultraprocessados diminuiria, em média, 6,6% na prevalência de excesso de peso na população brasileira e 11,8% na de obesidade.

"A pesquisa nos permite falar que quanto mais baratos são os alimentos ultraprocessados, maior é a prevalência da obesidade. Assim como a relação inversa também é verdadeira", revela uma das responsáveis pelo estudo, a enfermeira Camila Passos, professora da Unidade Federal de Viçosa (UFV), egressa do Programa de Pós-graduação da Escola de Enfermagem da UFMG.

O levantamento se deu, detalha Camila Passos, a partir de análise estatística da Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) de 2008-2009, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O resultado confirmou evidências de estudos internacionais, com releitura voltada à realidade brasileira.

Ainda segundo Camila Passos, esse aumento de preço tem efeito maior na população de menor renda, porque preço impacta mais onde as pessoas têm menos dinheiro. A alimentação atinge um percentual maior do salário das pessoas.

A pesquisadora revelou que o estudo deve ser atualizado a partir da mais recente Pesquisa de Orçamento Familiar (POF). Esse tipo de trabalho, no entanto, não costuma ser encaminhado ao Executivo ou ao Legislativo, afim de que possa subsidiar políticas públicas de saúde. Ainda assim, Camila Passos afirma que a equipe que fez o levantamento está à disposição para falar sobre a pesquisa e seus resultados a autoridades interessadas.

topo ↕

## JORNAL DO COMÉRCIO - RS - JORNAL CIDADES

### Univates vai coordenar escola infantil em Lajeado

Em ato realizado no gabinete do prefeito de Lajeado Marcelo Caumo o município de Lajeado e a Fundação Vale do Taquari de Educação e Desenvolvimento Social (Fuvates), representada pelo seu presidente. Carlos Cândido Cyrne, firmaram contrato para a prestação de serviços educacionais e formação pedagógica na Escola Municipal de Educação Infantil. que está sendo finalizada no bairro Santo Antônio. que atenderá até 244 crianças. A nova escola deve começar a funcionar em abril.

A escola se destinará a atender crianças de quatro meses até cinco anos de idade. em turno integral ou parcial, conforme a demanda indicada pelo município. Entre as atribuições. a Fuvates deverá desenvolver atividades de ensino. com inserção de estudantes da Univates para realização de práticas investigativas, estágios supervisionados e estágios não-obrigatórios, bem como o desenvolvimento de projetos e ações que tenham como foco a qualificação da proposta pedagógica, através de atividades de ensino. pesquisa e extensão. Recai sobre a Fuvates a responsabilidade por disponibilizar recursos humanos para o atendimento das crianças. procedendo com as

contratações necessárias.

"Estamos muito felizes por formalizar esta parceria com a Univates na área da educação. É mais uma alternativa para buscar ainda mais qualidade para nossas escolas, além de dar a nossas crianças acesso às mais novas metodologias pedagógicas", disse o prefeito Marcelo Camilo. O município, por sua vez, fica responsável pela manutenção predial e pelos equipamentos públicos da escola. A prefeitura de Lajeado pagará o valor de R\$ 868,57 por vaga integral na escola, e R\$ 520,00 para meio turno. Os valores estão baseados no custo médio de um aluno nas escolas de educação infantil do município.

topo ↕

## **O DIA - PI - EMPREENDER**

### **Ano letivo traz educação empreendedora para dentro da sala de aula**

#### **Atuação do Sebrae ganha força no país com as novas práticas propostas pela Base Nacional Comum Curricular**

O início do ano letivo de 2020 traz novidades para dentro das salas de aulas de todo o país com a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Com a homologação da normativa, no final de 2017, os municípios e os estados tiveram os dois últimos anos para se organizarem e começam agora a implementar as competências gerais da BNCC no ensino fundamental. No caso do ensino médio, sob responsabilidade dos estados, além do início da formação dos professores, também há previsão de que os currículos adaptados com conteúdos, como o empreendedorismo, sejam entregues em junho deste ano.

Entre as competências gerais previstas na BNCC estão conteúdos que o Sebrae trabalha há mais de 47 anos por meio do Programa de Educação Empreendedora, como: cooperação, projeto de vida, pensamento crítico e comunicação. A ideia é promover o protagonismo juvenil frente ao mundo do trabalho e o exercício da cidadania. De acordo o gerente de Cultura Empreendedora, Gustavo Ce-zário, a Educação Empreendedora desenvolvida pelo Sebrae vai muito além da abertura de um negócio e propõe o desenvolvimento de uma atitude empreendedora, em que a pessoa se sinta preparada para lidar com problemas e contribuir com a sociedade a partir de um projeto de vida.

Diante do desafio proposto por esse novo modelo de Educação, o Sebrae se prepara para contribuir na implementação da BNCC nas escolas por meio da formação dos professores, considerados agentes estratégicos dessas mudanças. "Nesse cenário de alto nível de evasão escolar e falta de interesse dos alunos, o Sebrae se coloca ao lado do professor que precisa cada vez mais de ferramentas capazes de chamar a atenção dos jovens dentro da sala de aula", explicou Cezário.

Para isso, os investimentos em Educação Empreendedora ganharam um impulso este ano com o aporte de mais de R\$ 50 milhões para a realização de diversas ações importantes em conjunto com as secretarias de educação, Ministério da Educação (MEC), Conselho Nacional dos Secretários de Educação (Consed), União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime), entre outros parceiros do movimento pela Educação no país.

Para apoiar a inclusão de conteúdos de empreendedorismo nos currículos escolares, diversos materiais sobre Educação Empreendedora já produzidos pelo Sebrae, como a Coleção Jovem Empreendedor Primeiros Passos, por exemplo, estão sendo

reformulados para o ambiente digital, com módulos adaptados para atender à realidade das escolas. Também está previsto o lançamento da nova versão da plataforma para formação dos professores com cursos nos formatos online e presencial, em parcerias com as unidades regionais do Sebrae.

Até o momento, o programa do Sebrae já alcançou 4,4 milhões de potenciais empreendedores e 165 mil professores por todo o país com aproximadamente nove mil parcerias. "2020 é o ano de formação dos professores e é uma oportunidade para o Sebrae ampliar a escala do Programa de Educação Empreendedora para atendimento principalmente da rede pública", ressaltou o gerente.

## BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi idealizada na Constituição de 1988, foi regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e passou a integrar o Plano Nacional de Educação em 2014. Em discussão nas últimas décadas, a normativa foi pensada para orientar a construção do currículo básico da educação brasileira. Ela estabelece que além de competências e conhecimentos acadêmicos também sejam desenvolvidas habilidades socioemocionais ao longo da vida escolar.

topo ↕

## O ESTADO DO MARANHÃO - MA - OPINIÃO

### Educação à distância

A sala de aula é um ambiente de ensino-aprendizagem eficiente e tem sido ao longo dos séculos o local mais importante para o desenvolvimento educacional. A sala de aula pode ser chamada de "primeiro ambiente de aprendizagem". Essa denominação decorre de que, com o surgimento das tecnologias da comunicação, da informação, da computação, da telefonia móvel, da Internet e, agora, da inteligência artificial, surge um "segundo ambiente de aprendizagem", que está permitindo a explosão com eficiência, das ferramentas de educação à distância.

A existência desses dois ambientes recomenda entender o processo de ensino-aprendizagem em pelos menos três momentos: antes da aula, durante a aula e após a aula. Nesse novo contem o agente mais importante do processo educacional é o estudante. O pesquisador, o professor, o produtor de conteúdos e os instrutores continuam com seu relevante papel e serão sempre indispensáveis. Entretanto, as ferramentas e os recursos à disposição do estudante são tantos e de tal ordem sofisticados que as possibilidades de estudo e aprendizagem se multiplicam e se diversificam.

No segundo ambiente, o professor e o produtor de conteúdos continuam com sua tarefa de preparar as aulas e as orientações no momento "antes da aula". O que muda é o formato, o material e o estilo de explicação. Os meios não se limitam a textos e imagens em papel, mas se estendem a vídeos, filmes e um elenco de instrumentos tecnológicas de exposição de texto, som, imagem, interações, conexões e intercâmbio. Os materiais e as fontes de conteúdo não se limitam mais a apenas o que está em si mesmos, mas fazem interface com uma rede de links, referências e remissões.

Quando o momento "antes da aula" é bem desenvolvido e de qualidade, o momento "durante a aula" muda, é decidido a executado pelo estudante, toma-se diversificado, logo, mais bem-aproveitado. O mais importante com a revolução das tecnologias sofisticadas está na educação à distância (EaD), ou seja, o formato em que o estudante

pode estar em um lugar e o professor em outro, podem estar disponíveis em horários diferentes e sem a dependência de horário e local físico fixo.

A EaD não é uma panaceia para todos os males da educação, mas é uma solução disruptiva, a mais importante produzida nos últimos séculos, pelo elenco extenso e sofisticado de soluções para o processo de ensinar e aprender, em especial a lá citada eliminação da necessidade de contato físico entre aluno e professor. O resultado mais expressivo é a possibilidade de uma mesma aula, expositiva, gravada e disponibilizada em meios eletrônicos e ambientes virtuais, poder ser assistida por milhões de alunos, vista, repetida e multiplicada quase indefinidamente.

O que a EaD faz é eliminar barreiras e restrições ao processo de ensinar e aprender, como a já mencionada distância entre professor e aluno, e mais: a EaD não abandona nem dispensa o contato físico e o relacionamento entre estudantes, especialmente na aquisição de habilidades que dependem de aulas práticas em máquinas e laboratórios. A EaD incorpora os elementos da aula presencial, não concorre com eles nem desfaz de sua imensa importância, e se soma aos métodos e atividades da sala de aula.

Talvez o aspecto mais essencial neste cenário novo seja entender que a EaD não destrói o que funcionou até hoje centrado na sala de aula, mas acrescenta um leque de possibilidades e métodos tão grande que amplia as opções de escolha para ensinar e aprender. E quanto mais a tecnologia vai criando novos recursos e novas ferramentas, mais as opções do EaD crescem e se expandem. Não se trata de isso "ou" aquilo. Mas de isso "e" aquilo. A EaD veio para ficar.

topo ↕

## **O LIBERAL - PA - REPÓRTER 70 EXPOSIÇÃO**

A Faculdade de Direito e o Programa de Pós-graduação em Direito da Universidade Federal do Pará abrirão a exposição "40 anos da saída do casarão: a história do Direito paraense". Será hoje, às 17 horas, no Instituto de Ciências Jurídicas, durante as aulas magnas que marcarão o início do semestre letivo. A mostra fala sobre a história do curso mais antigo do Norte do Brasil, com 118 anos de existência, que teve a sede transferida do antigo casarão situado no Largo da Trindade, em Belém - onde passou a funcionar a sede da Ordem dos Advogados do Brasil do Pará - para integrar o hall de cursos da UFPA, no campus do Guamá.

topo ↕

## **CARTA CAPITAL - SP - ONLINE**

### **Acabou a mamata? Na Educação, não (e graças ao próprio Weintraub)**

Combate ideológico permitiu a Weintraub bancar uma espécie de ação entre amigos, o que seguidores de Bolsonaro chamariam de 'mamata'

O ministro da Educação, Abraham Weintraub, é inimigo das pesquisas de pós-graduação. Em 2019, sua pasta cortou quase 12 mil bolsas de mestrado e doutorado. Neste ano, o órgão do MEC que financia esses estudos, a **Capes**, terá 600 milhões de reais a menos, um total de 3,6 bilhões. No orçamento original desenhado pelo governo, a perda era de 2 bilhões.

O combate ideológico a essas pesquisas permitiu a Weintraub bancar uma espécie de ação entre amigos em cargos federais sob sua jurisdição. Uma situação que os seguidores de Jair Bolsonaro chamariam de "mamata", se tivesse ocorrido na era PT.

Além do ministro, os protagonistas dessa história são Heloísa Candia Hollnagel, diretora de Relações Internacionais da **Capes**, e Matheus Ghitti Baione, coordenador-geral de Acompanhamento e Monitoramento de Resultados da mesma diretoria. Uma dupla egressa da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), onde Weintraub era professor.

Baione foi nomeado em 4 de março, com salário de 10.373,30 reais. Sua designação foi assinada pela Secretaria Executiva do MEC. Só não foi pelo próprio Weintraub porque, em fevereiro, o ministro baixou uma portaria a terceirizar certas admissões. A nomeação exigiu a demissão de um funcionário de carreira da **Capes**, Adi Balbinot Junior, servidor concursado há 20 anos.

A função de Baione será controlar e decidir todas as parcerias internacionais de pesquisas do Brasil. Possui credenciais para tanto? Difícil. Aos 24 anos, formou-se há menos de dois, em 2018, em Ciências Contábeis, na Unifesp.

No currículo enviado à **Capes**, ele não indica histórico acadêmico além da graduação. Aponta três experiências profissionais, entre 2015 e 2019. Desenvolvedor de rotinas administrativas e contábeis na Bpak Embalagens. Estagiário na área comercial da Cargill. E auditor-assistente na Deloitte.

A Bpak é do seu pai, Robson de Andrade Baione. A fim de reforçar suas credenciais para entrar no governo, Matheus mandou à **Capes** uma declaração do próprio pai, datada de 17 de fevereiro. CartaCapital obteve uma cópia.

No CV, Baoine informou ainda, como atividade extracurricular, ter publicado um artigo acadêmico em 2018 na Revista Brasileira de Previdência, intitulado “Whistleblowers: Um instrumento moderno de combate às fraudes e o papel do contador”. O texto tem um segundo autor. Quem? Abraham Weintraub. Eis outra credencial para o cargo: relações pessoais com o ministro.

A reportagem questionou o MEC sobre a indicação de Baoine, sobre a experiência dele para o cargo e sobre a relação dele com ministro, mas a assessoria de imprensa da pasta não respondeu.

A escolha de Baione para o cargo partiu, segundo outros documentos obtidos por CartaCapital, de Heloísa Hollnagel, a diretora de Relações Internacionais da **Capes**. Em 12 de fevereiro, uma assessora dela, Livia Paes de Barros, submeteu a escolha ao RH da **Capes**. Uma hora e meia depois, o presidente do órgão, Benedito Guimarães Aguiar Neto, despachava a nomeação ao MEC.

Na **Capes**, comenta-se que Heloísa deve o cargo à amizade com o ministro e a esposa dele, Daniela. As duas são professoras da Unifesp também. Weintraub nomeou Heloisa diretora em 30 de janeiro. O salário dela naquele mês foi de 21,9 mil. Sua designação para o cargo exigiu a demissão de um servidor concursado da **Capes**, Mauro Luiz Rabelo, no serviço público desde os anos 1980.

Heloisa chegou à **Capes** em julho de 2019, três meses após a posse de Weintraub no Ministério. Era chefe de bolsas e projetos da Diretoria de Relações Internacionais. Fontes do órgão dizem que desde o início Heloisa foi autoritária com servidores e

passava por cima do então diretor, Mauro Rabelo.

Em uma reunião no fim de 2019 com o Fórum de Pró-Reitores de Pesquisa e Pós Graduação, Heloísa teria se referido ao presidente do grupo, Carlos Henrique de Carvalho, como “aleijadinho”. Reitor da Universidade Federal de Uberlândia, Carvalho é cadeirante. Na mesma reunião, Heloísa teria pronunciado a expressão “aqueles pardinhos” para se referir a pessoas negras.

O episódio teria sido o estopim para uma espécie de rebelião na **Capes**. Servidores cobraram a degola dela. Informado, Weintraub não só bancou a permanência dela, como resolveu promovê-la, a diretora de Relações Internacionais. A reportagem questionou Heloísa Hollnagel, através da assessoria de imprensa da **Capes**, sobre esses acontecimentos e sobre a nomeação de Matheus Baiones, mas não obteve resposta.

topo ↕

## CORREIO WEB - TEMPO REAL

### 69 concursos abertos oferecem 211.174 vagas locais e federais

Nesta semana, o caderno Trabalho & Formação Profissional preparou lista com 69 concursos e 211.174 vagas, mais cadastro de reserva, em órgãos locais e federais. No Distrito Federal, há três concursos com inscrições abertas e 110 vagas, além do cadastro reserva. Entre os nacionais, são 14 certames abertos para 210.848 vagas mais cadastro reserva. Nas universidades federais, são 43 processos seletivos e 197 oportunidades e cadastro reserva. Os institutos federais oferecem 9 concursos e 19 postos vagos, além do cadastro reserva.

## UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS (UNIFAL) 1

Inscrições até 13 de abril no site: [bit.ly/390Ou3D](http://bit.ly/390Ou3D). Concurso com uma vaga para professor de magistério superior da área de avaliação da medicina I, medicina II e medicina III ou áreas afins que possuam programas de pós-graduação que tenham a Medicina em sua multi/inter disciplinaridade, conforme avaliação **CAPES**. Salários: entre R\$ 3.130,85 e R\$ 5.831,21. Taxa: R\$ 90. Edital: [bit.ly/370Uxly](http://bit.ly/370Uxly).

topo ↕

## MÍDIA NEWS - TEMPO REAL

### CAPES INICIA HOJE NOVO MODELO DE CONCESSÃO DE BOLSAS DE PÓS-GRADUAÇÃO

#### Bolsas serão concedidas para mais de 350 instituições de ensino

A **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)** inicia nesta sexta-feira (6) o novo modelo de concessão de bolsas de pós-graduação para mais de 350 instituições de ensino superior públicas e privadas do país. A distribuição será com base no desempenho acadêmico e no Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) da cidade onde o curso é ofertado.

A relação das bolsas de mestrado e doutorado será divulgado no site da autarquia, e estarão disponíveis para serem distribuídas pelos cursos aos estudantes em março. Essa é a primeira vez que a **Capex** define regras unificadas para a concessão do benefício. Serão redistribuídas 84,1 mil bolsas.

Não se tratam de novas bolsas, mas de bolsas existentes que serão redistribuídas de forma gradual de acordo com os critérios estabelecidos pela **Capex**. Os estudantes que já têm bolsas de estudo não serão atingidos. As regras valem apenas para as vagas que

estão desocupadas ou cuja previsão de conclusão de pesquisa seja este ano.

Cursos que perderem bolsas pelo novo cálculo, mas que estiverem com as bolsas ocupadas, permanecem com as bolsas até a conclusão das pesquisas, mas não poderão ofertar o benefício a novos estudantes.

Atualmente, as universidades e os programas de pós-graduação têm uma determinada quantidade de bolsas de estudos. Se um bolsista conclui a pesquisa, a bolsa é repassada para um novo bolsista do mesmo programa.

Agora, as bolsas não permanecerão, necessariamente, no mesmo programa. Um curso de mestrado ou doutorado poderá perder ou ganhar bolsas de acordo com os critérios estabelecidos. Haverá uma transição para que os cursos não sejam prejudicados. Eles poderão perder, no máximo, 10% das bolsas ou ganhar até 30% das bolsas atuais.

Segundo a **Capes**, o modelo foi pensado para corrigir distorções. “O modelo revê, por exemplo, a distribuição de bolsas de estudos para cursos que possuem a mesma nota, estão na mesma área de conhecimento e localização geográfica, mas contam com quantitativos de bolsas muito diferentes. Também entram nesse contexto cursos de excelência com número de bolsas inferior ao de cursos com nota mínima permitida”, informou a autarquia.

Os critérios valem até fevereiro de 2021 e poderão ser revistos após esse período. As regras valem para os Programa de Demanda Social (DS), Programa de Excelência Acadêmica (Proex), Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares (Prosup) e Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Ensino Superior (Prosuc).

Atualmente, os bolsistas de mestrado recebem, por mês, R\$ 1,5 mil e os de doutorado, R\$ 2,2 mil.

Por Andreia Verdélio – Repórter da Agência Brasil\* – Brasília

Edição: Aécio Amado

topo 

## AGÊNCIA GLOBO - TEMPO REAL

### Como professores avaliam a credibilidade da imprensa

Num contexto de extrema polarização política, descrédito nas instituições, e de facilidade de disseminação de informações de baixa qualidade, uma das habilidades mais necessárias para a democracia e para um exercício pleno de cidadania é a capacidade de analisar criticamente as notícias e a credibilidade dos principais meios que as divulgam. É esperado das escolas que ajudem os jovens a desenvolver essas habilidades, que vão muito além de simplesmente identificar Fake News. Um estudo que acaba de ser publicado numa das mais prestigiosas revistas científicas em educação nos Estados Unidos mostra, no entanto, que os professores daquele país têm tanta dificuldade quanto o restante da população para avaliar a credibilidade dos principais veículos de comunicação.

O estudo foi publicado na edição deste mês do periódico Educational Researcher (Pesquisador Educacional), editado pela Associação Americana de Pesquisa



Educacional. Os pesquisadores Christopher Clark, Mardi Schmeichel e James Garrett entrevistaram 1.065 professores de ensino médio, de estudos sociais. Os profissionais dessa disciplina foram escolhidos pois são os mais propensos a trazerem temas da atualidade e a trabalhar com questões que, no Brasil, costumam ser abordadas em aulas de sociologia, geografia, história e filosofia.

Num primeiro momento, os professores responderam um questionário que identificou, numa escala que vai de fortemente conservador a fortemente progressista, qual era seu posicionamento político e ideológico. Em seguida, opinaram sobre a credibilidade de 13 grandes veículos de comunicação no país.

Um primeiro resultado da pesquisa mostrou que os professores – assim como acontece com o restante da população, independente da profissão ou grau de escolaridade – também são impactados pelo viés de confirmação, ou seja, a pré-disposição em dar credibilidade a notícias que confirmam nossos pontos de vistas prévios, e a descartar aquelas que contrariam nossas crenças pré-concebidas, independente da qualidade da informação. Docentes que se declaravam como conservadores, por exemplo, davam alto grau de credibilidade à Fox News (canal mais assistido por Republicanos), e baixa credibilidade ao New York Times e à CNN, frequentemente atacados pelo presidente Donald Trump. Já entre professores progressistas, ocorria justamente o inverso.

A partir deste resultado, os pesquisadores buscaram entender o que os professores, em geral, entendiam como credibilidade. Não existe definição consensual e objetiva, mas foi possível no levantamento identificar dois padrões. Num primeiro grupo, professores usavam uma definição mais simplória, dizendo os veículos mais confiáveis eram aqueles que apenas “reportavam os fatos” sem viés. No outro grupo, os critérios eram mais sofisticados, como a aderência do veículo a práticas como a checagem de fatos, apuração rigorosa dos dados, e reportagens com mais profundidade. O estudo mostrou que o primeiro grupo, que usa a definição mais simplória, estava muito mais sujeito ao viés de confirmação do que o segundo.

Os autores concluem: “Embora as noções de credibilidade descritas no primeiro grupo - como reportar os fatos de forma objetiva - sejam, obviamente, componentes críticos da mídia de qualidade, esses elementos podem perder seu significado se forem mobilizados apenas para validar a credibilidade de fontes de notícias alinhadas ideologicamente. (...) Por outro lado, pessoas que confiam mais em definições mais dinâmicas de credibilidade - como verificação de fatos e reportagem em profundidade - podem estar mais abertas a notícias que contradizem suas visões de mundo.

topo ↕

## **CORREIO 24 HORAS - TEMPO REAL**

**Retadas: CORREIO homenageia baianas que se destacam nas suas vidas e lutas**

Hoje, Dia Internacional da Mulher, pelo terceiro ano consecutivo, o CORREIO homenageia grandes mulheres baianas. Através delas, estendemos a nossa admiração a todas aquelas enfrentam lutas diárias. Trabalham mais do que os homens e ganham menos, são chefes de família, acumulam diversas funções e ainda assim mostram que são verdadeiras guerreiras. Como se diz no bom baianês: são mulheres retadas.

#RetadasNoCORREIO #Correio24h #CorreioDeFimDeSemana

#DiaInternacionalDaMulher #8demarço #DiaDaMulher. Veja:

Olívia Oliveira é uma baiana retada! Diretora do Instituto de Geociências da

Universidade Federal da Bahia (Ufba), ela liderou a equipe de cientistas que identificou a origem do óleo vazado nas praias do litoral do Nordeste no ano passado. "Meu Deus, tivemos essa coragem de ir na frente de todo mundo falar que era de origem venezuelana, sabendo tudo o que podíamos ouvir. As pessoas se perguntavam: Será que é venezuelano mesmo? Foi um desafio e eu nem pestanejei, estávamos no calor da análise. Eu me mostrei porque é ciência e há muita confiabilidade no laudo que produzimos", contou.

Sobrinha da freira baiana Irmã Dulce, Maria Rita Pontes, superintendente das Obras Sociais Irmã Dulce (Osid), é uma mulher retada! Formada em jornalismo, a carioca e baiana de coração foi uma das pessoas que mais lutou pela canonização da Santa Dulce dos Pobres, que aconteceu em 13 de outubro de 2019.

Nascida e criada em Juazeiro, no extremo norte da Bahia, a empreendedora Juliana Martins começou do nada, literalmente. Acredite: só com uma fruteira velha que ela usava para colocar ali os produtos de estética. No mais, tudo era emprestado, inclusive, as prateleiras da salinha que atendia suas clientes. Hoje, Juliana concorre com as próprias marcas de produtos de beleza que chegou a vender antes. Criadora da marca de cosméticos Juliage, a empreendedora faturou no último ano R\$ 1 milhão e tanto e viu a venda dos itens crescer 400%, em comparação com o mesmo ano passado. "Sempre escutei a frase 'quem essa menina do interior pensa que é? Ela pensa que vai chegar onde? Disseram que eu estava 'viajando' quando eu larguei o trabalho em um banco para trabalhar com estética. Minha salinha se tornou um grupo que fatura R\$ 1,5 milhão junto com os cosméticos, a clínica de estética e a clínica escola que oferta cursos técnicos e livres também. Fui com a cara e a coragem", diz ela.

"Tenho medo do racismo, tenho medo do machismo, mas não tenho medo de me expor", diz a jornalista e humorista Maíra Azevedo, 39 anos, segura de si. Tia Má, como ficou conhecida, é verborrágica mesmo com a sociedade taxando mulheres como ela de "agressiva, problemática e barraqueira". Retadíssima! Em entrevista ao CORREIO, a jornalista fala sobre preconceito, excesso de exposição, elogios na transmissão do Carnaval, fake news e relacionamentos abusivos, tema de seu novo livro Como se Livrar de um Relacionamento Ordinário (Agir | R\$ 34,90 | 144 páginas). Além da obra, que será lançada nesta terça-feira (10), na Livraria Leitura do Shopping Bela Vista, Tia Má fala sobre autoestima e sobre ser "preta e gorda". "Sempre entendi que a forma como me posiciono, meu caráter, sempre foi algo mais atraente que meu par de bunda que também é lindo", gargalha.

Lorrane Manthele é uma baiana retadíssima! Mas recebeu o primeiro não quando ainda estava na barriga da mãe, Maria Helena Carolina. O pai abandonou ela, a mãe e um irmão. Depois, recebeu outros não: por ser pobre, por ser negra e por ser transexual. Por isso, a enfermeira Lorrane Manthele, 38 anos, formada pela Universidade Federal da Bahia (Ufba) - e também em Hotelaria, pelo Instituto Federal da Bahia (Ifba) - trabalha como vendedora ambulante, no bairro do Uruguai, para se manter. Na vizinhança, Lorrane monta uma barraca onde vende artigos como blusas de times de futebol. "Como pode uma enfermeira trabalhar como ambulante?", questionou uma outra vendedora à reportagem, na Festa de Iemanjá, quando encontramos Lorrane. Ela trabalha em festas populares desde 2016. "Tem gente que não acredita", completou a enfermeira, naquele 2 de fevereiro. Na família, a maioria de Testemunhas de Jeová, a

transfobia também existe. As portas de casa já foram fechadas para Lorrane. Quando tinha 18 anos, foi expulsa de casa pelo pai, o mesmo que abandonou a família com a esposa grávida e retornou para casa quando ela tinha 11 anos. Baiana retada, ela enfrenta uma luta diária para ser a mulher que é e sempre sentiu que fosse, apesar de todos os não.

Baiana retada, a autônoma Thaianá Alves, 31, moradora do bairro Santa Cruz e mãe de duas meninas, uma de 4 e outra de 10 anos, é a capa do #CorreioDeFimDeSemana. Thai, como ela prefere ser chamada, ficou desempregada no ano passado. A fome bateu à porta e, num desabafo com uma conhecida, achou a resposta das preces. “Conheci uma amiga que se sensibilizou com a minha história e conseguiu me empregar numa gráfica em que eu ganhava R\$ 60 por semana”, lembra. Morando de aluguel, ela vivia, ao todo, com R\$ 527 no mês, sendo R\$ 240 do trabalho e outros R\$ 282 da soma da pensão de uma das filhas com o Bolsa Família. Hoje, Thai trabalha com confecção e impressão de cartões de visitas, banners e convites de aniversário. Aprendeu tudo lá, sem nenhum curso, só de observar uma colega fazer. Mês passado, ela tomou um susto. A proprietária da gráfica decidiu deixar a Bahia e ia vender o ponto. “Eu não podia ficar desempregada de novo”, conta. Foi aí que ela decidiu alugar as máquinas e dizer para si mesma “Seja o que Deus quiser”, apostou. Agora, ela herdou os clientes e está conquistando novos. O próximo passo é entender como produzir camisas e copos. “Criar duas filhas sozinha não é fácil. Eu custeio casa, alimentação, escola. E ainda tem que cuidar da casa, fazer comida, dar carinho. A principal dificuldade para mim é dar atenção para elas, sei que elas precisam”, afirma.

“Preciso me desdobrar muito. Não tenho trabalho fixo, então um mês eu vendo uma coisa, outro mês vendo outra. Saio pelo bairro vendendo e a minha filha pequena vai no colo comigo porque mama e não tenho com quem deixar”. É assim que a autônoma Marília Alves de Jesus, 34 anos, baiana retada, moradora do bairro Alto das Pombas, define sua rotina diária como trabalhadora, mãe de três crianças e responsável por chefiar sozinha a própria casa. Vivendo, em média, com R\$ 35 por dia, Marília vende de tudo: de pasta de arear panela a batons e mini pizzas. Pelo Facebook e WhatsApp, ela anuncia para os clientes o que tem disponível no dia e sai à pé ou de ônibus para fazer as entregas. A habilidade para o comércio não veio de uma vocação, mas a partir da necessidade de criar os filhos, Isabel, de um ano, José Carlos, de 9, e Jaimson, de 12, todos nascidos prematuros. Ex-funcionária de franquias de restaurantes de shopping, Marília teve que dar seus próprios “pulos” quando se viu desempregada. Sem o apoio financeiro dos pais de duas das crianças e com aluguel para pagar, a mãe encontrou nela mesma a própria saída.

A cientista baiana Jaqueline Goes de Jesus, uma das coordenadoras da equipe brasileira que sequenciou o genoma do coronavírus em apenas 48 horas, é retada! “Me sinto privilegiada de ter conseguido chegar nessa etapa da vida. A ciência não é fácil. A gente passa por muitas situações complicadas que nos fazem querer desistir, mas, com o auxílio da família, persisti e estou aqui”, disse.

A fisioterapeuta Isabela Oliveira Conde é uma mulher retadíssima! Ela sobreviveu a 68 facadas em ataque planejado por namorado. Ela conseguiu escapar, pediu socorro e, já no hospital, conseguiu denunciá-lo à polícia. O homem acabou preso. “Eu pedia tranquilidade e eles não deram uma trégua. Ele dizia: ‘Adianta logo isso aí. Essa mulher não para de falar. Agiliza aí pra ela morrer logo”, contou.

Baiana, a jornalista Jéssica Senra, apresentadora da TV Bahia, é uma mulher retada! Ela ganhou ainda mais visibilidade após apresentar o Jornal Nacional (JN), no último ano, e passar a integrar a equipe de folguistas do principal jornal do país. A âncora do Bahia Meio Dia (BMD) foi uma das responsáveis pela desistência do Fluminense de Feira em contratar o goleiro Bruno, graças a um vídeo que viralizou na internet criticando a decisão da diretoria do clube. "Sempre digo que essa luta não é só coisa de mulher, precisa envolver toda a sociedade. Afinal de contas, quando uma mulher é morta, é um filho que cresce sem a mãe, um pai que enterra uma filha, um irmão que sofre a perda de uma irmã. Homens e mulheres sofrem com o feminicídio", afirmou.

Luzia Mota é a nova reitora do Instituto Federal da Bahia. Ela foi eleita para o posto de reitora em dezembro de 2018, mas o Ministério da Educação (MEC) protelou a oficialização dela no cargo por um ano. "Não me sinto intimidada com a tarefa que estamos assumindo aqui e nem me intimida a incerteza de uma conjuntura adversa e, diria, perversa. Não estarei sozinha e confio plenamente nos movimentos organizados", afirmou. Essa é retada!

Conhece uma jovem retada? Anna Luísa Beserra, criadora do Aqualuz, é um exemplo. O projeto venceu prêmio Jovens Campeões da Terra, da ONU. A ideia de Anna Luísa possibilita tratamento seguro e barato da água e já beneficiou mais de 1,2 mil famílias no semiárido.

Ana Verônica Bispo dos Santos, 53 anos, conhecida como Ana de Xangô, é a sucessora de Mãe Stella de Oxóssi no terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, que fica no bairro São Gonçalo do Retiro, em Salvador. Ela foi eleita após jogo de búzios feito pelo Babalorixá Balbino Daniel de Paula, do terreiro Ilê Axé Opô Aganju, que fica em Lauro de Freitas. Há 20 anos foi iniciada no candomblé, no próprio terreiro que agora comanda, um dos mais importantes e famosos do Brasil. Hoje, a Iyalorixá é responsável por comandar o terreiro, alimentar a casa, e fazer todas as obrigações religiosas. "Não esperava, mas por obediência e necessidade me tornei filha de santo", fala. Retadíssima!

Carla Akotirene é doutoranda em Estudos de Gênero, Mulheres e Feminismos pela Ufba e autora de Interseccionalidade e Ó Paí Prezada!. Ainda como Carla Adriana da Silva Santos, ela trabalhou como cordeira e segurança do bloco afro Ilê Aiyê na década de 90. Em fevereiro deste ano, retornou à Senzala do Barro Preto como Carla Akotirene, homenageada especial da 41ª Noite da Beleza Negra, ao lado de Maíra Azevedo (Tia Má) e Leo Kret, outros nomes importantes na luta pelos direitos das mulheres negras. "Não tinha a menor pretensão de hoje ser uma escritora, terminando um doutorado, que defendo em maio. Eu que durante a minha vida recebi vários convites para trabalhar em prostituição fora do país", conta e relembra a pesquisadora sobre como a sexualização do seu corpo, enquanto mulher negra, sempre foi uma questão enfrentada.

Dona de casa e mãe do adolescente agredido por PM no subúrbio de Salvador, Karina Barros é uma mulher retada! "Eu estou segura, mas continuo magoada. Meu coração está sangrando. Dói muito essa situação", disse.

Retada, Léo Kret é mulher trans, ativista LGBTQIA+, dançarina e estudante de Direito. "Meu empoderamento vem de dentro de mim. Quando me olho no espelho, reconheço quem sou e a força que tenho", afirma.

Fernanda Júlia, conhecida como Onisajé, é a primeira diretora negra a assumir uma peça na escola de teatro da Ufba. Pele Negra, Máscaras Brancas foi encenada em Salvador, em 2019. "É triste ser a primeira. Tem muita mulher preta antes de mim, que me inspira, que me orienta e que fez com que eu escolhesse ser encenadora", afirmou. Retada!

Mais conhecida como A Dama do Pagode, Allana Sarah é pagodeira e foi revelação do Carnaval 2020. Comandando a banda de nome homônimo, ela fez sete shows na folia momesca na Bahia. Com seu black, vozeirão e atitude rock and roll, chama a atenção e é um dos grandes fenômenos dos paredões de Salvador. Quem dormiu não viu quando ela, rapidinho, passou de dançarina da laje no Universo Axé, pra backing da banda O Pega e, após shows em barzinhos do Cosme de Farias e Nordeste de Amaralina, sua conversão na Dama primeira. A alcunha surgiu numa resposta à canção que anunciava que "chefe é chefe". Replicou com "Dama é dama", e o título pegou. 'Ai pai, pirraça' é a primeira música dela que pegou geral, com Márcio Victor na esteira dos que cantam.

Tertuliana Lustosa, vocalista da banda A Travestis, é mulher trans, pagodeira e camelô. Ela é retada! Nascida em Corrente, interior do Piauí, e criada em Salvador, ela fez Bacharelado em História da Arte pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Com diploma na mão, retornou a Salvador e acabou entrando numa estatística cruel: segundo levantamento da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), 90% das pessoas trans no Brasil recorrem à prostituição como renda por falta de oportunidades no mercado formal de trabalho. Mulher trans, Tertuliana não conseguiu escapar dessa realidade. Como não achou outra opção, virou camelô e vende brigadeiros na praia do Porto da Barra.

Ana Marcela Cunha é nadadora e tetracampeã mundial de maratonas aquáticas. Ela foi eleita a melhor nadadora do mundo na categoria. Em 2019, conquistou dois ouros no Mundial de Gwangju, na Coreia do Sul, e outra nos Jogos Pan-Americanos de Lima, no Peru. Além disso, venceu cinco etapas do circuito de maratonas aquática. Ela mira uma medalha inédita na Olimpíada de Tóquio. "A gente sempre pode um pouco mais", pontua. Retada!

As Ganhadeiras de Itapuã, tradicional grupo de resgate, valorização e fortalecimento da cultura popular. No Carnaval deste ano, foram homenageadas no enredo da escola de Samba Unidos do Viradouro, no Rio de Janeiro. A escola venceu o Carnaval do Rio. Retadas!

Primeira e única mestra de torra da Bahia, a barista Karla Lima está à frente da torra do Café dos Três. "Os meninos dizem que sou a Smurfette do café. Não me incomoda nadinha, sou loura, linda, exclusiva. Eles usam isso pra incomodar, mas não incomoda em nada", afirma a retada.

Mais uma mulher retada! Jeane Tavares é psicóloga e professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Ela trabalha saúde mental da população negra e sempre reflete sobre este problema estrutural. "Apresentamos maiores níveis de estresse crônico que a população branca em todos os contextos, sendo que mulheres negras referem mais estresse que homens negros", afirma em artigo.

topo ↕

**G1 - TEMPO REAL**

## **Pai critica falta de intérprete de Libras para filho deficiente no IFSP em Sertãozinho: Exclusão social**

**Leonardo da Silva Miguel, de 22 anos, foi matriculado no curso de química, mas não consegue acompanhar aulas. Família recorreu ao MP. Instituição federal diz que busca solução com o MEC.**

Por G1 Ribeirão Preto e Franca

Pai de um estudante deficiente, o encarregado de obras Eduardo Veterano Miguel diz que o filho está sendo impedido de realizar o sonho de cursar o ensino superior em Sertãozinho (SP).

Segundo Miguel, Leonardo da Silva Miguel, de 22 anos, é surdo-mudo e o Instituto Federal de São Paulo (IFSP), onde ele está matriculado, não conta com um intérprete de Libras (língua brasileira de sinais) para auxiliá-lo.

A família recorreu ao Ministério Público (SP), mas até o momento não há uma definição.

“Isso é um dever da faculdade, é um dever da escola. Isso chama-se inclusão social. O que a faculdade está fazendo com ele é uma exclusão social”, diz.

Em nota, o IFSP informou que busca uma solução junto com o Ministério da Educação (MEC) para contratar um intérprete, e que o problema deve ser resolvido o mais breve possível.

### Direitos

Leonardo nasceu surdo-mudo depois que a mãe teve complicações na gestação causadas por uma rubéola.

Apesar da deficiência, o jovem sempre se mostrou interessado nos estudos e contou com a ajuda de uma tradutora e intérprete durante o ensino público regular.

Ao concluir o ensino médio em 2019, ele decidiu cursar química e obteve uma boa nota no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Inscrito no Sistema de Seleção Unificada (Sisu), conseguiu uma vaga no IFSP.

O estudante Leonardo da Silva Miguel precisa da ajuda de intérprete em Libras para frequentar as aulas no IFSP em Sertãozinho, SP — Foto: Carlos Trinca/EPTV O estudante Leonardo da Silva Miguel precisa da ajuda de intérprete em Libras para frequentar as aulas no IFSP em Sertãozinho, SP — Foto: Carlos Trinca/EPTV

O estudante Leonardo da Silva Miguel precisa da ajuda de intérprete em Libras para frequentar as aulas no IFSP em Sertãozinho, SP — Foto: Carlos Trinca/EPTV

A mãe, Raquel Mara da Silva, afirma que, ao fazer a matrícula, especificou as necessidades do filho para o IFSP, mas o ano letivo teve início e o intérprete não foi providenciado.

Por causa da falta do profissional, Leonardo não tem conseguido acompanhar o conteúdo das aulas. Miguel diz que o filho tem frequentado a escola apenas para não perder a vaga, já que o Sisu estipula um limite de faltas por aluno.

“Ele chega em casa triste. Ele gosta de estudar, gosta de fazer as coisas na escola, mas ele está tendo muita dificuldade e estamos sentindo muito por isso. A gente fica muito triste por ele também.”

Apesar da dificuldade no início do curso, o pai mantém a esperança de que o filho terá seu direito preservado.

"Eu tenho fé que ele vai conseguir e a gente vai se esforçar para isso."

Solução

O IFSP informou que iniciou as tratativas com o MEC e que a solução deve ser dada o "mais breve possível".

Ainda segundo o IFSP, o decreto presidencial nº 10.185, de 20 de dezembro de 2019, extinguiu o referido cargo e vedou a abertura de concurso público no âmbito da administração pública federal.

O G1 aguarda posicionamento do MEC sobre o assunto. O Ministério Público de São Paulo não se manifestou.

topo ↕

## **G1 - TEMPO REAL**

**Pesquisadoras na PB defendem atuação da mulher na ciência; capacidade é o que define**

**Mulheres orientam quase metade de pesquisas de iniciação científica e pós-graduação em universidades públicas no estado, conforme dados da UEPB, UFCG e UFPB.**

Há mais de duas décadas, a professora Nadja Oliveira traçou o próprio futuro profissional. Estudante do curso de odontologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em 1999, ela decidiu que atuaria no âmbito da pesquisa, mais precisamente, que trabalharia com tecnologia. Referência na área, em sala de aula ela defende a atuação feminina na ciência.

“Incentivo mostrando que o lugar de mulher é onde quisermos estar e que a capacidade técnica e conhecimento é o que define onde podemos chegar”, destacou.

Nadja faz parte das mais de mil professoras que orientam pesquisas no estado. Atualmente, ela é chefe de departamento do curso de odontologia da UEPB, diretora da Fundação Parque Tecnológico da Paraíba, membro de duas comissões da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e coordenadora de um projeto desenvolvido em conjunto com o Ministério da Ciência e Tecnologia.

A professora atua nas linhas de pesquisa de biomateriais, manufatura aditiva, tecnologias 3D, gerenciamento de processos e gestão da qualidade para produtos para saúde.

Com mais de duas décadas de trabalho, Nadja acredita que a pesquisa possui um papel estruturante para a sociedade.

“Através da educação e da pesquisa somos capazes de gerar inovação, impacto social e desenvolvimento econômico no país”, pontuou.

Bruna defende que as mulheres merecem alcançar espaços iguais aos homens — Foto: Bruna Brito/Arquivo pessoal  
Bruna defende que as mulheres merecem alcançar espaços iguais aos homens — Foto: Bruna Brito/Arquivo pessoal

Bruna defende que as mulheres merecem alcançar espaços iguais aos homens — Foto: Bruna Brito/Arquivo pessoal

Assim como Nadja, Bruna Michele Arruda de Brito Buriti, de 26 anos, escolheu a ciência para se dedicar. Ela é doutoranda em engenharia de materiais na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Embora esteja realizada com a escolha que fez, lembra que na época do vestibular pensou em cursar engenharia civil, mas desistiu porque o curso era predominantemente masculino.

Para ela, o cenário mudou e a mulher conquistou espaço em cursos da área de exatas.

“No meu curso não vejo isso [preconceito com as mulheres], existem mais mulheres do que homens. Acho que por ser maioria, a gente tem mais voz. Mas a gente sempre escuta relatos, a gente vê ainda essa dificuldade [enfrentada pelas mulheres]”, lembrou Bruna.

A doutoranda desenvolve uma pesquisa na área de perfuração de solo. Ela descobriu uma argila nova que existe em abundância na natureza e que pode ser extraída sem danificar o meio ambiente, por trabalhar com bases orgânicas biodegradáveis.

Sem hesitar, ela reforça: “A mulher tem que ter espaço como o homem em todas as áreas”.

Mulheres orientam quase metade das pesquisas em universidades públicas da PB

As mulheres orientam cerca de 49,47% das pesquisas de iniciação científica e pós-graduação em universidades públicas no estado. Dos 2.381 projetos de pós-graduação e iniciação científica em andamento, 1.178 são orientados por professoras.

Para quantificar a presença feminina na área, o G1 fez um levantamento com a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Conforme dados cedidos pela assessoria de comunicação da UEPB, a instituição possui 181 pesquisas de mestrado ou doutorado ativas. Delas, 93 são orientadas por mulheres e 88 por homens.

A universidade tem também 385 projetos de iniciação científica ativos. Deles, 206 são orientados por professoras e 179 por professores.

Já de acordo com dados da assessoria de comunicação da UFCG, a universidade tem 46



pesquisas de mestrado e doutorado ativas. Delas, 16 são orientados por mulheres e 30 por homens.

A instituição conta com 613 projetos de iniciação científica. Deles, 285 são orientados por professoras e 328 por professores.

A UFPB, de acordo com dados cedidos pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, pelo menos 194 pesquisas de mestrado ou doutorado estão ativas. Deles, 87 são orientados por mulheres e 107 por homens.

A instituição possui também 962 projetos de iniciação científica ativos. Deles, 491 são orientados por professoras e 471 por professores.

Mais do que números, as instituições apostam em ações para acolher o público feminino no ambiente acadêmico. O G1 selecionou três projetos desenvolvidos nas universidades que promovem impulso profissional e acadêmico para as mulheres.

## Projeto da UEPB incentiva participação feminina na ciência

“Faça ciência como uma garota” é o lema de um projeto que tem o objetivo de incentivar a formação de mulheres para as carreiras de ciências exatas, engenharias e computação no Brasil.

## Projeto incentiva participação feminina na ciência

O "Meninas na Física e na Engenharia" é desenvolvido pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) há menos de um ano e foi criado para integrar um edital lançado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), para incentivar a formação de mulheres para as carreiras de ciências exatas, engenharias e computação no Brasil.

As ações do projeto são lideradas pelo Centro de Ciências, Tecnologia e Saúde (CCTS) da UEPB, localizado no campus VIII da instituição, em Araruna, no Agreste do estado.

Através da ação, cerca de 500 meninas de cinco escolas públicas da zona rural de Araruna, do Curimataú paraibano, participam de atividades científicas ofertadas por um grupo de professores de licenciatura em física.

## Projeto da UFCG incentiva meninas a buscarem carreiras na área de exatas

A UFCG parte para a prática quando o assunto é incentivar o público feminino a alcançar novos espaços. As ações do projeto “As Mulheres na Engenharia e o Ensino Médio” têm a finalidade de despertar o interesse das meninas pela área de engenharia.

Os membros do projeto participam de oficinas de experimentação tecnológica e visitas aos laboratórios da UFCG para apresentação do ambiente acadêmico e das pesquisas desenvolvidas no local.

Participam das ações bolsistas e voluntárias dos cursos de engenharia de materiais, engenharia civil e engenharia de produção e alunas do ensino médio da rede pública de

Campina Grande.

Grupo na UFPB discute papel das mulheres na educação

Na UFCG o papel da mulher na educação virou tema para debate no Departamento de Educação, do campus de Mamanguape, no Litoral Norte da Paraíba. Um grupo formado por integrantes de um projeto de extensão propõe discussões pautadas em autoras que enfatizam em seus trabalhos o combate às desigualdades no campo educacional.

O projeto foi inspirado na obra “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade”, da professora, filósofa e escritora norte-americana Bell Hooks.

De acordo com a coordenadora da ação, a professora Renata Monteiro Garcia, o projeto é uma formação para ampliar os espaços de diálogo sobre fazer educação com os valores dos direitos humanos.

“Vamos discutir temas como pedagogia engajada, revolução de valores e a construção de uma comunidade pedagógica. São assuntos fundamentais para estimular uma educação voltada à integração e ao respeito de distintas vivências, alicerçando as bases dos direitos humanos”, enfatizou.

topo ↕

## **G1 - TEMPO REAL**

**Governador de AL sanciona lei do rateio do Fundeb e anuncia pagamento para quarta**

**Deputados já haviam aprovado projeto de lei, que aguardava sanção de Renan Filho.**

Por G1 AL

O governador Renan Filho (MDB) sancionou a lei sobre o rateio das sobras de recursos do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb) e anunciou que o pagamento será feito na quarta-feira (11).

“Na próxima quarta-feira, o rateio do Fundeb estará na conta de todos os professores da rede estadual de Alagoas”, anunciou Renan Filho.

A Assembleia Legislativa de Alagoas (ALE) havia aprov

Cálculo do rateio

O rateio vai ser calculado dividindo-se o valor original das sobras pela quantidade de servidores habilitados a recebê-lo. A distribuição dos recursos por meio de rateio obedecerá critérios: o valor a ser pago aos profissionais estatutários do magistério terá como base o subsídio da folha do 13º salário, para os que se encontram em efetivo exercício; o valor a ser pago aos profissionais do magistério com vinculação temporária (professores monitores) será feita com base na folha do 13º salário, exercício

topo ↕

## **O DIA - RJ - TEMPO REAL**

**Mulheres na ciência: os desafios da infância ao ambiente acadêmico**

**Apesar de nomes expressivos, a quantidade de mulheres na ciência ainda é considerada desigual**

Por Agência Brasil

Rio - Quando falamos em mulheres ligadas à ciência, lembramos de nomes como Marie Curie – Nobel nas áreas de química e física, ou das cientistas brasileiras Carolina Bori ou Berta Lutz. Apesar de nomes expressivos, a quantidade de mulheres na ciência ainda é considerada desigual.

Segundo o Escritório das Nações Unidas para o Espaço Exterior (Unoosa), em se tratando de pesquisas sobre ciência, tecnologia, engenharias e matemática, as mulheres representam 28,8% desta força de trabalho no mundo, enquanto os homens - 72,2%.

A gerente de Programas da Organização das Nações Unidas (ONU) Mulheres, Ana Carolina Querino, atribui esta disparidade a um fenômeno mundial. Segundo ela, as desigualdades começam na primeira infância, mas continuam a ser desafio na vida adulta.

“A questão das mulheres serem as principais responsabilizadas pelas tarefas de cuidados vai promovendo interrupções e quebras na trajetória acadêmica das mulheres”, diz Ana Carolina Querino.

A dupla jornada de trabalho é apontada também em um estudo do Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast) como uma das principais causas para o afastamento da mulher da carreira científica.

Para a professora do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Carolina Brito, a dupla jornada é apenas um dos pontos do chamado efeito tesoura.

Além deste, ela aponta o preconceito em relação a atuação profissional das mulheres e “entraves no meio acadêmico que fazem a mulher achar que a área científica não é para ela”, diz.

“Quanto mais diversidade - mais qualidade e mais excelência na área”, diz Carolina Brito, que é coordenadora do projeto Meninas na Ciência no campus gaúcho.

No Brasil, levantamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPQ) aponta diminuição da presença feminina à medida que os estudos avançam. Segundo o CNPQ, em 2020, as mulheres representam 58% do total de bolsas da iniciação científica (para graduação) e cai para 35% do total de bolsas de Produtividade em Pesquisa, considerada uma das categorias mais altas.

Quando o assunto é o espaço, a astronomia, a representatividade das mulheres é ainda menor, de acordo com a Unoosa. São 20% de mulheres e 80% de homens ligados a esta força de trabalho.

Para a astrônoma porto-riquenha, pesquisadora do Observatório do Valongo, no Rio de Janeiro, Kárin Menéndez-Delmestre, estes números podem ser mudados com atenção especial às crianças e adolescentes em formação escolar.

Segundo ela, está dentro da escola, no apoio e orientação dos professores uma das soluções para incentivar a participação das mulheres em áreas científicas.

A gerente da ONU Mulheres acredita que mudar este cenário depende de integração entre governo, iniciativa privada e escolas.

topo ↕

## TNONLINE - TEMPO REAL

### Mulheres na ciência: os desafios da infância ao ambiente acadêmico

Por Agência Brasil, TNonline

Quando falamos em mulheres ligadas à ciência, lembramos de nomes como Marie Curie – Nobel nas áreas de química e física, ou das cientistas brasileiras Carolina Bori ou Berta Lutz. Apesar de nomes expressivos, a quantidade de mulheres na ciência ainda é considerada desigual.

Segundo o Escritório das Nações Unidas para o Espaço Exterior (Unoosa), em se tratando de pesquisas sobre ciência, tecnologia, engenharias e matemática, as mulheres representam 28,8% desta força de trabalho no mundo, enquanto os homens - 72,2%.

A gerente de Programas da Organização das Nações Unidas (ONU) Mulheres, Ana Carolina Querino, atribui esta disparidade a um fenômeno mundial. Segundo ela, as desigualdades começam na primeira infância, mas continuam a ser desafio na vida adulta.

“A questão das mulheres serem as principais responsabilizadas pelas tarefas de cuidados vai promovendo interrupções e quebras na trajetória acadêmica das mulheres”, diz Ana Carolina Querino.

A dupla jornada de trabalho é apontada também em um estudo do Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast) como uma das principais causas para o afastamento da mulher da carreira científica.

Para a professora do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Carolina Brito, a dupla jornada é apenas um dos pontos do chamado efeito tesoura.

Além deste, ela aponta o preconceito em relação a atuação profissional das mulheres e “entraves no meio acadêmico que fazem a mulher achar que a área científica não é para ela”, diz.

“Quanto mais diversidade - mais qualidade e mais excelência na área”, diz Carolina Brito, que é coordenadora do projeto Meninas na Ciência no campus gaúcho.

No Brasil, levantamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPQ) aponta diminuição da presença feminina à medida que os estudos avançam. Segundo o CNPQ, em 2020, as mulheres representam 58% do total de bolsas da iniciação científica (para graduação) e cai para 35% do total de bolsas de Produtividade em Pesquisa, considerada uma das categorias mais altas.

Quando o assunto é o espaço, a astronomia, a representatividade das mulheres é ainda menor, de acordo com a Unoosa. São 20% de mulheres e 80% de homens ligados a esta força de trabalho.

Para a astrônoma porto-riquenha, pesquisadora do Observatório do Valongo, no Rio de Janeiro, Kárin Menéndez-Delmestre, estes números podem ser mudados com atenção

especial às crianças e adolescentes em formação escolar.

Segundo ela, está dentro da escola, no apoio e orientação dos professores uma das soluções para incentivar a participação das mulheres em áreas científicas.

A gerente da ONU Mulheres acredita que mudar este cenário depende de integração entre governo, iniciativa privada e escolas.

## **CORREIO BRAZILIENSE - DF - EIXO CAPITAL**

### **Debate nas escolas**

Ex-presidente do PT-DF e do Sindicato dos Bancários, Érika Kokay (PT-DF) está no segundo mandato na Câmara dos Deputados. Antes disso, foi distrital. Ela tem uma série de projetos voltados para a ampliação dos direitos das mulheres, entre os quais o que trata da inclusão, uma vez por ano, de programação pedagógica nas escolas da rede de educação básica com foco no debate sobre o tema do combate à violência contra a mulher. Pela proposta, todas as escolas da rede de educação básica serão obrigadas a incluir a temática na programação normal das aulas durante o mês de agosto, quando se comemora o aniversário da Lei Maria da Penha.

topo ↕

## **FOLHA DE S. PAULO - SP - PAINEL**

### **...puxa**

A medida renderia uma economia de quase R\$ 20 bilhões em dez anos, dinheiro que o governo pretende usar em outras ações sociais. Uma das hipóteses é bancar novo programa voltado aos mais pobres, o que seria a marca de Jair Bolsonaro na área. Outra parte irrigaria o Fundeb.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painel/2020/03/economia-volta-a-cogitar-restringir-abono-a-quem-ganha-um-salario-minimo.shtml>

topo ↕

## **O ESTADO DE S. PAULO - SP - METRÓPOLE**

### **Produção feminina na ciência aumenta e ganha visibilidade**

### **Cada vez mais mulheres publicam artigos científicos, mas poucas ainda chegam a cargos elevados**

O sequenciamento do genoma do novo coronavírus identificado em um brasileiro por um grupo de pesquisa composto em sua maioria por mulheres chamou tanta ou mais atenção que o feito científico em si. Mas mulheres que se destacam na ciência estão longe de ser uma raridade no País. A proporção entre homens e mulheres que publicam pesquisas no Brasil está mais equilibrada. Segundo levantamento, 44,25% dos artigos científicos são publicados por mulheres e 55,75%, por homens. As brasileiras ocupam posições melhores nas áreas médicas e biológicas. A bioquímica Helena Nader, ex-presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e atual vice da Academia Brasileira de Ciências, afirma que há avanços claros, mas destaca que poucas pesquisadoras do Brasil chegaram a cargos elevados. A fim de dar visibilidade ao trabalho das mulheres que fazem ciência no País, foi lançada a plataforma Open Box da Ciência, que selecionou 250 pesquisadoras.

Na semana passada, o esforço para sequenciar o genoma do coronavírus identificado em um brasileiro foi liderado por um grupo de pesquisa composto em sua maioria por mulheres – fato que acabou chamando tanta ou mais a atenção que o feito científico em si. Mulheres que se destacam na ciência, porém, estão longe de ser uma raridade no

País, apesar de ainda reinarem algumas desigualdades.

A proporção entre homens e mulheres que publicam pesquisas no Brasil vem crescendo e está cada vez mais próxima, como revela o recém-publicado relatório A Jornada do Pesquisador pela

Lente de Gênero, da editora científica Elsevier. O levantamento aponta proporção de 0,79 mulher para cada homem que publica artigos. Em porcentagem: 44,25% são mulheres e 55,75%, homens. O estudo foi antecipado pela Revista Pesquisa Fapesp.

A pesquisa considerou a paridade de gênero entre cientistas de 15 países a partir de publicações em periódicos da base Scopus em dois períodos: de 2014 a 2018 e de 1999 a 2003. No intervalo, houve avanço da participação feminina em todo o mundo, passando de 29% para 38%. No Brasil, no início do século, 35,3% dos autores eram mulheres. Em termos de paridade, o País só perde para Portugal (48,32%), e para a Argentina, única nação que tem mais mulheres cientistas assinando artigos que homens: 51%. Mas fica à frente de Estados Unidos (33,62%) e Alemanha (32,02%). A pior proporção foi registrada no Japão – 15,22%.

Mas se na autoria da pesquisa o mundo está mais próximo da paridade de gênero do que há uma década, com o tempo, a proporção

de mulheres para homens como autores diminui. Com isso, eles publicam mais, têm maior impacto e exposição ao avanço da carreira. No Brasil, entre 2014 e 2018, cada homem publicou, em média, 4,27 artigos, ante 3,11 por mulher. A diferença teve pouco impacto no nível de citação dos autores, que foi similar para os dois gêneros.

Cargos de chefia. “Em geral a presença feminina melhorou como um todo na educação no País. No ensino médio, elas completam mais os estudos. Uma

análise da OCDE com pessoas entre 18 e 30 anos mostrou que enquanto 30% delas não haviam terminado o ensino médio, entre os homens era mais de 40%”, comenta a bioquímica Helena Nader. Ex-presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e atual vice-presidente da Academia Brasileira de Ciências (ABC), ela afirma que há avanços claros, mas pondera que ainda são poucas pesquisadoras do Brasil que chegam a cargos elevados.

“O cenário está melhorando, hoje as mulheres são maioria entre

os ingressantes do ensino superior e elas também se formam mais que os rapazes. Na pós, como um todo, também, mas entre os bolsistas de produtividades do CNPq os homens ainda são maioria”, aponta Helena. As bolsas do CNPq, principal órgão de fomento à ciência do País, têm os valores mais altos e aumentam à medida que cresce a produção do pesquisador. Levantamento da ONG Gênero e Número sobre a base do CNPq em 2015 observou que apenas 25% dos bolsistas 1A, o nível mais elevado, eram mulheres.

A fim de dar visibilidade ao trabalho das cientistas brasileiras, foi lançada recentemente a plataforma Open Box da Ciência, que destacou 250 pesquisadoras. Helena é uma delas. A cirurgiã Angelita Habr-Gama também (leia na pág. A15). Abaixo há as

histórias de outras três.

Distribuição. A distribuição mais equânime por autores, porém, não ocorre em todas as áreas. As brasileiras ocupam posições melhores em Médicas e Biológicas. Entre os artigos publicados de 2014 a 2018, a participação feminina era majoritária na autoria de estudos sobre diabetes e endocrinologia (1,44 mulher para cada homem); psicologia (1,65) e pediatria (1,81). A área com mais mulheres é enfermagem, com 2,7 para cada homem – hegemonia que se repete no mundo e que no Brasil aumentou ao longo dos anos.

Chamam a atenção os saltos em algumas áreas. Em fertilidade e nascimento, elas deixaram de ser minoria no período de 1999 a 2003 (0,8 para cada homem) para se tornarem maioria entre 2014 a 2018 (1,53 para 1), assim como em clínica médica geral (de 0,77 para 1,32) e em neurociência (de 0,85 para 1,20).

Nas exatas, ainda há sub-representação. Só 0,25 para 1 em Ciência da Computação e em Matemática – praticamente igual às taxas de 20 anos atrás. Nas engenharias e em energia, 0,3 para cada homem. Mas houve avanços. Em ciências planetárias, a proporção subiu de 0,26 para 0,46 para cada homem. Em economia, foi de 0,1 para 0,4.

Sob ataque

“A ciência está sob ataque. O País está retrocedendo, com machismo, com piada de mulher. Está voltando a velha ideia de que a responsabilidade dos filhos, da casa, é da mulher. É preciso que se mantenham os recursos na ciência, ou não vamos ter nem mulher nem homem na ciência”

Helena Nader

VICE-PRESIDENTE DA ABC

topo ↕

## **O GLOBO - RJ - O PAÍS**

### **A oposição faz a união**

#### **Sem diálogo com Bolsonaro, governadores somam forças em pautas e ações conjuntas**

A convicção de que o presidente Jair Bolsonaro não está disposto a se sentar à mesa para ouvir as demandas dos estados e a consciência de que os problemas enfrentados por um chefe de Executivo hoje podem ser os mesmos que outro terá amanhã colocaram lado a lado governadores de distintas matizes ideológicas. A postura reativa e, em muitos momentos, beligerante do Planalto deu caráter institucional a um grupo heterodoxo que reúne de João Doria (PSDB-SP) e Wilson Witzel (PSC-RJ) a Flávio Dino (PC do B-MA) e Rui Costa (PT-BA), todos apontados como possíveis candidatos à Presidência da República em 2022.

Nesse contexto, a atuação em conjunto de ao menos 20 dos 27 governadores do país passou a ser cada vez mais frequente e em temas que vão além da crise fiscal das unidades federativas. Colocando as divergências em segundo plano, eles têm organizado viagens sem o governo federal, oferecido auxílio mútuo e até realizados licitações conjuntas.

- A falta de diálogo com o presidente leva a um diálogo dos governadores com mais intensidade e frequência - diz o governador do Rio, Wilson Witzel (PSC).

- O Brasil precisa estar em paz, harmonia e na defesa intransigente da democracia. Sem

respeito a essas posições não haverá desenvolvimento econômico - afirma o governador de São Paulo, João Doria (PSDB).

As conversas acontecem todos os dias pelo grupo de WhatsApp "Fórum de Governadores". Ali, por exemplo, foram definidos a atuação conjunta no Congresso e os gestos mais enfáticos de contraposição a Bolsonaro.

Integrantes do grupo disseram ao GLOBO que foi acertada por esse canal a estratégia de cada um deles atuar diretamente junto a suas respectivas bancadas no Legislativo para fazer avançar pautas caras aos estados - como pacto federativo, refinanciamento das dívidas e reforma tributária.

A avaliação é que diante da grave crise fiscal dos estados os governadores estão unidos em torno de interesses comuns que os possibilitem levar suas gestões até o final.

Parte dos governadores diz que esse sentimento de coletividade foi ganhando força a cada sinal de Bolsonaro. Foi no grupo de mensagens que surgiu, por exemplo, a ideia de reagir publicamente à declaração do presidente sobre cortar tributos federais dos combustíveis caso os estados abrissem mão do ICMS.

Esse manifesto, escrito a 40 mãos, acabou se transformando em uma nota de desagravo a Rui Costa. O governador baiano no mesmo dia virou alvo de ataques de Bolsonaro após a morte do ex-capitão do Bope Adriano da Nóbrega, miliciano com parentes empregados no gabinete de Flávio Bolsonaro, filho mais velho do presidente.

Embora tenham usado a dura carta divulgada em 17 de fevereiro para convidar Bolsonaro para o próximo encontro do Fórum de Governadores, no dia 14 de abril, a maioria não vê possibilidade de o presidente estabelecer uma relação com o grupo. A avaliação é a de que, forjado e eleito no discurso da antipolítica, Bolsonaro não fará qualquer esforço para estabelecer o diálogo.

O exemplo mais recente dessa união aconteceu em meio ao motim de policiais no Ceará, quando o presidente ameaçou não renovar a Garantia da Lei e da Ordem (GLO), que permitiu a atuação das Forças Armadas no estado. O petista Rui Costa se juntou aos anti-petistas Witzel e Doria para colocar à disposição de Camilo Santana (PT) suas forças de segurança. Mais do que um gesto para um colega, governadores dizem que o movimento foi um claro recado ao Planalto.

Governadores do bloco dizem que, graças ao comportamento beligerante do presidente, nunca os chefes dos Executivos estaduais estiveram tão unidos. O grupo, no entanto, ganhou nova roupagem a partir do momento em que Witzel e João Doria romperam com Bolsonaro e, de aliados, passaram a alvo de ataques.

Os que sempre estiveram na oposição ao governo dizem que a chegada dos dois ampliou as funções do grupo e pode até ter impacto nas eleições presidenciais de 2022. A avaliação é a de que, ao pregar o conflito, o presidente tem ajudado a consolidar uma ampla frente político-partidária. Para o governador do Espírito Santo, Renato Casagrande (PSB), essa atuação conjunta pode ser o embrião de uma "aglutinação eleitoral" que busque uma saída para o que ele chama de "radicalização".



## Consórcios e parcerias

Com essa circunstância, a atuação de consórcios regionais foi revigorada, especialmente na busca de atrair investimentos estrangeiros sem intermediação do governo federal. No ano passado, os governadores nordestinos estiveram na Europa para prospectar investimentos e parcerias para a região. Eles visitaram juntos França, Itália e Alemanha. Foram discutidos projetos integradores de infraestrutura e desenvolvimento, além de possíveis parcerias com organismos internacionais.

Em novembro do ano passado, numa ação ainda mais concreta, o Consórcio Nordeste decidiu por uma compra conjunta de dez tipos de medicamentos com economia de aproximadamente 30%, segundo o grupo. A aquisição coletiva gerou uma redução de gastos de R\$ 48 milhões nos cofres estaduais.

Diante do descaso do governo Bolsonaro com a pauta ambiental, no ano passado, governadores da chamada Amazônia Legal assumiram as negociações por conta própria para a retomada de repasses de recursos para o Fundo Amazônia e tiveram reuniões diretas com representantes de Noruega e Alemanha. Também na contramão do governo federal, o consórcio da região organizou um painel na cúpula do clima realizada em Madri pela Organização das Nações Unidas para expor ações de sustentabilidade tocadas pelos estados.

### As ações em conjunto dos governadores

Chefes dos Executivos estaduais têm se articulado em temas como investimentos e impostos

### Nordeste

O Consórcio Nordeste, criado em março do ano passado, já realiza compras governamentais em conjunto para os nove estados da região - como medicamentos. Em novembro, os governadores do consórcio fizeram uma viagem por França, Alemanha e Itália em busca de investimentos.

### Amazônia

Os governadores da região Norte e mais Mato Grosso e Maranhão articularam o Consórcio da Amazônia Legal para alavancar recursos para o desenvolvimento sustentável da região. Durante a Cúpula Mundial do Clima em Madri, no fim do ano passado, o consórcio realizou um evento paralelo para investidores.

### Pacto federativo

Governadores definiram a estratégia de atuar diretamente junto a suas respectivas bancadas no Congresso para influenciar nos projetos em andamento sobre a reforma tributária e o pacto federativo, com forte potencial de impacto nas finanças.

### Educação

Os governadores trabalham pela aprovação da proposta que torna permanente o Fundo

de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb), principal fonte de financiamento da área cuja vigência acaba no fim deste ano.

topo ↕

## O GLOBO - RJ - RIO

**Um professor que é empenhado em ensinar a Gamboa a sentir orgulho  
Na quarta reportagem da série sobre anônimos que dão alma à cidade, Sérgio Monte surge como uma figura importante no resgate da história e da autoestima dos moradores da Zona Portuária**

Para conversar com Sérgio Monte na Praça da Harmonia, o “quintal” de sua casa, na é preciso disputar a vez com vários moradores da Zona Portuária. Sérgio é popular pacas. Fala com todo mundo, brinca com todo mundo. Integrante de uma das famílias mais antigas da região — que vive na mesma casa desde 1913 —, ele carrega na alma o dito “antiguidade é posto”. Professor de história, filosofia e teatro, Sérgio é uma espécie de guardião da memória do luga ronde estão fincadas suas raízes. Divide seu conhecimento com alunos do ensino médio de escolas estaduais da Rocinha, do Vidigal e de Japeri, na Baixada. Para eles, o professor se destaca como “ocara que sabe tudo” de um importante pedaço do mapa do Rio. —Visconde de Mauá viveu na Gamboa. E, até os anos 1970, existiam muitos portugueses e africanos por aqui, como meu avô, que veio de Cabo Verde. Lembro perfeitamente das ruas de chão batido — conta Sérgio, acrescentando que o Cemitério dos Ingleses, o mais antigo do Brasil ainda em atividade, fica na Zona Portuária. Do chão batido até hoje, Sérgio, que é filho de um jornalista e uma dona de casa, viu muita coisa passar na Gamboa. Há três anos, segundo ele, a violência estava levando muita gente ase mudar; os tiroteios no entorno do Morro da Providência

eram constantes. Ele diz que, hoje, o bairro está numa boa fase, quase de redescoberta.

— O Elevado da Perimetral foi construído para esquecerem isso aqui. Quando eu pegava um táxi e falava para o motorista me levar à Gamboa, à Praça da Harmonia ou à Saúde, ele perguntava “mas ainda mora gente por lá?”. Agora, as pessoas vêm redescobrimdo essa região. O interesse começou com o Boulevard Olímpico, que foi importante demais. Muitos cariocas estão conhecendo, por exemplo, a maravilha que é a escadaria do Museu da História e Cultura Afro-Brasileira. Ter uma construção daquela em uma região muito pobre é algo incrível.

## UM MAR DE RECORDAÇÕES

A Gamboa das lembranças do professor inclui o período da ditadura militar e um cheiro nada bom. — Quando eu tinha 8 anos, sentia, muitas vezes, um cheiro forte de gás lacrimogêneo, que era jogado para dispersar as passeatas estudantis na Avenida Presidente Vargas. A população da Zona Portuária era politizada, questionava a ditadura. O Sindicato dos Estivadores, aqui perto, guarda muito desse período. As memórias do professor, que tem como hobby colecionar objetos antigos, como máquinas de escrever e de costura que garimpa em feiras de antiguidades, não ficam apenas no olfato, tomam todos os sentidos. —O barulho do Moinho Fluminense, que parou há uns três anos, impressionava muito quem não era daqui, mas a gente nem o percebia mais. Foi só em 2010, quando colocaram um aparelho para tirar o som, que nos demos conta do quanto era agudo. Histórias vividas e pesquisadas montam o quebra-cabeças no qual Sérgio mostra um amplo retrato da Gamboa de ontem e hoje: —

Sou apaixonado pela esquina das ruas Antônio Lage e Sacadura Cabral, que foi a barricada da Revolta da Vacina, em 1904. Costumo dizer que esse foi o primeiro grito em busca de cidadania na era republicana. A devoção pelo levante acabou em samba. Em 2004, ano do centenário da revolta, o estivador que liderou o movimento, Horácio José da Silva, conhecido como Prata Preta, inspirou o nome de um então pequeno bloco de carnaval criado na rua de Sérgio: o Cordão do Prata Preta. É isso mesmo: o Prata Preta, que este ano arrastou milhares de pessoas pela ruelas da Gamboa, teve o dedo do professor em seu nascimento e batismo. —A ideia original era que fosse uma coisa pequena. Na época, fomos até o Cordão da Bola Preta para falar que ia surgir o bloco, para que não achassem estranha a semelhança do nome. Hoje, fico orgulhoso de todo mundo da região conhecer a história do Prata Preta —diz Sérgio. O professor também idealizou um projeto educacional. Ele recebeu, há um ano, uma doação de mais de mil livros didáticos. Uma parte do material foi entregue a alunos de cursos comunitários da Providência; uma outra Sérgio usou em aulas que ministrou na quadra de esportes de uma escola de Japeri e na sede da Sociedade Dramática Particular Filhos

de Talma, a instituição teatral mais antiga do Rio. Cerca de 120 alunos participaram, e houve até aprovados para a UFRJ. A experiência está documentada e existe uma minuta para que vire algo maior.

— O Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb) permite aulas em lugares abertos. Por que não utilizamos clubes que estão à míngua, em parceria com a Secretaria de Educação? Ia movimentar esses espaços, e professores do estado poderiam ganhar hora extra — sugere Sérgio, com a certeza de que teve uma boa ideia.

— A molecada precisa entender a importância que o Rio Antigo tem para o Brasil. Assim, vão dar mais valor ao local onde vivem. Quando você fala na história do país na virada do século XIX para o XX, tudo aconteceu aqui. Ocupar espaços ociosos com educação pode suprir carências do ensino fundamental, por exemp

topo ↕

## DIÁRIO DO AMAZONAS - AM - BRASIL

### Capes inicia novo modelo para a concessão de bolsas de pós-graduação

A **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)** iniciou, na última sexta-feira (6), o novo modelo de concessão de bolsas de pós-graduação para mais de 350 instituições de Ensino Superior públicas e privadas do país. A distribuição será com base no desempenho acadêmico e no Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) da cidade onde o curso é ofertado. A relação das bolsas de mestrado e doutorado será divulgado no site da autarquia, e estarão disponíveis para serem distribuídas pelos cursos aos estudantes em março. Essa é a primeira vez que a **Capes** define regras unificadas para a concessão do benefício. Serão redistribuídas 84,1 mil bolsas.

Não se tratam de novas bolsas, mas de bolsas existentes que serão redistribuídas de forma gradual de acordo com os critérios estabelecidos pela **Capes**. Os estudantes que já têm bolsas de estudo não se apenas para as vagas que estão desocupadas ou cuja previsão de conclusão de pesquisa seja este ano. Cursos que perderem bolsas pelo novo cálculo, mas que estiverem com as bolsas ocupadas, permanecem com as bolsas até a conclusão das pesquisas, mas não poderão ofertar o benefício a novos estudantes. Atualmente, as universidades e os programas de pós-graduação têm uma determinada quantidade de bolsas. Se um bolsista conclui a pesquisa, a bolsa é repassada para um novo bolsista do mesmo programa. Agora, as bolsas não permanecerão,

necessariamente, no mesmo programa. Um curso de mestrado ou doutorado poderá perder ou ganhar bolsas de acordo com os critérios estabelecidos.

[topo](#)

## DIÁRIO DO PARÁ - PA - BRASIL

### Capex inicia modelo de concessão de bolsas

A **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capex)** iniciou na sexta-feira o novo modelo de concessão de bolsas de pós-graduação para mais de 350 instituições de ensino superior públicas e privadas do país. A distribuição será com base no desempenho acadêmico e no Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) da cidade onde o curso é ofertado.

A relação das bolsas de mestrado e doutorado será divulgada no site da autarquia, e estarão disponíveis para serem distribuídas pelos cursos aos estudantes em março. Serão redistribuídas 84,1 mil bolsas.

Não se tratam de novas bolsas, mas de bolsas existentes que serão redistribuídas de forma gradual de acordo com os critérios estabelecidos pela **Capex**. Os estudantes que já têm bolsas de estudo não serão atingidos. As regras valem apenas para as vagas que estão desocupadas ou cuja previsão de conclusão de pesquisa seja este ano.

## CURSOS

Cursos que perderem bolsas pelo novo cálculo, mas que estiverem com as bolsas ocupadas, permanecem com as bolsas até a conclusão das pesquisas, mas não poderão ofertar o benefício a novos estudantes. Atualmente, as universidades e os programas de pós-graduação têm uma determinada quantidade de bolsas de estudos. Se um bolsista conclui a pesquisa, a bolsa é repassada para um novo bolsista do mesmo programa.

Agora, as bolsas não permanecerão, necessariamente, no mesmo programa. Um curso de mestrado ou doutorado poderá perder ou ganhar bolsas de acordo com os critérios estabelecidos. Haverá uma transição para que os cursos não sejam prejudicados. Eles poderão perder, no máximo, 10% das bolsas ou ganhar até 30% das bolsas atuais.

[topo](#)

## O SUL - RS - GERAL

### Saiba como a ciência brasileira se destaca no enfrentamento do novo coronavírus

A ameaça representada pelo coronavírus tem permitido algumas demonstrações de competência do setor público. Até agora, O Ministério da Saúde está com intensa e correta presença nos meios de comunicação, para passar informações úteis à população, e de forma constante. Parece haver, ainda, uma razoável articulação no setor, entre a pasta, secretarias estaduais, laboratórios públicos etc. Isso passa segurança à população,

que paga a elevada conta da máquina estatal. Por enquanto, tudo funciona bem, mas nada indica que não funcionará se o número de infectados crescer.

Há uma outra área, vilipendiada e vista com desconfiança por extremistas do governo que renegam a ciência e consideram todo intelectual um esquerdista, que demonstra uma competência que provavelmente segmentos mais obscurantistas não conheciam. Quem sabe da capacidade de pesquisa de instituições brasileiras não se surpreendeu com o sequenciamento do genoma do coronavírus que chegou ao Brasil, 48

horas após sua identificação, feito por cientistas do Instituto Adolfo Lutz, do departamento de medicina tropical da Faculdade de Medicina da USP em trabalho conjunto com a Universidade de Oxford. A descoberta pode ajudar no desenvolvimento de vacinas, objetivo que está sendo perseguido por cientistas no mundo, entre eles brasileiros.

Existe um repertório de trabalhos já executados em laboratórios no país. Há três anos, a revista “Time” incluiu na lista de pesquisadores mais influentes do mundo a goiana Celina Turchi, também citada na relação dos dez cientistas mais importantes da revista “Nature”, em 2016. Celina, médica epidemiologista, pesquisadora convidada da Fundação Oswaldo Cruz de Pernambuco, foi pessoa-chave na construção de uma rede mundial de cientistas que, em três meses, identificou a associação do vírus da zika com a microcefalia em fetos.

Ainda assim, os recursos públicos de que a ciência necessita escasseiam. O orçamento do Ministério da Ciência de 2020 teve um aumento de mas as verbas da **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)**, para bolsas, foram cortadas em 30%, e o dinheiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para a compra de insumos e equipamentos destinados a laboratórios sofreu uma redução de 80%.

Deve-se informar ao presidente Bolsonaro sobre este quadro, aproveitando o destaque do coronavírus na mídia. Inclusive em redes sociais, tão frequentadas por ele. Enfim, embora com atraso, ele apareceu ontem em cadeia nacional para falar à nação sobre a epidemia.

Novos casos O Ministério da Saúde informou, neste sábado, que aumentou para 19 o número de casos confirmados do novo coronavírus no Brasil. Na sexta-feira, eram 13 os pacientes confirmados pela pasta. São Paulo é o estado com a maior quantidade: são 13 pessoas doentes. Em seguida, vem o Rio de Janeiro e a Bahia, com duas pessoas contaminadas pelo vírus. Espírito Santo e Distrito Federal têm um caso confirmado cada.

O surgimento do novo coronavírus vem gerando preocupação desde a constatação do surto, que começou na China. Ao longo das semanas, casos de pacientes contaminados apareceram em diferentes países. Segundo autoridades, é inevitável o aumento no número de doentes também no Brasil, mas especialistas garantem que não há motivo para pânico.

Inicialmente, o ministério divulgou que havia 17 casos confirmados no país neste sábado. No entanto, minutos depois, a Secretaria de Saúde do Distrito Federal confirmou o primeiro caso em Brasília, o que elevou para 18 o número de pacientes com Covid-19. Pouco depois, mais um caso foi confirmado, desta vez na Bahia.

A paciente do Distrito Federal é uma mulher de 52 anos que está em estado grave. Seu quadro é delicado porque ela possui uma “síndrome respiratória aguda em função de doença crônica preexistente”, de acordo com a Secretaria de Saúde do DF, e está internada no Hospital Regional da Asa Norte

(HRAN).

topo 

## A TARDE - BA - BAHIA

### Presença feminina cresce nos centros de pesquisa baianos

Grandes centros de produção de pesquisa, as universidades públicas baianas têm 5.561 mulheres nos seus quadros docentes, o que representa 50,8% do total. A partir de dados do Ministério da Educação, o levantamento foi realizado pela Secretaria da Ciência, Tecnologia e Inovação (Secti), que pela segunda vez tem uma mulher como titular e tem implementado ações de fomento à presença feminina na ciência.

A secretária Adélia Pinheiro conta que estão estruturando um programa para promover a participação de mais mulheres nas áreas foco da Secti e buscando a inclusão de ações afirmativas com esse objetivo na Política Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação.

Adélia ressalta que esse recorte de gênero já esteve presente no último edital da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb), cujo resultado ainda será divulgado. “Pesquisadoras negras e mulheres que apresentaram projetos terão uma pontuação diferenciada”, explica.

De acordo com uma pesquisa sobre questões de gênero no ambiente de pesquisa científica de doze países, divulgada em 2017 pela Elsevier, o Brasil é um dos nove países onde as mulheres representam mais de 40% dos pesquisadores.

No entanto, a participação não é uniforme nas diferentes áreas de conhecimento. Na física, por exemplo, as mulheres eram menos de 25% do total, e entre os inventores representavam somente 14%. Já no campo da medicina e saúde em geral, no qual a titular da Secti fez graduação, mestrado e doutorado, as mulheres já são maioria no Brasil.

Ao longo da sua carreira de pesquisadora e professora, Adélia ocupou vários cargos de gestão na Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc), chegando à reitoria. Foi durante a sua segunda gestão como reitora que ela recebeu o convite para assumir a Secti, onde formou uma equipe que reúne mulheres em cargos fundamentais para o desenvolvimento científico na Bahia.

A secretária afirma que marcou posição quanto a gênero, especialmente, na escolha da chefe de gabinete Mara Clécia Dantas Souza e da diretora geral Ila Baraúna Mendes. Adélia ressalta também a presença de Adriana Teive e Argolo do Vale Froes na Diretoria de Infraestrutura para o Desenvolvimento Científico, esclarecendo que essa é uma área tipicamente dominada por homens.

### Representação

A equipe de gestão da Secti tem ainda Sahadra Josephina Palmeira na Diretoria de Políticas e Programas, além de quatro mulheres em cargos de coordenação: Sílvia Almeida Barbosa nos Recursos Humanos, Adriana Souza na Contabilidade Setorial, Adriana Oliveira na Gestão Organizacional de TIC (Tecnologia da Informação e Comunicação) e Hildete Silva na área orçamentária.

Adélia conta que a busca por maior representação feminina também aparece nos conselhos vinculados à Secti e no conselho curador da Fapesb. Ela argumenta que nem

sempre é possível obter paridade entre homens e mulheres, pois algumas cadeiras são de representação e nesse caso os ocupantes são escolhidos pelas respectivas instituições.

“Somente recentemente a proporção de mulheres no magistério superior vem aumentando”, observa a titular da Secti. Ela acrescenta que a ocupação de cargos de gestão nas universidades e instituições públicas também precisa avançar de forma mais pronunciada. “Considero que isso é uma característica que marca uma cultura que exclui mulheres, que dificulta o acesso a mulheres, que não estimula mulheres à participação nessa carreira e em outras também”, conclui.

Sandra de Assis | Foto: Acervo Pessoal

Sandra de Assis | Foto: Acervo Pessoal

“Quando estava prestando vestibular, eu já me via em um laboratório de pesquisa desenvolvendo produtos novos”, conta Sandra de Assis, 46 anos, coordenadora do Laboratório de Enzimologia e Tecnologia das Fermentações da Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs). Com esse sonho na cabeça, ela buscou a iniciação científica no começo da graduação em Farmácia, cursada em São Paulo, estado onde nasceu. O estudo da interferência da enzima pectina no processamento da acerola foi o 1º tema de pesquisa, ganhando aprofundamentos sucessivos no mestrado e doutorado, realizados em São Paulo, com um período em Portugal. Sua mudança para a Bahia foi motivada pela oportunidade de ser professora da Uefs, onde foi empossada no início de 2005. Vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Biotecnologia da universidade, Sandra conta que não encontrou barreiras por ser mulher, tendo atuado em ambientes com forte presença feminina. O resultado do seu estudo mais recente é um material cicatrizante produzido a partir do extrato de abacaxis híbridos. Foi o caso do incêndio na boate Kiss que chamou a atenção da pesquisadora para a importância do desenvolvimento de novos produtos para cicatrização de feridas na pele. Na mesma época, a Embrapa a procurou e ofereceu uma grande variedade de abacaxis, fruta rica em bromelina, uma enzima com propriedades anti-inflamatórias. “Eu nunca tinha trabalhado com bromelina, então tive de fazer um estudo aprofundado, montar técnicas, metodologias...”. A meta agora é promover melhorias no produto e patentear.

Cátia Libarino | Foto: Acervo Pessoal

Cátia Libarino | Foto: Acervo Pessoal

O interesse da engenheira florestal Cátia Libarino, 26 anos, por pesquisa científica surgiu ainda no ensino médio, quando optou pelo curso técnico de Meio Ambiente do Instituto Federal da Bahia (Ifba) de Vitória da Conquista. Nascida em São Paulo, ela mudou para Conquista com a família há 19 anos e acaba de terminar o seu mestrado em Ciências Florestais na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb).

“Desde a época da graduação eu já trabalhava no laboratório de microbiologia no diagnóstico de doenças em plantas”, ressalta Cátia, comentando a escolha pelo estudo do óleo de eucalipto como fungicida para o mestrado. A ideia partiu da observação de um fungo que infecta árvores de macadâmia e foi reforçada pelo seu interesse no desenvolvimento sustentável e na valorização de produtos florestais.

Enquanto finaliza a etapa de tradução para publicação de artigos sobre sua pesquisa, a jovem esclarece que o potencial do óleo foi provado em laboratório, mas ainda não foram realizados experimentos em campo. Cátia ainda não tem previsão para iniciar um doutorado, mas pretende dar continuidade ao desenvolvimento desse produto à base de

eucalipto.

Mesmo destacando que na sua trajetória, desde a iniciação científica até o mestrado, as equipes nas quais atuou tiveram presença feminina expressiva, Cátia considera que algumas barreiras ainda precisam ser derrubadas.

“Nas áreas agrárias eu percebo que ainda há muita resistência nessa questão de ir ao campo, de achar que a mulher não tem força suficiente...”, comenta.

Neuza Alcântara | Foto: Adilton Venegeroles | Ag. A TARDE

Neuza Alcântara | Foto: Adilton Venegeroles | Ag. A TARDE

Faz dois anos que Neuza Alcântara, 66 anos, está aposentada, mas a paixão pela pesquisa científica ainda não permitiu que parasse de trabalhar. Não bastassem os mestrados e doutorandos que já estavam sob sua orientação no Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Bahia (Ufba), ela ainda aceitou um novo.

Outro motivo para continuar a carreira de professora e pesquisadora da Ufba, iniciada em 1985, é o desejo de inserir no mercado as duas vacinas que desenvolveu e patenteou nos últimos anos. Uma delas para combater a larva migrans visceral em cães e gatos e a outra para a cura de doenças alérgicas, cuja vantagem sobre as existentes é a quase extinção de efeitos adversos.

“Trabalhar na universidade fazendo pesquisa, ensinando alunos, é muito mais gratificante para mim. Me considero vitoriosa na carreira que escolhi”, declara Neuza, baiana nascida em Lençóis. Entre os destaques estão o mestrado realizado entre Salvador e Londres e o doutorado com etapa em Nova York. Em ambos, o tema foi o protozoário causador da Doença de Chagas.

Mesmo tendo começado sua carreira em um cenário de menor participação feminina, ela considera que no ambiente universitário as mulheres não costumam encontrar dificuldades de ascensão.

Na sua avaliação, o que ela não conseguiu está relacionado a sua aversão a questões administrativas e consequente recusa a ocupar chefias e coordenações. Ela ressalta que cargos de gestão são levados em conta pelo CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) na concessão de algumas bolsas.

topo ↕

## **ESTADO DE MINAS - MG - EM DIA COM A POLÍTICA**

### **Fundeb**

O secretário do Tesouro Nacional, Mansueto Almeida, ainda faz contas. Não consegue saber ainda qual é o percentual máximo que será possível destinar ao Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica. Isso mesmo, embora pareça falta de educação.

topo ↕

## **AGÊNCIA ESTADO - TEMPO REAL**

### **MAIS MULHERES, CADA VEZ MAIS, FAZEM CIÊNCIA NO BRASIL**

**Em 20 anos, presença feminina passou de 35% para 44% entre os pesquisadores que publicam estudos**



Na semana passada, o esforço para rapidamente sequenciar o genoma do coronavírus identificado em um brasileiro foi liderado por um grupo de pesquisa composto em sua maioria por mulheres – fato que acabou chamando tanta ou mais atenção que o feito científico em si. Mulheres que se destacam na ciência, porém, estão longe de ser uma raridade no País, apesar de ainda reinarem algumas desigualdades.

A proporção entre homens e mulheres que publicam pesquisas no Brasil vem crescendo e está cada vez mais próxima, como revelou o recém-publicado relatório A Jornada do Pesquisador pela Lente de Gênero, da editora científica Elsevier. O levantamento aponta uma proporção de 0,79 mulher para cada homem que publica artigos no Brasil. Em porcentagem: 44,25% são mulheres e 55,75%, homens. O estudo foi antecipado pela Revista Pesquisa Fapesp.

A pesquisa considerou a paridade de gênero entre cientistas de 15 países – além da União Europeia como bloco – a partir de publicações em periódicos da base Scopus em dois períodos: entre 2014 e 2018 e entre 1999 e 2003.

Ao longo desses 20 anos, houve um avanço da participação feminina em todo o mundo. Passou de 29% para 38% o número de mulheres entre os autores de pesquisas científicas. No Brasil, no início do século, 35,3% dos autores eram mulheres.

Atualmente, em termos de paridade, o País só perde para Portugal (48,32%), e para a Argentina, única nação que tem mais mulheres cientistas assinando artigos que homens: 51%. Mas fica à frente de países como Estados Unidos (33,62%), Alemanha (32,02%) e França (38,91%). A pior proporção foi registrada no Japão, com apenas 15,22% de mulheres entre os autores de pesquisas.

Mas se na autoria da pesquisa, o mundo como um todo está mais próximo da paridade de gênero do que há uma década, com o tempo, a proporção de mulheres para homens como autores diminui. Isso contribui para que os homens publiquem mais, tenham maior impacto e exposição ao avanço da carreira internacional.

No Brasil, no período de 2014 a 2018, cada homem publicou, em média, 4,27 artigos, ante 3,11 por mulher. Mas essa diferença, aparentemente, teve pouco impacto no nível de citação dos autores por outros pesquisadores, que foi similar para os dois gêneros.

## CARGOS DE CHEFIA

“Em geral a presença feminina melhorou como um todo na educação no País. No ensino médio, elas completam mais os estudos que os meninos. Uma análise feita pela OCDE com pessoas entre 18 e 30 anos mostrou que enquanto 30% delas não havia terminado o ensino médio, entre os homens era mais de 40%”, comenta a bioquímica Helena Nader, de 72 anos.

Ex-presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e atual vice-presidente da Academia Brasileira de Ciências (ABC), Helena afirma que há avanços claros, mas pondera que ainda são poucas as pesquisadoras do Brasil que chegam a cargos elevados na academia.

“O cenário está melhorando, hoje as mulheres são maioria entre os ingressantes do ensino superior e elas também se formam mais que os rapazes. Na pós, como um todo,

também, mas entre os bolsistas de produtividades do CNPq os homens ainda são maioria”, aponta.

Essas bolsas do CNPq, principal órgão de fomento à ciência do País, têm os valores mais altos e aumentam à medida que cresce a produção do pesquisador. Levantamento feito pela ONG Gênero e Número sobre a base do CNPq em 2015 observou que apenas 5% dos bolsistas 1A

topo ↕

## **FAROL DA BAHIA - TEMPO REAL**

### **MEC faz acordo com faculdade de coaching religioso alvo de sentença no Brasil Instituição americana é investigada por oferta irregular de cursos**

O governo federal assinou um protocolo de intenções para ampliar parcerias de universidades brasileiras com uma instituição a americana especializada em coaching religioso. A Florida Christian University já foi alvo de sentença por oferta irregular de mestrados no Brasil.

O MEC (Ministério da Educação) e a **Capex (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)** firmaram parceria com a universidade dos EUA, apesar de a instituição não ter passado pelos processos de cooperação internacional da agência.

Entre seus principais cursos, apontados pela própria instituição, estão um mestrado de artes do coaching e um bacharelado em aconselhamento cristão. Um dos objetivos dessa formação é tornar o aluno capaz de integrar conhecimento filosófico, literário e histórico dentro da visão bíblica. A Florida Christian afirma em suas páginas que busca preparar profissionais, leigos e pastores para cumprir suas vocações com valores cristãos.

topo ↕

## **JORNAL OPÇÃO - ON LINE**

### **“O verbo dominante nos vídeos dos intelectuais bolsonaristas é eliminar. E o substantivo é limpeza”**

Professor doutor da UERJ diz que guerra cultural bolsonarista vem de “tradução inesperada, de consequências funestas”, da doutrina de segurança nacional da Escola Superior Militar

“As pessoas não levam a sério a guerra cultural bolsonarista.” O tom é de alerta. É essa mesmo a intenção do professor doutor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), João Cezar de Castro Rocha, que trabalha na conclusão de um livro sobre o que chama de guerra cultural bolsonarista. “É uma guerra cultural que fala dois idiomas”, explica.

De acordo com as hipóteses levantadas pelo professor titular de Literatura Comparada, doutor em Letras pela UERJ e Literatura Comparada pela Stanford University, nos Estados Unidos, a destruição das instituições e a eliminação simbólica do inimigo interno são pontas de lança do projeto autoritário do presidente Jair Bolsonaro (sem partido).

Castro Rocha afirma: “Há um ressentimento enorme. Há um revanchismo evidente. Há um desejo de destruir todas as instituições que caminharam no sentido do fortalecimento da democracia e da salvaguarda das instituições”. E tudo parte de um livro secreto escrito pelos militares a partir de 1986 sob o comando do então ministro do

Exército, general Leônidas Pires Gonçalves.

De onde parte o que o sr. chama de guerra cultural na estrutura do governo Bolsonaro? Minha ideia surgiu de uma perplexidade. Em um primeiro momento, provavelmente todos nós ficamos muito surpresos com o nível praticamente caricatural de várias áreas no governo. Declarações que pareciam a princípio estapafúrdias da ministra Damares Alves [Mulher, Família e Direitos Humanos], do ministro Ernesto Araújo [Relações Exteriores], do primeiro ministro da Educação [Ricardo Vélez Rodríguez], depois do segundo [Abraham Weintraub] e o ministro Ricardo Salles [Meio Ambiente].

Havia um conjunto de declarações que parecia tão descolado da realidade que pareciam formar de fato uma espécie de Brasil paralelo. Mas essa explicação não me satisfazia. Me parece que é um grave problema, porque nós temos uma tendência a reduzir essa situação gravíssima que vivemos à caricatura. O que proponho é passar da caricatura à caracterização.

Isto é, tentar compreender a guerra cultural bolsonarista na sua própria dinâmica. Tentar entender qual é sua fonte, qual é a origem desse pensamento, quais são as dinâmicas que lhe são próprias. Há um equívoco quando reduzimos a guerra cultural a uma caricatura. Estamos, em uma boa medida, imaginando que a guerra cultural bolsonarista é comparável às guerras culturais que ocorrem nos Estados Unidos e na Europa há mais de uma década.

A hipótese que proponho é bastante diferente. Proponho deixar de se relacionar com este modelo de guerra cultural, que na Europa e nos Estados Unidos tem de 15 a 20 anos. Já no século XIX na Alemanha houve a “kulturkampf” [a batalha pela cultura]. Nesses casos, em geral, o que ocorre é uma total disputa de valores, de um lado progressistas, de outro conservadores. De um lado uma visão de mundo de esquerda, de outro uma visão de mundo de direita, e assim sempre.

No caso da guerra cultural bolsonarista, que não deixa de ter contato com esse tipo de modelo, proponho, a partir de um estudo aprofundado que tenho feito, que o modelo da guerra cultural bolsonarista tem uma característica muito própria, muito relacionada à história recente brasileira e a incapacidade que temos de compreender isso que não nos permite reagir a tempo para o que creio que pode ser um momento inédito no Brasil em termos de ruptura e, sobretudo, em termos de paralisação da administração pública.

Em um dos artigos publicados recentemente, o sr. faz comentários sobre o documentário “1964 – Brasil Entre Armas e Livros”, do Brasil Paralelo. O sr. diz que o filme faz uma revisão da história da ditadura militar de 1964 a 1985 sob o aspecto de que os militares teriam combatido a luta armada, mas não teria combatido os livros, a cultura e a educação. Onde nasce essa construção de ameaça constante do comunismo no Brasil e até onde ela vai?

Essa é a pergunta chave. Só sou capaz de partir para uma nova hipótese porque acredito que descobri a resposta. Não nego que a guerra cultural bolsonarista se relacione com as guerras culturais que ocorrem hoje no mundo. Mas digo que isso está apenas na superfície. É muito mais na técnica de utilização de trollagem de WhatsApp. Mas o conteúdo da guerra cultural bolsonarista é arraigadamente ligado a uma concepção revisionista da ditadura militar. Essa concepção tem um documento. E eu descobri o documento.

A guerra cultural bolsonarista realiza, de um lado, uma tradução inesperada, de consequências potencialmente funestas, da doutrina de segurança nacional que foi desenvolvida durante a ditadura. Mas, mesmo antes, pela Escola Superior de Guerra. A doutrina de segurança nacional adaptou o direito internacional público para o caso brasileiro. Na doutrina de segurança nacional, uma vez identificado o inimigo não há dúvida: é necessário eliminá-lo.

A guerra cultural bolsonarista tem muito pouco a ver com cultura como nós entendemos e tem muito a ver com a concepção militar da doutrina de segurança nacional de eliminação do inimigo interno. Se você fizer o trabalho mínimo de assistir a alguns vídeos de intelectuais bolsonaristas, o verbo dominante é eliminar. E o substantivo dominante é limpeza. É um vocabulário retirado diretamente do golpe militar de 1964.

Como traduzir em um ambiente democrático a doutrina de segurança nacional se a democracia necessariamente implica o contraditório e estar exposto à diferença? Em 1985, depois de um trabalho de seis anos, foi publicado no Brasil um livro que marcou época chamado “Brasil: Nunca Mais”. Seria um livro negro da ditadura militar. De maneira secreta, um grupo de pesquisadores compilou aproximadamente 5 mil páginas de documentos do Superior Tribunal Militar (STM) com processos de subversivos e guerrilheiros.

Portanto, todos os documentos que fazem parte do projeto “Brasil: Nunca Mais” foram produzidos pela ditadura militar. Os pesquisadores compilaram uma seleção dos documentos de modo a denunciar para a sociedade brasileira a tortura, o assassinato e o desaparecimento político. Eu tinha 20 anos quando o “Brasil: Nunca Mais” saiu. Foi uma revolução na sociedade brasileira. Ficaram comprovadas de uma maneira muito clara todas as arbitrariedades e violência da ditadura militar.

No ano seguinte, sob a liderança do ministro do Exército do governo José Sarney (MDB), que era o general da linha dura Leônidas Pires Gonçalves, um grupo de militares resolveu revidar. Resolveu, a seu modo, escrever outro livro. Já que o “Brasil: Nunca Mais” se tornou o livro negro da ditadura militar, os militares comandados pelo Leônidas Pires Gonçalves decidiram escrever o livro negro da luta armada, isto é, o livro negro da esquerda.

Os militares compilaram material e documentos, sobretudo do serviço de informação da Marinha, Exército, Aeronáutica e do Serviço Nacional de Informação (SNI), organizaram dois volumes de aproximadamente mil páginas e queriam publicar o livro. Seria a resposta do Exército ao “Brasil: Nunca Mais”.

José Sarney, em 1989, vetou a publicação temendo a radicalização e a polarização que daí poderia surgir. A partir deste momento, algumas cópias produzidas manualmente circularam entre oficiais de alta patente e poucos militantes de direita. Até que um jornalista, Lucas Figueiredo, especialista na comunidade de informação brasileira, autor do talvez mais importante livro sobre o SNI, “Ministério do Silêncio”, descobriu e teve acesso ao livro. O projeto dos militares se chamava “Orvil”.

Livro de trás para frente.

Realmente é um livro de trás para frente porque é um livro que procura inverter

completamente o “Brasil: Nunca Mais”. Porque se o “Brasil: Nunca Mais” era o livro negro da ditadura militar, o “Orvil” era o livro negro da esquerda. Da luta armada em particular.

O “Orvil” compila em suas mil páginas documentos que mostram a morte de civis em ações da luta armada, que considera que todos os guerrilheiros eram terroristas, que não lutavam pela democracia. E fazia a compilação sistemática desses documentos. Depois, o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra aproveitou para publicar o seu livro.

Que é o “A Verdade Sufocada”?

Isso. Lucas Figueiredo descobriu o “Orvil” e publicou. Hoje, o leitor do Jornal Opção, se colocar no Google “Verdade Sufocada” chega no “Orvil” e pode baixar a versão fac-similar. É uma leitura surpreendente. Primeiro porque mostra, pela visão do Exército, como foi a luta armada. É interessante para quem tem preocupação com o período.

Além da compilação de documentos e de fatos, procuram mostrar que a esquerda da luta armada, na concepção do Exército, era terrorista e provocou tantos assassinatos e tantas mortes quanto o próprio Exército. É uma interpretação. Uma narrativa. Tem uma linha narrativa que procura interpretar a história republicana brasileira a partir da década de 1920.

O que vou dizer aqui é exatamente o que dizem os ideólogos do presidente, exatamente o que diz o ministro da Educação, exatamente a base do documentário e a estrutura de pensamento do Brasil Paralelo, tudo que está por trás da ação deletéria deste governo para destruir as instituições. Desde o Ibama [Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis], que teve a sua estrutura de fiscalização desmontada, até a **Capes [Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior]**, que está sendo destruída passo a passo.

A narrativa que o “Orvil” propõe é que o século XX brasileiro assistiu a uma investida constante do movimento comunista internacional para impor ao Brasil uma ditadura do proletariado. É uma narrativa delirante. É uma teoria conspiratória, simplesmente absurda. Segundo o “Orvil”, houve três momentos. O primeiro foi a fundação do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), que assim se chamava em 1922, e a Intentona Comunista de 1965. Primeiro momento derrotado militarmente pelo Exército brasileiro.

O segundo momento começaria após o suicídio de Getúlio Vargas e se prolongaria até o golpe militar de 1964. E, de novo, a tentativa teria sido derrotada militarmente. O terceiro momento seria o da luta armada, entre 1968 e 1974. Sendo que nas cidades a luta armada terminou em 1972. Mas o ano de 1974 é porque em 1974 que os últimos guerrilheiros do Araguaia são assassinados pelo Exército. Não são feitos prisioneiros, são eliminados em fidelidade à doutrina de segurança nacional.

Dentro da criação do que o sr. chama de uma narrativa delirante dos ideólogos e membros do governo Bolsonaro de que havia de fato uma ameaça de tomada do poder pelos comunistas...

Constrói-se uma narrativa de que haveria no Brasil uma real possibilidade de estabelecimento de uma ditadura do proletariado, que seria uma espécie de China da América Latina dada a dimensão continental e a importância do País no continente. Era o que eles diziam.

Diz o “Orvil” que em 1974 começou a quarta fase, o momento “mais perigoso”. Na narrativa dos militares do Exército, em 1974, a esquerda, derrotada militarmente mais uma vez, mudou de rumo e decidiu adotar a técnica gramsciana, que os incultos da guerra cultural bolsonarista, em hostilidade constante com a língua portuguesa, insistem dizer “gramscista”, teria se infiltrado na cultura, acima de tudo nas universidades e nas artes, para a médio prazo tomar o poder. Essa é a explicação do “Orvil”.

Se você analisa o discurso do ministro da Educação, do presidente Jair Bolsonaro, do Olavo de Carvalho, de seus seguidores e bolsonaristas, toda estratégia retórica vem do “Orvil”. Vem do “Orvil” a fonte da concepção de mundo do bolsonarismo. A guerra cultural bolsonarista retoma literalmente os termos do projeto secreto do Exército e tenta tornar isso em política pública. O resultado para o País será desastroso.

Quando o “Orvil” trata do que seria a quarta fase na narrativa militar a respeito da ditadura, por que Antonio Gramsci e também a Escola de Frankfurt preocupam tanto o bolsonarismo e o novo conservadorismo brasileiro?

Se estou certo, esta é a guerra cultural bolsonarista, não a outra. A intenção é eliminar o inimigo interno. E o inimigo interno é qualquer um que não seja bolsonarista. E mais. O bode expiatório é o esquerdista, o movimento comunista internacional globalista.

Em um ambiente democrático não se pode fazer o que a ditadura militar fez, que era prender, torturar, assassinar e desaparecer corpos — e o presidente negou recentemente que houve tortura durante a ditadura, o que é um absurdo completo

Há até relatório do general Ernesto Geisel que reconhece a existência de tortura. Relatório encomendado por Castelo Branco, primeiro presidente da ditadura militar. Isso é um fato histórico. Como não é possível mais eliminar fisicamente os adversários, enquanto conseguirmos defender a democracia, o que o bolsonarismo faz através das milícias digitais é tentar eliminar simbolicamente. Isso tem sido feito desde o início do governo.

Fez-se com Hamilton Mourão (PRTB). O vice-presidente foi enquadrado. Foi feito com Gustavo Bebianno [ex-secretário-geral da Presidência da República]. Sem Gustavo Bebianno, Bolsonaro não teria sido sequer candidato. Quem defendeu Bolsonaro no Supremo Tribunal Federal (STF) foi Gustavo Bebianno. Quem conseguiu o partido foi Gustavo Bebianno. Quem montou a estrutura de campanha foi Gustavo Bebianno. Ele foi eliminado simbolicamente.

“Como não é possível mais eliminar fisicamente os adversários, o que o bolsonarismo faz através das milícias digitais é tentar eliminar simbolicamente”

Quem é o Hamilton Mourão de verdade: o candidato a vice-presidente com discurso muito próximo ao de Bolsonaro ou o vice-presidente o sr. diz que teria sido enquadrado pela militância digital?

Mourão não era próximo a Bolsonaro na campanha. Surgiu como última opção quando falhou a possibilidade de o [deputado federal] Luiz Philippe de Orleans e Bragança (PSL-SP) ser o vice. Depois que [deputada estadual] Janaína Paschoal (PSL-SP) recusou, que participou da convenção do PSL e, de maneira muito lúcida, disse que era preciso estar ao máximo aberto para críticas e escutar os outros.

Por isso Janaína não podia evidentemente manter a vice-presidência de Bolsonaro. Com Philippe de Orleans e Bragança houve controvérsias e ele não foi escolhido vice. No último momento apareceu o Mourão.

A milícia bolsonarista tenta eliminar simbolicamente as pessoas. Morão se enquadrou. Bebianno foi eliminado. O general Santos Cruz [ex-ministro-chefe da Secretaria de Governo da Presidência], que no início os bolsonaristas consideravam um ícone, foi eliminado simbolicamente com uma crueldade que nunca se viu na história brasileira. Algo muito preocupante.

Nunca generais foram tratados da maneira como essas pessoas foram tratadas. Nunca na história política brasileira. Nem mesmo a guerrilha armada tratava os generais como a milícia armada trata. Não há paralelo. Nunca um general da importância do Santos Cruz foi tratado, vilipendiado e humilhado em uma rede social como ocorreu com ele.

É uma quebra de hierarquia dentro do Exército cujas consequências ainda são nebulosas. Mas há mágoas. A função das milícias digitais é eliminar simbolicamente os inimigos. Os bodes expiatórios surgem e a violência da milícia bolsonarista digital é algo inédito na história política brasileira.

Já que existe uma teoria conspiratória delirante de um movimento comunista internacional, e como não se pode eliminar fisicamente, o que se está fazendo é a eliminação das instituições ligadas a toda pauta progressista ou à cultura. A Ancine [Agência Nacional do Cinema] retirou do seu site cartazes de filmes brasileiros, porque muito seriam de artes esquerdistas.

A Fundação Zumbi dos Palmares hoje é presidida por um senhor que nega a existência do racismo no Brasil. Que é hostil ao negro, embora ele também o seja. Que despediu por telefone todos os funcionários de alto escalão negros da Fundação Zumbi dos Palmares. A **Capes** está cortando sistematicamente todas as bolsas.

As verbas do CNPq [Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico] estão sendo reduzidas a quase nada. O ministro da Educação não só não consegue realizar uma execução orçamentária minimamente razoável como ainda não apresentou um projeto para o Fundeb [Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica].

Se não houver um projeto para substituir o Fundeb que vai expirar este ano, em 2021 a educação nos municípios será muito prejudicada. Na hipótese que levanto, a doutrina da segurança nacional supõe a eliminação do inimigo interno. Como havia uma situação de guerrilha urbana e de luta armada, a eliminação do inimigo interno não foi a sua prisão, seu exílio ou seu banimento. Foi o seu desaparecimento.

Foi a eliminação do corpo. Literalmente. Em um ambiente democrático, a guerra cultural bolsonarista coloca em prática o relatório secreto dos militares, o “Orvil”. Está tudo lá. Foi o que descobri. Como não é possível eliminar fisicamente, elimina-se simbolicamente nas redes sociais. É a tarefa das milícias bolsonaristas.

E há um projeto em curso de eliminação, destruição, das instituições ligadas ao meio

ambiente, cidadania e cultura. As consequências serão absolutamente desastrosas. Duas pesquisadoras da USP sequenciaram o genoma do coronavírus no Brasil em 48 horas. Em nenhum país do mundo isso aconteceu. Isso só ocorreu porque o laboratório havia recebido verbas de pesquisa.

Com a política de corte de verbas do CNPq e de corte de bolsas da **Capes**, o País entrará em colapso. Se houver outra epidemia daqui a dez anos, não haverá cientista, não haverá laboratório, não haverá pesquisa. O panorama é lúgubre, é sombrio.

Mas voltemos à questão da interpretação bolsonarista da dominação pela cultura com uma suposta tática gramsciana.

Da Escola de Frankfurt, de fato Herbert Marcuse tornou-se uma figura muito importante nas revoltas estudantis de 1968. A obra de Marcuse e de toda a Escola de Frankfurt foi decisiva para o movimento estudantil. É absolutamente correto dizer que nas agitações estudantis de 1968 o pensamento de Herbert Marcuse desempenhou papel muito importante.

Marcuse tinha algumas análises muito penetrantes de como as sociedades capitalistas haviam criado na aparência de um regime democrático formas muito sutis de controle e repressão. Theodor Adorno tinha uma tese muito importante que era, diante de um capitalismo de uma sociedade automatizada, de uma vida danificada pela planificação de uma sociedade cada vez mais produzida em massa e em série, uma grande recusa diante dessa sociedade cada vez mais padronizada.

Essas duas vertentes da Escola de Frankfurt eram francamente críticas de um mundo que hoje chamamos de capitalismo financeiro globalizado, isto é, de formas de consumo, de formas de padrões, que Adorno recusaria, mas nós chamaríamos de arte, de formas de entretenimento. Por exemplo, se você for a qualquer lugar do mundo existe um programa The Voice. Se você fora a qualquer lugar do mundo existe um Big Brother.

A primeira vez que fui a Moscou (Rússia), como faço em toda viagem, ligo a televisão para escutar o idioma. Quando não entendo nada, pelo menos escuto o idioma. Tinha acabado de chegar ao hotel, liguei a televisão e vejo o quarto. Não estava olhando para a televisão. Por algum motivo, tenho a impressão que começo a entender o que estou escutando. O que é impossível, é em russo.

Mas o tom de voz, a frequência, o volume, o tipo de discussão. E digo “espere aí, mas estou entendendo isso”. E olhei para a televisão. Você sabe por que eu tinha a impressão de que estava entendendo? Era Big Brother Rússia. É tudo igual. Contra essa padronização dos costumes, contra a padronização da “arte”, o Marcuse tinha uma análise muito sutil de formas de repressão de uma sociedade teoricamente livre.

A Escola de Frankfurt foi muito importante para o movimento estudantil e para os anos 1960. Mas as análises que são feitas por Olavo de Carvalho e por seus seguidores sobre Marcuse e Adorno são absolutamente indigentes. É óbvio que eles não sabem ler alemão. E não têm ideia do que estão falando. Não leram nem Adorno nem Marcuse. Isso é muito claro.

Como, por exemplo, houve um momento em que Olavo de Carvalho sugeriu que as



composições dos Beatles foram feitas pelo Adorno. Ao ouvir algo como isso, é difícil resistir à caricatura. Mas precisamos resistir. Precisamos passar para a caracterização. O que está em jogo por trás disso é a narrativa do “Orvil”. Porque o nome Marcuse aparece no “Orvil”.

O que se diz hoje da guerra cultural gramsciana marcusiana está no “Orvil”. Está é a origem. A guerra cultural bolsonarista é inteiramente baseada no relatório secreto do Exército brasileiro chamado “Orvil”. Gramsci está lá. Marcuse está lá.

Vou além. O Brasil Paralelo representa, no plano do audiovisual, a difusão da teoria conspiratória do “Orvil”. Porque toda a base da compreensão profundamente equivocada da história política brasileira recente exposta pela produtora de audiovisual Brasil Paralelo é o “Orvil”. O documentário “1964 – Brasil Entre Armas e Livros” é uma transposição literal para a tela, portanto para o grande público, do “Orvil”.

Porque o argumento é tão singelo quanto este: os militares venceram pelas armas, a batalha militar, no subtítulo, mas perderam a guerra dos livros. É exatamente a narrativa do “Orvil”. O Brasil Paralelo representa no audiovisual a popularização da narrativa do “Orvil”. E as consequências para a cultura brasileira serão desastrosas, porque levarão a uma ruptura como nunca houve e a uma paralisia administrativa.

E não é possível administrar um país com a complexidade do Brasil se não tiver um mínimo de objetividade. Por exemplo, o diretor do Inpe [Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais] adverte que há indícios alarmantes do aumento das queimadas. A resposta de Jair Bolsonaro é movida pela guerra cultural: diretor do Inpe é de esquerda e as ONGs vão promover queimadas porque perderam dinheiro fácil do comunismo internacional.

Houve, inclusive, uma tentativa de criminalizar ativistas. O diretor do Inpe foi demitido porque é de esquerda e as ONGs são a representação do mal na Terra. O que ocorreu 30 dias depois? As queimadas foram confirmadas em um número muito maior do que o alerta do Inpe.

O ministro da Educação deu uma entrevista na segunda-feira, 2, na qual disse que Paulo Freire era feio, fraco e sem resultados positivos. Se se trata disso, você não se sentará diante da sua mesa de maneira serena e irá trabalhar. Consequência: a execução orçamentária do Ministério da Educação é a menor da última década.

No serviço público existe o orçamento. Ao contrário do que pensa o grande público, orçamento não quer dizer dinheiro. Quer dizer a previsão de gasto para determinada área. Você não consegue fazer nenhum gasto no serviço público a partir de um certo valor se não tiver licitação, que exige no mínimo três orçamentos, análise de técnicos e outras etapas.

Isso quer dizer que não é fácil gastar dinheiro no serviço público. É preciso cumprir uma série de requisitos. As pessoas pensam que o dinheiro está disponível em um banco. Não é assim. O orçamento de um ministério significa que o Congresso aprovou um gasto até aquele teto. Mas para o ministério gastar é preciso gerar projetos e situações. É preciso empenhar, uma técnica administrativa que torna aquele valor em dinheiro, que não é pago de imediato.

O fato de o ministro ter tido a menor execução orçamentária da última década quer dizer que há uma paralisia administrativa.

O Ministério Público Federal (MPF) cobra do Ministério da Educação explicações para entender o motivo de mais de R\$ 1 bilhão do fundo da Lava Jato ter ficado parado no órgão em 2019.

Quando o ministro esteve no Senado e foi perguntado sobre o recurso da Lava Jato, creio que o titular do MEC improvisou. Porque não se pode dizer que vai usar R\$ 1 bilhão para vouchers, porque não é assim que funciona. É preciso saber quanto custa cada voucher para creche por um mês ou um ano, quantos alunos serão beneficiados, quais são as creches.

No serviço público não se pode contratar uma creche distantemente aparentada com qualquer funcionário. Não é dizer que irá pegar R\$ 1 bilhão e transformar em voucher. Isso não existe. Não é assim que funciona.

A guerra cultural bolsonarista é um núcleo do governo. Pode sair o Paulo Guedes [Economia], pode sair o Sergio Moro [Justiça e Segurança Pública], mas não pode sair a guerra cultural. Se a guerra cultura sair, acaba o governo Bolsonaro. O governo Bolsonaro não tem projeto.

O único projeto do governo Bolsonaro é levar adiante a narrativa conspiratória do “Orvil”, o que implica a destruição de todo um aparato estatal construído desde a Constituição de 1988. As consequências para a sociedade brasileira serão terríveis.

Segundo a lei, quando se apresenta uma solicitação ao INSS a resposta tem de ser dada em até 45 dias. Até o governo de Jair Bolsonaro, era dada a resposta em 45 dias. Agora o tempo médio para a primeira resposta é de oito meses. O Bolsa Família tem hoje a maior fila da história de pessoas que se qualificam plenamente para o benefício, mas estão sem receber.

Até fevereiro, o ministro responsável pelo Bolsa Família, Osmar Terra, era o mesmo que comemorou o fim da fila de beneficiários do programa no governo Temer. O então ministro da Cidadania, Osmar Terra, no início do governo vem ao Rio de Janeiro, caminha em Copacabana, dá uma entrevista e diz que é evidente que há uma epidemia de drogas no Brasil porque as ruas estavam vazias enquanto caminhava. Qual é a relação minimamente racional de causa e efeito entre uma coisa e outra?

Na verdade é o contrário. Para comprar droga, a pessoa não pode ficar em casa. Além disso, o ministro proibiu a divulgação de uma pesquisa realizada pela Fiocruz. E a guerra cultural é a transposição da doutrina de segurança nacional para o século XXI. A doutrina de segurança nacional implica a eliminação do inimigo interno.

“O único projeto do governo Bolsonaro é levar adiante a narrativa conspiratória do ‘Orvil’”

“Implica a destruição de todo um aparato estatal construído desde a Constituição de 1988” | Foto: Reprodução/TV Cultura

Qual é a diferença da guerra cultural bolsonarista que o sr. trabalha na sua pesquisa com

## a censura nas artes durante a ditadura militar?

É hora de ter coragem de pensar. A situação é mais grave do que parece. As pessoas não entenderam que a guerra cultural é o núcleo do governo. Não é um acaso, uma caricatura ou algo feito por pessoas simplesmente atrapalhadas. Não é. É o núcleo do governo.

A guerra cultural bolsonarista é uma ameaça maior à arte, à ciência e à educação do que a ditadura militar. Porque a ditadura militar concentrou os esforços na eliminação do inimigo interno, que era a esquerda comunista da luta armada. A ditadura militar, ao contrário deste governo, tinha um projeto nacionalista.

A ditadura militar, ao contrário deste governo, não vende nem sucateia a coisa pública. A ditadura militar, como tinha um projeto de uma pátria grande, investiu em infraestrutura, criou estatais. Essa é uma contradição muito importante. a guerra cultural bolsonarista é mais séria porque está destruindo as instituições associadas ao meio ambiente, à cidadania e à cultura.

Quando se coloca na presidência da Fundação Zumbi dos Palmares uma pessoa que nega a existência de racismo no Brasil, alguém que considera que a política de cotas é mimimi, uma pessoa que demite funcionários pelo telefone, você está destruindo a Fundação Zumbi dos Palmares.

Quando você realiza uma política que retira da **Capes** em aproximadamente dois anos algo em torno de 10 mil a 11 mil bolsas, você está destruindo a pesquisa no Brasil. Quando se reduz drasticamente a verba do CNPq a tal ponto que a verba é inferior às benesses de coisas absolutamente desnecessárias do Poder Judiciário, você está destruindo o CNPq.

Você não está eliminando as pessoas fisicamente. Você as elimina simbolicamente nas redes sociais pelas milícias bolsonaristas. Mas o que está ocorrendo no País é mais sério do que houve na ditadura militar. Porque você está destruindo todas as instituições que levamos décadas para construir.

Quando o presidente envia vídeos com convocação para as manifestações do dia 15 de março contra o Congresso e o STF, há um incentivo a uma ideia de fechamento dos Poderes Judiciário e Legislativo? Até que ponto o autoritarismo está instalado no governo e até onde as instituições consegue frear esse ímpeto?

A destruição das instituições foi a ponta de lança do projeto autoritário do Jair Messias Bolsonaro. E a ponta de lança deste projeto, aquilo que torna este projeto inaceitável palatável para uma parte da população é a guerra cultural. O que torna palatável para pessoas que, de outra forma, jamais pensariam em abolir Congresso, destruir o Supremo Tribunal Federal, é porque elas estão absolutamente dominadas pela guerra cultural nos termos aqui definidos.

Não são termos europeus e norte-americanos. São termos profundamente brasileiros arraigados na interpretação militar revisionista, revanchista, da ditadura militar em resposta ao “Brasil: Nunca Mais”. Há um ressentimento enorme. Há um revanchismo evidente. Há um desejo de destruir todas as instituições que caminharam no sentido do fortalecimento da democracia e da salvaguarda das instituições.

Esse é o grande trunfo da Constituição de 1988. O trunfo real da Constituição Cidadão, como é chamada, foi procurar ter salvaguardas para assegurar que nunca mais um projeto autoritário fosse possível no Brasil. A guerra cultural bolsonarista não é uma caricatura.

É preciso caracterizá-la. A caracterização da guerra cultural bolsonarista é a ponta de lança de um projeto autoritário cuja finalidade é destruir as instituições para estabelecer um governo de ação direta entre massas e presidente.

Na live do dia 27 de fevereiro, o presidente Bolsonaro tenta dizer que os vídeos na verdade são das manifestações de 2015, mas acaba por citar a facada, tentativa de homicídio que só vem a ocorrer 3 anos e 6 meses depois. Há um foco no ataque à imprensa, mas não houve citação do presidente ao presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), nem aos ministros Celso de Mello e Dias Toffoli, presidente do STF, que criticaram a ação de Bolsonaro...

Os ministros do Supremo Tribunal Federal são profundamente atacados pela milícia digital bolsonarista. O presidente faz esse ataque direto e estimula. Bolsonaro difundiu o famoso vídeo das hienas. Eram colocados como hienas o Rodrigo Maia, Davi Alcolumbre [presidente do Senado] e os ministros do Supremo Tribunal Federal.

Temos de parar de imaginar que se trata de alguém descontrolado que não sabe o que faz. É o oposto. A guerra cultural bolsonarista é um projeto autoritário que tem como ponta de lança a recuperação da narrativa conspiratória do “Orvil” para justificar que é isso ou a esquerda, assim como na ditadura militar foi possível tornar a tortura política de Estado, tornar o assassinato de adversários políticos aceitável e tornar o desaparecimento de corpos tolerável.

Bolsonaro está jogando o mesmo jogo. É isto ou o PT. A guerra cultural bolsonarista é um retrocesso a este passado cuja base é a teoria do “Orvil”. Se não reagirmos a tempo, as consequências para a sociedade brasileira serão terríveis. Um professor universitário intelectual como eu tem de dar a cara a tapa e dizer o que está acontecendo.

Estou disposto a dialogar com qualquer bolsonarista. Não tenho problema em dialogar com ninguém. Dialogo com as pessoas. Sou professor universitário e já orientei no mestrado e doutorado alunos de Olavo de Carvalho. Mantenho diálogo com ideólogos bolsonaristas. Se qualquer bolsonarista quiser discutir comigo, basta marcar o lugar. Irie com as mil páginas do “Orvil” minuciosamente lidas e apresentarei minha hipótese. Se provarem que estou errado, aceitarei.

Isso tem de ser feito agora. Se não fizermos isso agora, daqui a um ano você pode não fazer essa entrevista comigo. A responsabilidade que tenho ao me expor é porque estou pensando no Brasil. A situação é muito grave. A destruição das instituições pode tornar o Brasil um país atrasado por décadas.

Leio o que a direita escreve sem problema algum. Leio e anoto para estar por dentro do que se trata. Assisto aos vídeos dos youtubers de direita. No meu livro vou colocar à disposição do público que se interessar links que considero vídeos-chave para análise.

Há um vídeo do Instituto Borborema de um colunista da Gazeta do Povo, Francisco Escorsim, um intelectual bolsonarista, que trata sobre a guerra cultural. Escorsim define

que alguém sabe que está em guerra quando você se recusa a escutar o outro. Independente do que o outro fala, você se recusa a escutar, porque você está em guerra cultural. Isso é absolutamente espantoso.

Inclusive espantoso que isto possa ser chamado de guerra cultural. Mas é isto a guerra cultural bolsonarista. É um desejo radical de eliminar o outro. Se não compreendermos isso agora, se não fortalecermos as instituições, não sei o que irá acontecer.

Não estou questionando a legitimidade da presidência de Jair Messias Bolsonaro. O presidente foi eleito em um pleito democrático com mais de 57 milhões de votos. Bolsonaro é o presidente legítimo do Brasil. Não questiono isso. Mas parto do princípio de que 57 milhões de eleitores e eleitoras que deram voto a Jair Messias Bolsonaro não votaram para que o presidente destruísse as instituições associadas à cultura, à cidadania, ao meio ambiente, à educação, à saúde.

Isso é bem importante porque todo meu desejo é dialogar. Quero muito dialogar com as pessoas. Compreendo porque votaram. Vocês têm todo direito de imaginar que a melhor opção para o Brasil é esta. É um direito que o eleitor tem. E tem de ser respeitado. É a alternância de poder.

Mas não foi eleito democraticamente para impor um projeto autoritário. Isto tem de ser denunciado. Não questiono a legitimidade, questiono o projeto.

O livro já tem data de lançamento ou acerto com alguma editora? Ainda não. Mas deve estar pronto em até 40 dias. O material está pontuado, muita coisa escrita. Espero um pouco porque minha intenção não é escrever um panfleto. Minha intenção é escrever um convite ao diálogo nacional. No livro, deixarei claro logo no início que não questiono a legitimidade do governo. É absurdo questionar a legitimidade de um governo eleito com 57 milhões de votos em 14 meses.

Eu não farei o mesmo que fizeram com Dilma Rousseff (PT). É absurdo. Estou denunciando a função autoritária do projeto e estou sugerindo que a guerra cultural é a ponta de lança e a essência deste governo. Precisamos discutir e reverter esta guerra cultural. Caso contrário, daqui até 2022 não sobrá muita coisa.

“É isto a guerra cultural bolsonarista. É um desejo radical de eliminar o outro. Se não compreendermos isso agora, se não fortalecermos as instituições, não sei o que irá acontecer”

“Estou denunciando a função autoritária do projeto e estou sugerindo que a guerra cultural é a ponta de lança e a essência deste governo” | Foto: Reprodução/Twitter Secretaria Especial da Cultura

O ex-secretário especial da Cultura Roberto Alvim ficou dois meses no cargo. Depois daquele vídeo publicado nas redes sociais da pasta com trechos de discurso do ministro da Propaganda da Alemanha nazista, Joseph Goebbels, acabou por cair. Mas horas antes chegou a ser elogiado pelo presidente Bolsonaro pelo mesmo direcionamento apresentado no vídeo em uma das lives presidenciais. Alguns analistas disseram que aquela era uma visão do Alvim, que não se tratava de uma ideia de Jair Bolsonaro. Era do próprio Bolsonaro. Tanto que o presidente não desejava demiti-lo. Bolsonaro

tentou resistir. Até que a comunidade israelense em peso demonstrou toda sua indignação e não foi possível mantê-lo.

Houve, inclusive, uma pressão do presidente do Senado, que é judeu, para tentar convencer Bolsonaro de que era necessário derrubar o Alvim do governo. O projeto representado pelo ex-secretário da Cultura permanece ou caiu junto com o antigo ocupante do cargo, o da criação do Prêmio Nacional das Artes?

Esse projeto acabou. Acredito que não tenha como voltar. No sentido dado pelo Alvim, que era tão autoritário que não era possível de nenhuma forma de ocultar o caráter autoritário de um governo que pretende criar uma arte nacional e pura. Estamos em 2020. É um delírio completamente absurdo. Maior do que os outros delírios do governo. Não há a menor possibilidade.

Acredito que seja muito difícil levar esse projeto adiante. O episódio Roberto Alvim o enterra de vez. Mas Roberto Alvim era uma das pontas de lança do projeto autoritário. Qual é a importância de compreender o Roberto Alvim? Ele não é um caso isolado. Alvim não deve ser compreendido como uma caricatura, como descontrole. Ele é apenas uma explicitação indesejável do caráter autoritário do projeto.

Neste sentido, o que proponho com meu livro é explicitar da maneira mais clara possível a natureza autoritária do projeto. Roberto Alvim conta porque, na tentativa de criar uma arte nacional pura, que é um conceito em si mesmo absurdo, explicitou o que se procura ocultar: a natureza autoritária do projeto da guerra cultural bolsonarista como ponta de lança.

Não é um acidente. É uma ponta de lança. É o motor do governo. O motor do governo é guerra cultural, não o contrário.

Sempre que o governo anuncia uma medida, ou o próprio vídeo do Alvim, ao tentar voltar atrás joga a culpa em alguém, como a justificativa da “ação satânica” declarada pelo ex-secretário da Cultura. Chega a ser de fato um recuo?

Não é um recuo. É um reforço da guerra cultural. A primeira análise feita por Olavo de Carvalho e seus seguidores é de que o que ocorreu com Roberto Alvim foi a demonstração concreta de que existe um aparelhamento de esquerda e de o ex-secretário de Cultura teria sido sabotado. Como assim? É uma atitude absurda do Alvim. E tenta transformar-se a atitude absurda em uma confirmação do próprio absurdo.

Isto é, Alvim teria sido boicotado porque as instituições culturais estão aparelhadas pela esquerda e há sabotadores de todos os lados. Em consequência, é preciso não abrir mão da estratégia de Roberto Alvim, mas intensificá-la de modo discreto. É de uma perversão absoluta.

A explicação do Alvim, de que haveria uma força demoníaca, é importante de ser entendida não como uma caricatura. Todo meu discurso é de levar a sério essa questão. Qual é o segmento da população brasileira que aceita com enorme facilidade o argumento de que um equívoco de uma pessoa boa foi causado por forças demoníacas? Qual é a porção da sociedade que aceita esse argumento?

Qual é a porção imensa da sociedade brasileira que tem uma imagem do cotidiano como uma batalha constante contra espíritos malignos e obsessores? A explicação do Roberto

Alvim, que para mim é completamente inadequada e tola, é uma explicação que explicita outra característica da guerra cultural bolsonarista. É uma guerra cultural que fala dois idiomas.

A guerra cultural bolsonarista fala um idioma que afeta diretamente a professores universitários, artistas, escritores e intelectuais. Mas fala uma outra linguagem. Essa outra linguagem quem a domina é a Damares Alves. É também o ministro da Educação. A guerra cultural também procura calar fundo com o público evangélico.

São aproximadamente 45 milhões de brasileiros que têm a imagem do dia a dia como de uma luta constante e permanente contra o mal. Essa é a visão do mundo.

Isso explica por que a imagem da ministra Damares Alves é tão bem avaliada como integrante do governo junto aos apoiadores fiéis do presidente Jair Bolsonaro? Não há dúvida nenhuma. Qual é a importância de Damares Alves no governo? Damares é um dos esteios da guerra cultural nessa batalha bifronte de falar dois idiomas. Para o comando geral, “vamos acabar com a balbúrdia nas universidades” e “vamos acabar com a Lei Rouanet”. Da maneira como apresentam é propriamente absurdo, mas cala fundo em boa parte da população.

E tem outro tipo de batalha cultural, que lança mão da ideia de guerra e de batalha do cotidiano, que é a visão de mundo dos indivíduos neopentecostais. Há uma batalha constante contra o maligno. Li o último livro do Edir Macedo, “Como Vencer Suas Guerras Pela Fé: descubra como enfrentar suas batalhas do dia a dia” (Editora Unipro, 2019). Quando vi o livro e comprei, tudo para mim ficou claro.

A guerra cultural trabalha em vários níveis. Um nível que a guerra cultural trabalha e que, em geral, os intelectuais de esquerda não se deram conta é para atingir ao público neopentecostal. Para os neopentecostais, sobretudo para a Igreja Universal do Reino de Deus, o mundo, o cotidiano e o dia a dia são batalhas constantes. O dia a dia é uma guerra.

Assisto com seriedade todos os programas evangélicos para entender o que está acontecendo. Faça uma coisa. Se você puder, ao chegar em casa, assista a um programa evangélico. Você verá o tempo todo que nas pregações, sermos e cultos sempre há um inimigo a ser vencido. O inimigo, claro, é Satanás. As pessoas vão para o púlpito e relatam as suas batalhas cotidianas com o mal.

Esta é uma das faces da guerra cultural. É isso que está no livro do Edir Macedo e é o que trabalharei no meu livro. Tentarei mostrar que a guerra cala fundo na percepção neopentecostal, sobretudo da Igreja Universal do Reino de Deus. Não apenas, mas sobretudo.

É por isso que o sr. fala tanto em deixar a caricatura de lado e tentar caracterizar o fenômeno da guerra cultural bolsonarista? Uma ministra como Damares Alves está constantemente em batalha contra a esquerda. É exatamente o que eles querem.

Há quem diga que o governo sempre tenta tensionar a relação com a democracia no aguardo de uma resposta violenta da esquerda para justificar um ato mais duro. O sr.

acredita que essa seja uma análise possível?

Não. Isso é uma incompreensão da guerra cultural bolsonarista. Em geral, alguém na minha posição não considera possível supor guerra cultural em um governo de incultos, que vive em uma hostilidade permanente com a língua portuguesa. As pessoas não levam a sério a guerra cultural bolsonarista.

Acreditam que se trata de simples pretexto e de atitudes atrapalhadas de um conjunto de aloprados. Digo que não. É o eixo do governo. Precisamos passar da caricatura para a caracterização. Esqueçamos as caricaturas que envolvam essas figuras, pensemos na caracterização dos seus projetos e dos seus atos.

Ao analisar o 15 de março convocado pelo presidente com envios de vídeos pelo WhatsApp e como o eleitorado bolsonarista reagiu a pautas como o fechamento do Congresso e do STF, há uma possibilidade de um golpe militar ou a batalha é a da guerra cultural dentro das instituições?

Precisamos caracterizar a guerra cultural, expô-la, discutir com a sociedade para que não se chegue a este extremo. Mas o projeto é esse.

Mas este extremo é possível?

Este é o projeto. Espero que não seja possível. Uma forma de torná-lo intrinsecamente mais difícil do que seria de outra forma é tentar expor, tentar caracterizar, a guerra cultural, compreendendo que é o eixo do governo e a ponta de lança de um projeto autoritário.

Estou interessado em dialogar, escapar da bolha. Dialogar com a direita, com os bolsonaristas, compreender seus pontos de vista. Não partir do princípio de que tenho alguma espécie de superioridade intelectual ao partir do princípio que sou um professor universitário. Quero dialogar.

Quero mostrar minha enorme preocupação. Porque nunca houve na história do País uma polarização tão danosa, de consequências tão desastrosas, que podem genuinamente implicar na destruição de instituições constituídas ao longo de três décadas. A situação é grave. E somente se tornará mais grave se não formos capazes de começar a dialogar. Se não houver um esforço sério de fazer uma análise da situação presente, não há diálogo possível.

Parece risível que se caracterize o governo Bolsonaro como nazista ou fascista. É risível. Porque é uma situação histórica completamente diferente. Não há nenhum rigor nessa rotulação. É muito mais uma espécie de desabafo de quem acha que a situação nunca lhe vai atingir.

Se nós não começarmos agora uma discussão séria e cuidadosas sobre as consequências da guerra cultural do governo como ponta de lança de um projeto autoritário, esse projeto autoritário alcançará a todos nós. A hora é agora para propor análises e, sobretudo, recuperar a capacidade da sociedade brasileira de dialogar.

A sociedade brasileira como um todo se encontra em um sintoma extremamente preocupante, que é totalmente descrito na palestra do Francisco Escorsim no Instituto Borborema quando diz que estar em guerra é fechar os ouvidos para o outro. Fechar os ouvidos para o outro não é estar em guerra. É estar morto vivo.



Quando as pessoas perderam a capacidade de dialogar com o outro? Teria de pensar com mais cuidado. Mas acredito que o primeiro momento em que isso começa a ocorrer é a partir das manifestações de junho de 2013. Esse é um momento crucial na história, mas ainda não compreendemos de todo. É em 2013 que um sentimento antissistêmico se torna dominante.

Bolsonaro é mais sistêmico do que a maioria dos deputados, porque Bolsonaro é o único político que tem três filhos que vivem de recursos públicos como políticos, que tem uma ex-mulher que se elegeu, que tem esta prática no mínimo curiosa de funcionários nos gabinetes. O político mais sistêmico é o Bolsonaro, que ficou 28 anos na Câmara e colocou a família inteira para receber salário público.

O grande movimento inteligente do Bolsonaro foi captar o movimento antissistêmico sendo ele o deputado mais sistêmico. Por que isso foi possível? Porque no lugar de caracterizar o fenômeno Bolsonaro, passamos anos fazendo dele uma caricatura. Se tivéssemos tido o cuidado de caracterizar o fenômeno mostrando que toda a família ganha salário público.

Toda família do Bolsonaro vive do imposto que nós pagamos. Como se pode ser antissistema dessa forma? Mas como perdemos anos fazendo caricatura do Bolsonaro, não caracterizamos o fenômeno. Chegou a hora de abandonar a caricatura e caracterizar o fenômeno.

Bolsonaro era tratado como piada no CQC, na Luciana Gimenez... Enquanto isso todos os filhos eram políticos. E quem pagava o salário dos filhos? Eu e você. Nós erramos o alvo. Trocamos a caracterização pela caricatura. Em consequência perdemos. O correto agora seria, com seriedade, caracterizar.

Seria um mal da sociedade do meme, que se acostumou com uma comunicação rasa, fácil e engraçada? Exatamente. No lugar de parar para pensar e refletir. Não estou afirmando que o que digo é verdade. Não tenho a verdade. Proponho hipóteses em decorrência da gravidade da situação que vejo.

Até a eleição do Bolsonaro, tudo que fizeram foi caricatura. O que estou dizendo é que chegou o momento de abandonar a caricatura e passar à caracterização. Antes que seja tarde.

/ Veja Também

topo 

## **METRÓPOLES - TEMPO REAL**

### **Mulheres produzem metade dos trabalhos científicos da UnB**

### **Embora se aproximem de uma igualdade em números, pesquisadoras ainda lutam por mais respeito em ambientes majoritariamente masculinos**

Em três anos como coordenadora do programa de pós-graduação em engenharia biomédica da Universidade de Brasília (UnB), Suélio de Siqueira, 42 anos, publicou 27 vezes, entre artigos e capítulos de livros. Assim como a pesquisadora, pelo estimável desempenho, várias outras mulheres vêm ganhando cada vez mais destaque na área da ciência e tecnologia na instituição, já respondendo por quase metade da produção

científica.

Na universidade pública federal, localizada na capital do país, o equilíbrio no desenvolvimento científico entre homens e mulheres é significativo. De acordo com dados extraídos do Anuário Estatístico de 2019 da UnB, mulheres foram responsáveis por 6.530 trabalhos científicos da universidade, de um total de 13.445. Isso representa 48,56% da produção do ano passado na instituição de ensino superior.

Já entre os estudantes, porém, a presença delas é maior tanto em cursos de graduação como de mestrado e doutorado. Veja abaixo os números:

Neste 8 de março, Dia Internacional da Mulher, o Metrôpoles conversou com pesquisadoras atuantes na capital federal que são responsáveis por importantes conquistas para a ciência.

Embora se aproximem de uma igualdade de gênero numérica na área de pesquisa da UnB, essas mulheres ainda lutam por respeito em ambientes majoritariamente masculinos. Segundo as profissionais, é preciso enfrentar casos de assédio ou de falta de espaços de fala no âmbito científico.

## Engenharia

Suélia de Siqueira Rodrigues Fleury Rosa é professora do curso de graduação em engenharia eletrônica e de pós-graduação em engenharia biomédica na UnB. Goiana, ela deixou o estado em que cresceu para estudar em São Paulo. “Venho de uma família onde ninguém fez faculdade. Fui a primeira pessoa a ter ensino superior”, conta.

“Sempre estudei em escola pública e tinha vontade de ir para a área da medicina, mas não tinha condição nem de pensar nisso, porque o diálogo na escola pública era que o curso era muito caro. Então, pensei: ‘Vou para um curso barato’. Como eu tinha facilidade em exatas, fui para a engenharia”, narra ela.

Com 18 anos, ingressou no curso de engenharia elétrica na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), em 2001. Apenas quatro anos depois, iniciou um mestrado em engenharia eletrônica no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), instituição de ensino reconhecida internacionalmente.

No ano de 2008, a pesquisadora recebeu o Prêmio Nacional Santander-Universia de Biotecnologia pelo projeto de sua tese de doutorado. No ano seguinte, foi vencedora do Prêmio Jovem Inventor da FAPDF. Como orientadora, ficou em primeiro lugar novamente nessa premiação em 2011.

## MAIS SOBRE O ASSUNTO

### BRASIL

Pesquisadora brasileira descobre remédio contra câncer de ovário  
Suélia ainda cursou doutorado na UnB em apenas três anos. Em 2013, concluiu o pós-doutorado no Media Lab do Massachusetts Institute of Technology (MIT), famoso pelas pesquisas inovadoras na ciência.

“Nesse período, tive filho. Minha maior barreira foi quando resolvi constituir uma

família sendo profissional da ciência. Foi difícil saber dosar a quantidade de energia que eu iria aplicar em cada área. Mas isso só me mostrou que a mulher, mesmo sendo mãe, tem condição de conquistar qualquer espaço”, destaca.

## Engenharia na área médica

Como sempre teve gosto pela área da saúde, com o tempo, Suélia começou a se envolver com a engenharia eletrônica aplicada à área médica. Hoje, também atua com construção e licenciamento de dispositivos médicos.

Dentre os trabalhos de grande relevância que já desenvolveu está uma nova possibilidade para tratar o “pé diabético”, complicação frequente em pessoas com diabetes mellitus. Trata-se do projeto Rapha, que associa o uso do látex a um equipamento emissor de luzes de LED, cujo princípio de ação é a fototerapia – um método com efeitos benéficos como analgésico, anti-inflamatório e cicatrizante.

## Dificuldades

A engenheira ainda é fundadora do Laboratório de Engenharia e Biomaterial (BioEngLab – LEI), no campus da UnB no Gama (FGA). Contudo, no local, onde mulheres são minoria, ela conta não ter chegado a sofrer com a falta de espaço em algumas situações. “A Faculdade do Gama (FGA) é um mar de homens. Eles falam que não têm preconceito, mas quando eu comuniquei que iria concorrer para diretora da FGA, tive problemas.”

“Uma mulher quando se dispõe a disputar um cargo desses, o mínimo que ela deveria receber é um ‘que bom que vou concorrer com o sexo oposto, isso é democrático’. Mas, imediatamente, alguns romperam comigo e disseram que estou quebrando a unidade”, relata.

“Esse olhar se propaga em outros momentos. E isso a gente precisa desconstruir, para que olhem nós, pesquisadoras mulheres, como seres que geram uma melhor na sociedade para o futuro. É da nossa cabeça que sai algo que um dia vai virar um tratamento, um protocolo, uma política pública para o futuro”, defende.

## Gosto pela ciência

Atuando em uma área diferente, Rosana Tidon (foto em destaque), 58 anos, é coordenadora do programa de pós-graduação em ecologia da UnB, classificado como nível 6 na **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)**, fundação do Ministério da Educação (MEC).

Graduada em biologia, ela é mestre em entomologia – especialidade da biologia que estuda insetos – e doutora em genética pela Universidade de São Paulo (USP).

Atualmente, é professora na UnB, onde desenvolve atividades de ensino e pesquisa na área de biologia evolutiva desde 1996.

A paulista nasceu em uma família humilde e foi a primeira entre seus parentes próximos a ingressar na faculdade. “Sempre gostei de ciência. Lembro que eu ficava olhando para as estrelas e sonhando que eu iria estudar, porque queria ajudar as pessoas”, comenta.

“Quando fui fazer biologia, foi superfácil para mim, porque eu gostava de estudar a vida. Lá, entendi que gostava de estudar a evolução da vida”, diz.

## Experiência em Harvard

Depois de concluir um pós-doutorado em São Paulo, ela passou em um concurso para trabalhar na UnB e se mudou para a capital, onde reside há 24 anos. “As oportunidades foram acontecendo. Em 2003, tive a oportunidade de ir para Harvard (universidade nos Estados Unidos) trabalhar com o ensino da biologia evolutiva. Publiquei um trabalho lá sobre o ensino de biologia evolutiva e, paralelamente, trabalhos de ecologia”, conta.

Além de passar um ano realizando pesquisas em uma das mais prestigiadas universidades do mundo, ela também já trabalhou na Universidade de Göttingen, na Alemanha, em 2019. No entanto, mesmo com as grandes conquistas em seu vasto currículo, Rosana conta que ainda vê em seu cotidiano de trabalho dificuldades que precisa enfrentar por ser mulher.

“Em reuniões maiores, geralmente as mulheres têm menos voz. Somos mais frequentemente interrompidas que os homens [...] É comum você escutar que a mulher tem que ser bonita, estar arrumada, como se o que tivesse na cabeça dela fosse menos significante do que a embalagem”, desabafa.

Mas com o vasto currículo que tem, Rosana sabe não se deixar abalar mais por episódios de preconceito. “Ao longo da minha formação, eu percebi na pele que nem sempre as mulheres são respeitadas. Sofri vários tipos de assédio, então fui escolhendo conviver com certos grupos. Por causa disso, as experiências foram ficando cada vez melhores”, afirma.

## Academia Mundial de Ciências

Professora de matemática da UnB, Jaqueline Godoy Mesquita, 34 anos, sempre gostou de cálculos e já sabia, ainda nova, que queria trabalhar na área. “Eu já tinha vontade de fazer matemática no vestibular, mas meus pais queriam que eu fizesse medicina. Como tenho uma tia que é matemática, tive ajuda para convencê-los”, afirma.

Em 2003, ela entrou no curso na UnB. A partir daí, não parou mais de estudar números. Além de um mestrado, doutorado e pós-doutorado na USP, ainda concluiu outros dois pós-doutorados em dois países diferentes: um cursado na Universidade de Santiago do Chile e outro na Universidade de Giessen, Alemanha.

Em 2017, Jaqueline foi a única brasileira matemática escolhida entre candidatos do mundo inteiro para o Heidelberg Laureate Forum, na Alemanha. Na ocasião, ela foi a única representante da Região Centro-Oeste. Hoje, ela integra o grupo de pesquisadores da Academia Mundial de Ciências.

Sempre almejando mais em sua carreira, no ano passado, a professora ainda foi a vencedora do programa Para Mulheres na Ciência, promovido pela L’Oréal, em parceria com a Unesco no Brasil e com a Academia Brasileira de Ciências.

ARQUIVO PESSOAL Jaqueline Godoy Mesquita é professora de matemática da UnB

## Jaqueline no centro de pesquisa de matemática na Alemanha

Pouca representatividade feminina

Todo o reconhecimento que Jaqueline conquistou, fruto do progresso constante da pesquisadora, contudo, exigiu e continua a exigir esforços ainda maiores que o comum. Com poucas colegas de turma e educadoras mulheres durante sua vida acadêmica, ela teve de lutar por determinados espaços para conseguir expor suas ideias.

“Foi um choque quando entrei na graduação e eram tão poucas mulheres. Além disso, tive pouquíssimas professoras mulheres também. Enquanto eu fui crescendo na vida acadêmica, fazendo mestrado, doutorado, as mulheres foram diminuindo ainda mais. É um grande problema, que me causou muito desconforto”, assinala.

“Percebo que as mulheres têm muito mais dificuldades de fala em reuniões, em vários espaços. Viajo bastante para congressos e já vi vários colegas perguntando se isso atrapalha minha vida pessoal, pergunta que eles não fazem para os colegas que são homens”, exemplifica.

Para ela, a área da ciência, especialmente a da matemática, ainda tem pouca representatividade feminina. “Normalmente você vai numa loja de brinquedos e tem duas seções: de menina e de menino. Geralmente, os brinquedos femininos são mais do cuidar, do lar, e os dos meninos são coisas com raciocínio lógico. Então temos que incentivar meninas a mudar esse estereótipo, a buscar mais essas áreas”, ressalta Jaqueline.

## ARQUIVO PESSOAL

Pesquisadora recebeu o certificado de membro da Academia Mundial de Ciências em 2018

Incentivo a mulheres

Nos dias 19 e 20 deste mês, mulheres profissionais da UnB irão promover o segundo Seminário Mulheres na Ciência da instituição. No evento, será lançado o Fórum pela Diversidade de Gênero nas Ciências e Tecnologia, uma iniciativa do Ministério Público do Trabalho e do Núcleo de Direitos Humanos do Ministério Público do DF (MPDFT).

“Vamos trazer várias pesquisadoras para falar justamente dessa questão de gênero, estereótipos que ainda existem na nossa área”, explica ela.

Para Jaqueline, incentivos assim são necessários para avanços em busca de maior igualdade de gênero na área da ciência. E é isso que ela busca fazer.

“A gente tem que impulsionar as meninas desde cedo a ingressar nessas áreas. Hoje discutimos mais a questão, mas temos que continuar, porque ainda estamos perdendo bastante em diversidade, e diversidade é algo de extrema importância para garantirmos maiores conquistas”, finaliza.

topo ↕

## O RONDONIENSE - NOTÍCIAS

### MEC faz acordo com faculdade de coaching religioso dos EUA

O governo Jair Bolsonaro assinou um protocolo de intenções para ampliar parcerias de universidades brasileiras com uma instituição americana especializada em coaching religioso. A Florida Christian University já foi alvo de sentença por oferta irregular de mestrados no Brasil.

O MEC (Ministério da Educação) e a **Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)** firmaram parceria com a universidade dos EUA, apesar de a instituição não ter passado pelos processos de cooperação internacional da agência.

Uma universidade que atua com a Florida Christian no Brasil, a Unifuturo, da Paraíba, não tem autorização para oferecer mestrados e doutorados, foco da atuação da **Capes**.

O ministro da Educação, Abraham Weintraub, tem um discurso crítico à qualidade das universidades federais.

A Florida Christian University, no entanto, não tem nenhuma acreditação relevante de qualidade no sistema americano.

Entre seus principais cursos, apontados assim pela própria instituição, estão um mestrado de artes do coaching e um bacharelado em aconselhamento cristão.

Um dos objetivos dessa formação é tornar o aluno “hábil a integrar conhecimento filosófico, literário e histórico dentro da visão bíblica”.

A Florida Christian afirma em suas páginas que busca preparar “profissionais, leigos e pastores para cumprir suas vocações com valores cristãos”.

A instituição diz oferecer aulas para os níveis de tecnologia, bacharelado, mestrado, doutorado e pós-doutorado em quatro áreas: negócios, educação, comportamento —o que inclui aconselhamento e terapia de casal— e teologia.

No detalhamento dos programas, a universidade apresenta cursos como A Vida de Cristo e Reconciliação de Casamentos Rompidos.

Bolsonaro já disse que, apesar de o Estado ser laico, ele é “terrivelmente cristão”. O atual presidente da **Capes**, Benedito Aguiar Neto, defende a abordagem educacional do criacionismo em “contraponto à teoria da evolução”.

O protocolo foi assinado no ano passado com a Secretaria de Educação Superior do MEC e a **Capes**, órgão que regula e avalia a pós-graduação. Questionados pela Folha, MEC e **Capes** não responderam.

Universidades federais receberam na segunda (2) mensagem do MEC em que é comunicado o acordo para “intensificar e ampliar a cooperação”.

A pasta estimula as federais a participarem do 5º Congresso Mundial sobre Educação Global, Desenvolvimento Humano e Gestão da Inovação, organizado pela Florida Christian e a Unifuturo, em maio, na Paraíba. Um dos principais palestrantes é o psiquiatra Augusto Cury, autor best-seller de livros de autoajuda.

A **Capes** aparece como parceira na divulgação do evento e um servidor do órgão, Ricardo da Costa (ligado à ala ideológica do MEC), comporá uma mesa.

Com base no acordo, a **Capes** agendou encontros da Florida Christian e da Unifuturo

com federais.

Em janeiro, Marcos Vinicius Coelho, da Diretoria de Relações Internacionais da **Capes**, acompanhou o reitor da Florida Christian, Bruno Portigliatti, em visitas a UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte), UFCG (de Campina Grande), UFPB e IFPB (Universidade e Instituto Federal da Paraíba, respectivamente).

A atuação conjunta da Florida Christian e da Unifuturo já foi alvo de investigações no Brasil. Em 2016, a Justiça Federal do Rio Grande do Norte decidiu que a Florida Christian University ofertou de maneira irregular cursos de mestrado e doutorado em educação, por meio de articulação com instituições privadas brasileiras, entre elas a Unifuturo.

Na ocasião, decisão liminar (provisória) da 4ª Vara Federal determinou que a Florida Christian e parceiras interrompessem cursos e emissão de diplomas.

A decisão partiu de ação civil do MPF (Ministério Público Federal). Estudantes haviam se matriculado para cursos de mestrado e, ao longo das aulas, descobriram que faziam especializações.

A Folha conversou com duas ex-alunas, de Natal, que perderam entre R\$ 6.000 e R\$ 8.000 e pediram anonimato. Segundo elas, as aulas mudavam constantemente de lugar, entre diversas parceiras brasileiras.

As Procuradorias federais no Pará e em Pernambuco já haviam ingressado com ações em anos anteriores. No Pará, por exemplo, uma ação de 2013 deu origem a um processo e inquérito policial, ainda em andamento.

Ricardo Monteiro, que é português, é dono da Unifuturo e embaixador da Florida Christian no Brasil. Ele esteve nas visitas organizadas pela **Capes**.

“Nego qualquer irregularidade e não respondo pela Florida Christian”, disse. “Muitos alunos nossos começam sua graduação no Brasil e terminam nos Estados Unidos.”

Nascido no Brasil, Bruno Portigliatti aparece como reitor da Florida Christian e outras duas pessoas da mesma família constam da diretoria.

Procurado, Bruno disse que o acordo com o MEC tem o objetivo de criar “oportunidades de aprendizagem em diferentes modalidades de ensino”. Ele ressaltou que, a partir do protocolo, ações serão tratadas “em instrumento futuro”.

O reitor afirmou que a Florida Christian tem aulas presenciais em Orlando (EUA) e cursos a distância são oferecidos a “vários países do mundo”.

Sobre a decisão liminar da Justiça do Rio Grande do Norte, Bruno afirma que o mérito ainda não foi julgado e a medida pode ser revertida. “Após quase cinco anos, nem sequer houve uma única audiência.”

A Florida Christian tem um registro de funcionamento concedido pelas autoridades da Flórida. Nos EUA, a qualidade e a reputação dos cursos são atestados de forma

descentralizada, por meio de associações regionais reconhecidas pelo Departamento de Educação. A Florida Christian não possui uma acreditação regional desse tipo.

A universidade cita em seu site ser filiada a outras organizações, como a Association for Biblical Higher Education (Associação para Educação Bíblica Superior, em inglês).

Essa entidade, por sua vez, afirma que a mera filiação de uma instituição não significa que ela teve a sua qualidade certificada pelo órgão. É o caso da Florida Christian.

Fonte: Folha de São Paulo

topo ↕

## **O TEMPO - MG - TEMPO REAL**

### **MEC faz acordo com faculdade de coaching religioso dos EUA**

#### **A Florida Christian University já foi alvo de sentença por oferta irregular de mestrados no Brasil**

O governo Jair Bolsonaro assinou um protocolo de intenções para ampliar parcerias de universidades brasileiras com uma instituição americana especializada em coaching religioso. A Florida Christian University já foi alvo de sentença por oferta irregular de mestrados no Brasil.

O MEC (Ministério da Educação) e a **Capex (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)** firmaram parceria com a universidade dos EUA, apesar de a instituição não ter passado pelos processos de cooperação internacional da agência.

Uma universidade que atua com a Florida Christian no Brasil, a Unifuturo, da Paraíba, não tem autorização para oferecer mestrados e doutorados, foco da atuação da **Capex**.

O ministro da Educação, Abraham Weintraub, tem um discurso crítico à qualidade das universidades federais.

A Florida Christian University, no entanto, não tem nenhuma acreditação relevante de qualidade no sistema americano.

Entre seus principais cursos, apontados assim pela própria instituição, estão um mestrado de artes do coaching e um bacharelado em aconselhamento cristão.

Um dos objetivos dessa formação é tornar o aluno "hábil a integrar conhecimento filosófico, literário e histórico dentro da visão bíblica".

A Florida Christian afirma em suas páginas que busca preparar "profissionais, leigos e pastores para cumprir suas vocações com valores cristãos".

A instituição diz oferecer aulas para os níveis de tecnologia, bacharelado, mestrado, doutorado e pós-doutorado em quatro áreas: negócios, educação, comportamento – o que inclui aconselhamento e terapia de casal – e teologia.

No detalhamento dos programas, a universidade apresenta cursos como A Vida de Cristo e Reconciliação de Casamentos Rompidos.

Bolsonaro já disse que, apesar de o Estado ser laico, ele é "terrivelmente cristão". O



atual presidente da **Capes**, Benedito Aguiar Neto, defende a abordagem educacional do criacionismo em "contraponto à teoria da evolução".

O protocolo foi assinado no ano passado com a Secretaria de Educação Superior do MEC e a **Capes**, órgão que regula e avalia a pós-graduação.

Questionados pela reportagem, MEC e **Capes** não responderam. Universidades federais receberam na segunda (2) mensagem do MEC em que é comunicado o acordo para "intensificar e ampliar a cooperação".

A pasta estimula as federais a participarem do 5º Congresso Mundial sobre Educação Global, Desenvolvimento Humano e Gestão da Inovação, organizado pela Florida Christian e a Unifuturo, em maio, na Paraíba. Um dos principais palestrantes é o psiquiatra Augusto Cury, autor best-seller de livros de autoajuda.

A **Capes** aparece como parceira na divulgação do evento e um servidor do órgão, Ricardo da Costa (ligado à ala ideológica do MEC), comporá uma mesa. Com base no acordo, a **Capes** agendou encontros da Florida Christian e da Unifuturo com federais.

Em janeiro, Marcos Vinicius Coelho, da Diretoria de Relações Internacionais da **Capes**, acompanhou o reitor da Florida Christian, Bruno Portigliatti, em visitas a UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte), UFCG (de Campina Grande), UFPB e IFPB (Universidade e Instituto Federal da Paraíba, respectivamente).

A atuação conjunta da Florida Christian e da Unifuturo já foi alvo de investigações no Brasil. Em 2016, a Justiça Federal do Rio Grande do Norte decidiu que a Florida Christian University ofertou de maneira irregular cursos de mestrado e doutorado em educação, por meio de articulação com instituições privadas brasileiras, entre elas a Unifuturo.

Na ocasião, decisão liminar (provisória) da 4ª Vara Federal determinou que a Florida Christian e parceiras interrompessem cursos e emissão de diplomas. A decisão partiu de ação civil do MPF (Ministério Público Federal). Estudantes haviam se matriculado para cursos de mestrado e, ao longo das aulas, descobriram que faziam especializações.

A reportagem conversou com duas ex-alunas, de Natal, que perderam entre R\$ 6.000 e R\$ 8.000 e pediram anonimato. Segundo elas, as aulas mudavam constantemente de lugar, entre diversas parceiras brasileiras.

As Procuradorias federais no Pará e em Pernambuco já haviam ingressado com ações em anos anteriores. No Pará, por exemplo, uma ação de 2013 deu origem a um processo e inquérito policial, ainda em andamento.

Ricardo Monteiro, que é português, é dono da Unifuturo e embaixador da Florida Christian no Brasil. Ele esteve nas visitas organizadas pela **Capes**.

"Nego qualquer irregularidade e não respondo pela Florida Christian", disse. "Muitos alunos nossos começam sua graduação no Brasil e terminam nos Estados Unidos."

Nascido no Brasil, Bruno Portigliatti aparece como reitor da Florida Christian e outras duas pessoas da mesma família constam da diretoria.

Procurado, Bruno disse que o acordo com o MEC tem o objetivo de criar "oportunidades de aprendizagem em diferentes modalidades de ensino". Ele ressaltou que, a partir do protocolo, ações serão tratadas "em instrumento futuro".

O reitor afirmou que a Florida Christian tem aulas presenciais em Orlando (EUA) e cursos a distância são oferecidos a "vários países do mundo".

Sobre a decisão liminar da Justiça do Rio Grande do Norte, Bruno afirma que o mérito ainda não foi julgado e a medida pode ser revertida. "Após quase cinco anos, nem sequer houve uma única audiência."

A Florida Christian tem um registro de funcionamento concedido pelas autoridades da Flórida. Nos EUA, a qualidade e a reputação dos cursos são atestados de forma descentralizada, por meio de associações regionais reconhecidas pelo Departamento de Educação. A Florida Christian não possui uma acreditação regional desse tipo.

A universidade cita em seu site ser filiada a outras organizações, como a Association for Biblical Higher Education (Associação para Educação Bíblica Superior, em inglês).

Essa entidade, por sua vez, afirma que a mera filiação de uma instituição não significa que ela teve a sua qualidade certificada pelo órgão. É o caso da Florida Christian.

topo ↕

## **PARÁIBA URGENTE - TEMPO REAL AFRONTA AO ESTADO LAICO**

Se pudesse, o presidente Jair Bolsonaro substituiria, sem pestanejar, a Constituição pela Bíblia. Apesar de dizer que o Estado é laico, mas ele é cristão, a prática do seu governo desmente essa distinção. A laicidade do Estado nunca esteve tão ameaçada de retrocesso desde os primórdios da República, como na sua gestão. As duas esferas, a religiosa e a estatal, estão cada vez mais misturadas e o que o presidente faz é governar para tornar ainda mais tênue essa separação, que, para o bem da democracia, deveria ser respeitada como uma espécie de cláusula pétrea. Em vez disso, em nome de Jesus, Bolsonaro vai colocando seus irmãos de fé nos cargos de poder e botando suas vontades moralistas em prática. O proselitismo religioso evangélico e o messianismo invadiram a máquina estatal e passaram a contaminar as políticas públicas.

O teólogo Ricardo Lopes Dias, um missionário evangelizador, por exemplo, assumiu a chefia de uma das áreas mais sensíveis da Funai, a coordenação de índios isolados e de recente contato. Para comandar a Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (Capes) foi nomeado um criacionista, o ex-reitor da Universidade Presbiteriana Mackenzie Benedito Aguiar Neto. E a fé cristã também se transformou no eixo da política externa do governo, que é liderada por um católico conservador, o chanceler Ernesto Araújo. A situação anda tão exagerada que os próprios religiosos realizaram um evento para discutir a perigosa guinada teocrática brasileira. No fim de janeiro, a Frente Inter-Religiosa Dom Paulo Evaristo Arns por Justiça e Paz reuniu-se para discutir as ameaças ao Estado laico e o aumento da intolerância no País. Participam da frente 11 denominações religiosas, incluindo vertentes de matriz africana, católicos, evangélicos,

kardecistas, judeus, muçulmanos, mórmons, budistas e lideranças espirituais indígenas, entre outros. “A nossa grande preocupação agora é a manutenção do Estado laico. A presença religiosa no Estado está ficando cada vez maior e vemos pela primeira vez um governo se apoiando em um segmento religioso para manter a esperança de continuar no poder”, afirma o pastor da Comunidade Cristã Reformada, Ariovaldo Ramos, integrante da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito, que participou do encontro. “O papel da igreja é ser a consciência da sociedade e não assumir o poder, mas os atos do governo, as aproximações, as falas do presidente deixam entender que há uma preferência por um determinado grupo religioso”. No caso, trata-se dos evangélicos, tanto os tradicionais como os neopentecostais.

## Máquina evangélica

Há, neste momento, cinco evangélicos ocupando cargos de ministro e acentuando o tom religioso no governo. Além da ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, que atua na linha de frente contra a secularização do Estado e prega a abstinência sexual, há o titular da Cidadania, Onyx Lorenzoni, o do Turismo, Marcelo Álvaro Antônio, o da Advocacia Geral da União (AGU), André Luiz Mendonça, e o ministro-chefe da Secretaria do Governo, general Luiz Eduardo Ramos. No segundo escalão do Ministério de Damares, há vários religiosos em posições de comando, como os evangélicos calvinistas Sérgio Queiróz, Guilherme de Carvalho e Maurício Cunha. Damares costuma dizer, em suas pregações, que é chegada a hora da igreja ocupar a Nação. Em entrevista para a agência alemã Deutsche Welle, a ministra disse que as igrejas evangélicas pentecostais têm um excelente trabalho social e podem ajudar muito mais o Brasil. O que a ministra propõe é um uso mais constante desse equipamento religioso para combater problemas sociais. “Nós temos uma grande denominação no Brasil, que é a igreja Assembléia de Deus, que tem mais de 40 mil templos. Se cada igreja trouxesse um venezuelano e cuidasse dele nós resolveríamos o problema da fronteira”, afirma. Damares considera que as igrejas podem também oferecer casas de abrigo para mulheres vítimas de violência e pensa em parcerias nos moldes das feitas com as comunidades terapêuticas de cunho religioso para tratar usuários de drogas. Em 2019, essas comunidades passaram a receber dinheiro público, precisamente R\$ 153,7 milhões por ano.

A agenda do presidente reforça essa orientação evangélica do governo. No ano passado, desde sua posse, Bolsonaro esteve em 46 eventos religiosos, enquanto só foi a 22 encontros com representantes da sociedade civil organizada, como associações de classe, ONGs e sindicatos, entidades que ele associa a partidos de esquerda. Na lista dos grupos que dão sustentação ao presidente, os evangélicos só perdem para os militares. Entre os eventos e celebrações religiosos dos quais Bolsonaro participou merecem destaque a Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil e a 27ª edição da Marcha para Jesus, em São Paulo, na qual ele foi o primeiro presidente a comparecer. Na festa de 7 de setembro, em Brasília, o bispo Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus, ficou ao seu lado na tribuna de honra. Neste ano, a rotina religiosa continua a todo vapor. Em fevereiro, esteve num grande evento no estádio Mané Garrincha, a mega mobilização evangélica The Send Brasil, culto-festival que reuniu missionários de vários países e teve um público de 27 mil pessoas. Na véspera do Carnaval, na semana em que o ex-presidente Lula se encontrava com o Papa Francisco, Bolsonaro participou, no Rio de Janeiro, do show de comemoração de 40 anos da Igreja Internacional da Graça de Deus, ao lado do pastor R.R. Soares. No fim do ano passado,

Bolsonaro reuniu no Palácio do Planalto mais de 500 religiosos evangélicos num culto de Ação de Graças e chorou ao se lembrar da facada que levou em Juiz de Fora.

É bom lembrar que a candidatura de Bolsonaro, em 2018, foi organizada em torno de uma aliança com evangélicos conservadores. Ele já tinha um alinhamento com a Frente Parlamentar Evangélica desde 2011, quando surgiu a fakenews do “kit gay”. Posteriormente, em maio de 2016, o então deputado federal foi batizado pelo pastor da Assembléia de Deus e político Everaldo Pereira (PSC-RJ) no Rio Jordão, em Israel. Com isso, embora seja católico, ele ganhou legitimidade junto aos evangélicos, que passaram a se identificar mais fortemente com suas posições. Tratou-se de uma aproximação simbólica, mas que lhe engrandeceu politicamente junto ao grupo religioso que mais cresce no País. “Bolsonaro tem uma aliança política com os evangélicos que foi construída nos últimos nove anos, se estreitou na campanha eleitoral e se intensificou no primeiro ano de governo”, diz o sociólogo e professor da USP Ricardo Mariano.

## Afinidades eletivas

“Há alguns atritos envolvendo porte de armas e legalização dos cassinos, mas a afinidade política entre as duas partes é muito grande”. Para Mariano, existe uma combinação de interesses. De um lado, há a volúpia dos ativistas religiosos em ocupar cargos públicos e, de outro, a estratégia do governo em manter sua base política. Pesquisas feitas nas vésperas do segundo turno indicavam que 69% dos evangélicos tinham intenção de votar em Bolsonaro. Pelos dados do último censo havia, em 2010, 42,3 milhões de evangélicos no País, o equivalente a 22,2% da população. A bancada evangélica no Congresso, com a qual o presidente mantém uma ótima relação, conta hoje com 82 deputados — em 1986, na primeira eleição pós-redemocratização, eram 16.

Na sua estreita relação com os religiosos, Bolsonaro pretendia, por exemplo, utilizar igrejas evangélicas para coletar as assinaturas necessárias para a criação de seu novo partido, Aliança pelo Brasil. Em janeiro, o pastor Emerson Patriota, da Igreja Presbiteriana Central de Londrina, pediu aos fiéis para que assinassem uma ficha de apoio à criação do partido. Em outra frente, o presidente sempre fala em nomear um ministro “terrivelmente evangélico” para o Supremo Tribunal Federal (STF). Um dos candidatos é o ministro André Luiz Mendonça, da AGU. “Bolsonaro não tem apreço pela laicidade do Estado e defende o Estado cristão, com a ocupação religiosa das políticas públicas, do Parlamento e do próprio governo. O partido que ele está tentando criar traz proposições evangélicas”, diz Mariano. Na educação, se não houver oposição, o governo pretende impor a ideia do criacionismo bíblico e do design inteligente, que é o criacionismo travestido de ciência. À frente do **Capes**, Aguiar Neto, evangélico calvinista, deve promover essa teoria. Os calvinistas reivindicam a hegemonia da religião sobre a cultura e promovem a ideia de superioridade moral do cristianismo. “Evangélicos se opõem à decisão do STF de criminalizar a homofobia, promovem discursos de ódio e fomentam a discriminação”, completa. Em agosto, o presidente afirmou que queria à frente da Agência Nacional do Cinema (Ancine) um evangélico que conseguisse “recitar de cor 200 versículos bíblicos, que tivesse o joelho machucado de tanto ajoelhar e que andasse com a Bíblia debaixo do braço”.

## Influência na diplomacia

A política externa brasileira está sendo amplamente afetada pelo fundamentalismo do governo. O Itamaraty tem contrariado a Constituição e pregado a religião como política de Estado. Com seu apoio, parlamentares ligados a igrejas neopentecostais estão ocupando espaços para liderar a agenda do Brasil junto aos países africanos. A iniciativa pretende facilitar a entrada de igrejas e missionários nessas nações. Em uma recente viagem pela África, o chanceler Ernesto Araújo, acompanhado dos deputados federais e pastores Marco Feliciano e Márcio Marinho, promoveu a fé evangélica e defendeu a atuação das denominações brasileiras. O Itamaraty fomenta o discurso da liberdade religiosa para proteger os interesses das igrejas neopentecostais no exterior, em especial da Igreja Universal do Reino de Deus, cuja atuação na África é questionada e gera revolta. Há um mês, Araújo foi aos Estados Unidos participar do lançamento oficial da Aliança de Promoção da Liberdade Religiosa Internacional. Enquanto isso, no Brasil, essa liberdade está sendo ameaçada. As religiões afro-brasileiras são as mais discriminadas e quem mais discrimina são, justamente, os evangélicos, que também atacam as religiões e crenças indígenas. A nomeação do teólogo Lopes Dias para a chefia de uma das áreas mais sensíveis da Funai indica uma intenção de varrer do mapa as culturas autóctones. Religiosos como Dias, missionário há dez anos na Missão Novas Tribos do Brasil, consideram os indígenas um quadro em branco pronto para receber a palavra de Deus e vêem seus ritos religiosos como demoníacos.

O que se espera de uma República democrática é que não haja interferência do governo nas questões de fé e nem envolvimento das religiões com o Estado. Desde o decreto 119-A de 1890, de autoria de Ruy Barbosa, essa questão parecia estar pacificada. Como adiantou Thomas Jefferson, em uma carta para a Associação Batista de Danbury, em 1802, deve haver um muro de separação entre Igreja e Estado para o bem da democracia. Mas o slogan do governo “A família acima de tudo e Deus acima de todos” mostra que no Brasil esse muro caiu. O aparelho estatal está sendo invadido pelos interesses evangélicos e a secularidade do governo virou letra morta. “O princípio da laicidade do Estado está sendo atropelado. Não se pode transformar o governo num puxadinho das igrejas e nem justificar políticas públicas com a Bíblia”, afirma Mariano. “Esse ativismo político religioso é fundamentalista e avesso aos direitos humanos.”

topo 

## PARANÁ PORTAL - TEMPO REAL

### MEC faz acordo com faculdade de coaching religioso dos EUA

O governo Jair Bolsonaro assinou um protocolo de intenções para ampliar parcerias de universidades brasileiras com uma instituição americana especializada em coaching religioso. A Florida Christian University já foi alvo de sentença por oferta irregular de mestrados no Brasil.

O MEC (Ministério da Educação) e a **Capex (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)** firmaram parceria com a universidade dos EUA, apesar de a instituição não ter passado pelos processos de cooperação internacional da agência.

Uma universidade que atua com a Florida Christian no Brasil, a Unifuturo, da Paraíba, não tem autorização para oferecer mestrados e doutorados, foco da atuação da **Capex**.

O ministro da Educação, Abraham Weintraub, tem um discurso crítico à qualidade das universidades federais.

A Florida Christian University, no entanto, não tem nenhuma acreditação relevante de qualidade no sistema americano.

FACULDADE QUER FORMAR ALUNOS DENTRO DA VISÃO BÍBLICA  
Entre seus principais cursos, apontados assim pela própria instituição, estão:

mestrado de artes do coaching;  
um bacharelado em aconselhamento cristão;  
Um dos objetivos dessa formação é tornar o aluno “hábil a integrar conhecimento filosófico, literário e histórico dentro da visão bíblica”.

A instituição diz oferecer aulas para os níveis de tecnologia, bacharelado, mestrado, doutorado e pós-doutorado em quatro áreas:

negócios;  
educação;  
comportamento -o que inclui aconselhamento e terapia de casal;  
teologia;  
No detalhamento dos programas, a universidade apresenta cursos como: a Vida de Cristo e Reconciliação de Casamentos Rompidos.

**PARA BOLSONARO, O ESTADO É “TERRIVELMENTE CRISTÃO”**  
Bolsonaro já disse que, apesar de o Estado ser laico, ele é “terrivelmente cristão”. O atual presidente da **Capes**, Benedito Aguiar Neto, defende a abordagem educacional do criacionismo em “contraponto à teoria da evolução”.

O protocolo foi assinado no ano passado com a Secretaria de Educação Superior do MEC e a **Capes**, órgão que regula e avalia a pós-graduação. Questionados pela reportagem, MEC e **Capes** não responderam.

Universidades federais receberam na segunda (2) mensagem do MEC em que é comunicado o acordo para “intensificar e ampliar a cooperação”.

A pasta estimula as federais a participarem do 5º Congresso Mundial sobre Educação Global, Desenvolvimento Humano e Gestão da Inovação, organizado pela Florida Christian e a Unifuturo, em maio, na Paraíba. Um dos principais palestrantes é o psiquiatra Augusto Cury, autor best-seller de livros de autoajuda.

A **Capes** aparece como parceira na divulgação do evento e um servidor do órgão, Ricardo da Costa (ligado à ala ideológica do MEC), comporá uma mesa. Com base no acordo, a **Capes** agendou encontros da Florida Christian e da Unifuturo com federais.

**ATUAÇÃO DA FLORIDA CHRISTIAN E UNIFUTURO NO BRASIL**  
Em janeiro, Marcos Vinicius Coelho, da Diretoria de Relações Internacionais da **Capes**, acompanhou o reitor da Florida Christian, Bruno Portigliatti, em visitas a UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte), UFCG (de Campina Grande), UFPB e IFPB (Universidade e Instituto Federal da Paraíba, respectivamente).

A atuação conjunta da Florida Christian e da Unifuturo já foi alvo de investigações no Brasil. Em 2016, a Justiça Federal do Rio Grande do Norte decidiu que a Florida ofertou de maneira irregular cursos de mestrado e doutorado em educação, por meio de articulação com instituições privadas brasileiras, entre elas a Unifuturo.

Na ocasião, decisão liminar (provisória) da 4ª Vara Federal determinou que a Florida Christian e parceiras interrompessem cursos e emissão de diplomas. A decisão partiu de ação civil do MPF (Ministério Público Federal). Estudantes haviam se matriculado para cursos de mestrado e, ao longo das aulas, descobriram que faziam especializações.

A reportagem conversou com duas ex-alunas, de Natal, que perderam entre R\$ 6.000 e R\$ 8.000 e pediram anonimato. Segundo elas, as aulas mudavam constantemente de lugar, entre diversas parceiras brasileiras. As Procuradorias federais no Pará e em Pernambuco já haviam ingressado com ações em anos anteriores. No Pará, por exemplo, uma ação de 2013 deu origem a um processo e inquérito policial, ainda em andamento.

Ricardo Monteiro, que é português, é dono da Unifuturo e embaixador da Florida Christian no Brasil. Ele esteve nas visitas organizadas pela **Capes**. “Nego qualquer irregularidade e não respondo pela Florida Christian”, disse. “Muitos alunos nossos começam sua graduação no Brasil e terminam nos Estados Unidos.”

Nascido no Brasil, Bruno Portigliatti aparece como reitor da Florida Christian e outras duas pessoas da mesma família constam da diretoria. Procurado, Bruno disse que o acordo com o MEC tem o objetivo de criar “oportunidades de aprendizagem em diferentes modalidades de ensino”. Ele ressaltou que, a partir do protocolo, ações serão tratadas “em instrumento futuro”.

O reitor afirmou que a Florida Christian tem aulas presenciais em Orlando (EUA) e cursos a distância são oferecidos a “vários países do mundo”.

Sobre a decisão liminar da Justiça do Rio Grande do Norte, Bruno afirma que o mérito ainda não foi julgado e a medida pode ser revertida. “Após quase cinco anos, nem sequer houve uma única audiência.”

A Florida Christian tem um registro de funcionamento concedido pelas autoridades da Flórida. Nos EUA, a qualidade e a reputação dos cursos são atestados de forma descentralizada, por meio de associações regionais reconhecidas pelo Departamento de Educação. A Florida Christian não possui uma acreditação regional desse tipo.

A universidade cita em seu site ser filiada a outras organizações, como a Association for Biblical Higher Education (Associação para Educação Bíblica Superior, em inglês). Essa entidade, por sua vez, afirma que a mera filiação de uma instituição não significa que ela teve a sua qualidade certificada pelo órgão. É o caso da Florida Christian.

topo ↕

## **R7 - TEMPO REAL**

### **Conheça as mulheres que pesquisam genoma do coronavírus**

### **Elas dominam o laboratório, apresentaram o resultado em tempo recorde e falam sobre a importância do trabalho feminino em equipe**

As pesquisadoras do Instituto de Medicina Tropical da USP (Universidade em São Paulo) estão no centro das atenções desde a última semana, quando conseguiram sequenciar o genoma do novo coronavírus (Covid-19) em apenas dois dias. “Estamos surpresas com a repercussão, para nós o trabalho faz parte da rotina, mas percebemos a importância do que fizemos”, conta a coordenadora da pesquisa, Jaqueline Góes de Jesus.

O trabalho foi conduzido por cientistas do Instituto Adolfo Lutz, do Instituto de Medicina Tropical da Faculdade de Medicina da USP e da Universidade de Oxford. O grupo faz parte do Cadde, um projeto apoiado pela Fapesp e pelo Medical Research Centers, do Reino Unido, que desenvolve novas técnicas para monitorar epidemias em tempo real.

No Brasil, o grupo que conduziu a pesquisa é composto por mulheres. “Este trabalho também mostra que é possível, sim, ter uma pesquisa conduzida apenas por mulheres e no laboratório uma ajuda a outra, somos organizadas e estamos preparadas para fazer o trabalho rapidamente”, observa a pesquisadora e professora, Ester Sabino.

“Fico muito orgulhosa quando outras mulheres me dizem: ‘a gente se sente representada’ ou ‘como faço para incentivar a minha filha a ser cientista?’, isso me deixa ainda mais feliz”, afirma Jaqueline.

A biomédica e doutoranda Ingra Morales Claro, responsável por otimizar protocolos e diminuir os custos da pesquisa, destaca a importância do grupo para o projeto. “Eu me sinto muito privilegiada por fazer parte de uma equipe tão colaborativa, com muita gente competente trabalhando junto.”

O laboratório na USP tem instalações simples, mas desde 2016 abriga o primeiro sequenciador de genoma do país. O aparelho chegou a São Paulo pela parceria com as universidades do Reino Unido.

O sequenciamento do genoma de forma tão rápida — a Itália, que sofre com o surto da doença, ainda não terminou o sequenciamento — foi possível porque, como explica Ester, “a ciência se constrói a longo prazo, é uma continuidade de estudos, estávamos pesquisando o vírus da dengue, como se espalha e as formas de combate quando o coronavírus chegou ao Brasil, não foi tão difícil fazer o sequenciamento do novo vírus.”

Mas qual a importância desse sequenciamento? As pesquisadoras explicam que este é o primeiro passo para, no futuro, produzir vacinas e medicamentos. “Entender a estrutura e o mecanismo de funcionamento do vírus é importante para sabermos como combatê-lo e também auxilia na elaboração de políticas públicas para a contenção da epidemia”, explica Jaqueline.

## Universidade e Pesquisa

Ser pesquisador no Brasil é um desafio. Não existe a profissão “cientista”, nem uma legislação específica que regule o trabalho. “Vivemos de bolsas e apoio de fundações como a Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), que é fundamental para a continuidade do trabalho, nossos pesquisadores ligados ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e **Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)** não estão mais no projeto após os cortes feitos nos últimos anos”, observa Jaqueline.

Além da falta de recursos, as pesquisadoras têm o desafio de driblar a burocracia para a aquisição de material e reagentes, com tempo de espera longo, que pode passar de 45 dias de espera.



“Se com todas essas dificuldades fazemos o que fazemos, imagine o que seríamos capazes de produzir se tivéssemos recursos e estrutura?”, questiona Ingra.

topo ↕

## SUL21 - TEMPO REAL

### MEC firma parceira com faculdade cristã dos EUA pautada pela ‘visão bíblica’

O Ministério da Educação (MEC) assinou um protocolo para ampliar relações entre as universidades brasileiras e a Florida Christian University, faculdade estadunidense especializada em coaching religioso que já foi acusada por oferta de cursos irregulares no Brasil. A informação foi divulgada pela Folha de S. Paulo.

A instituição não passou pelo processo de cooperação internacional, mas o MEC e a **Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)** já firmaram parceria com a universidade. A Florida Christian também não tem nenhum tipo de reconhecimento de qualidade dentro dos EUA.

O professor da Faculdade de Direito da USP, Conrado Hubner, comentou sobre o ocorrido no Twitter. “Caso de polícia”, disse.

Conrado Hubner  
@conradohubner  
Caso de polícia

Não basta ser universidade que oferece coaching religioso e quer integrar o conhecimento "dentro da visão bíblica"; não basta não ter acreditação nos EUA; é preciso já ter praticado ilegalidades no Brasil e sofrer inquérito policial <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/03/mec-faz-acordo-com-faculdade-de-coaching-religioso-dos-eua.shtml> ...

MEC faz acordo com faculdade de coaching religioso dos EUA - 07/03/2020 - Educação - Folha  
Florida Christian University é investigada por oferta irregular de cursos no Brasil

[folha.uol.com.br](https://www1.folha.uol.com.br)

783

08:39 - 7 de mar de 2020

Informações e privacidade no Twitter Ads

220 pessoas estão falando sobre isso

Já existe uma universidade que atua com a Florida Christian no Brasil, a Unifuturo, na Paraíba, que não tem autorização do **Capes** para oferecer cursos de mestrado e doutorado. Em 2016, a Justiça Federal do Rio Grande do Norte decidiu que a Florida Christian havia oferecido cursos de forma irregular em parceria com universidades brasileiras, que incluíam a Unifuturo. A 4ª Vara Federal decidiu pela interrupção dos cursos.

Estudantes haviam se matriculado para cursos de mestrado e, durante o processo, descobriram que eram de especialização. Ricardo Monteiro, dono da Unifuturo, negou

“qualquer irregularidade” e disse não responder pela Florida Christian. “Muitos alunos nossos começam sua graduação no Brasil e terminam nos Estados Unidos”, afirmou.

O brasileiro Bruno Portigliatti, reitor da Florida Christian, disse à Folha que o acordo com o MEC tem o objetivo de oferecer “oportunidades de aprendizagem em diferentes modalidades de ensino”.

A instituição oferece cursos de formação nas áreas de negócios, educação, comportamento e teologia. O objetivo da formação é tornar o aluno “hábil a integrar conhecimento filosófico, literário e histórico dentro da visão bíblica”, preparando “profissionais, leigos e pastores para cumprir suas vocações com valores cristãos”.

A orientação do MEC é para “intensificar e ampliar a cooperação” com a Florida Christian, como constatado em mensagem recebida pelas universidades federais na última segunda-feira (2).

topo ↕

## VOZ DA BAHIA - TEMPO REAL

### **Governo Bolsonaro fecha acordo com faculdade de coaching religioso dos EUA**

O governo de Jair Bolsonaro assinou um contrato com a Florida Christian University, dos EUA, em uma tentativa de ampliar parcerias de universidades brasileiras com a instituição americana especializada em coaching religioso.

A instituição já foi alvo de sentença por oferta irregular de mestrado no Brasil, mas teve as irregularidades ignoradas pelo Ministério da Educação (MEC) e pela **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)**, que firmaram a parceria.

O ministro da Educação, Abraham Weintraub, tem um discurso crítico à qualidade das universidades federais. A Florida Christian University, no entanto, não tem nenhuma acreditação relevante de qualidade no sistema americano. Com informações da Folha de S.Paulo. (Bahia.Ba)

topo ↕

## VOZ DA BAHIA - TEMPO REAL

### **Governo Bolsonaro fecha acordo com faculdade de coaching religioso dos EUA**

O governo de Jair Bolsonaro assinou um contrato com a Florida Christian University, dos EUA, em uma tentativa de ampliar parcerias de universidades brasileiras com a instituição americana especializada em coaching religioso.

A instituição já foi alvo de sentença por oferta irregular de mestrado no Brasil, mas teve as irregularidades ignoradas pelo Ministério da Educação (MEC) e pela **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)**, que firmaram a parceria.

O ministro da Educação, Abraham Weintraub, tem um discurso crítico à qualidade das universidades federais. A Florida Christian University, no entanto, não tem nenhuma acreditação relevante de qualidade no sistema americano. Com informações da Folha de S.Paulo. (Bahia.Ba)

topo ↕

## CORREIO WEB - TEMPO REAL

### **Subprocurador critica contrato do MEC com empresa acusada de corrupção**

**A empresa poderá receber até R\$ 406 milhões pela distribuição do material em todo o País**

O subprocurador-geral do Ministério Público (MP) que atua no Tribunal de Contas da União (TCU), Lucas Furtado, defendeu ontem o cancelamento da licitação do Ministério da Educação (MEC) que resultou na contratação de uma empresa acusada de corrupção para fornecer kits escolares. Como revelou O Estado de S. Paulo, mesmo sabendo das suspeitas de irregularidades envolvendo a Brink Mobil, a pasta decidiu manter o negócio.

A empresa poderá receber até R\$ 406 milhões pela distribuição do material em todo o País. No mesmo período em que negociava o contrato com o MEC, a Brink era investigada na Operação Calvário, da Polícia Federal, suspeita de envolvimento em um esquema que desviou R\$ 134,2 milhões dos cofres públicos da Saúde e da Educação do Estado da Paraíba.

"Em nome do princípio democrático, o ministro deveria revogar a licitação", Furtado ao jornal.

A reportagem também ouviu dois técnicos da Controladoria-Geral da União (CGU), sob a condição de anonimato, que disseram não ser incomum gestores públicos cancelarem licitações após verificarem suspeitas de irregularidades no passado de uma empresa. Mesmo quando ela não tenha sido alvo de uma condenação

## Avaliação

Furtado disse que pretende tomar providências para averiguar se a licitação do MEC seguiu os trâmites normais e se, de fato, a empresa poderia ter vencido o pregão mesmo com o "longo histórico" de suspeitas. "Estamos avaliando qual medida tomar, se vai ser uma representação. Na segunda-feira vamos decidir", disse o subprocurador-geral.

Além de ser alvo da PF e do Ministério Público da Paraíba na Operação Calvário, a Brink foi denunciada em 2018 no Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) por formação de cartel. A empresa é acusada de fraudar licitações para compra de uniformes, mochilas e materiais escolares em quatro Estados entre 2007 e 2012.

Para o advogado Edgard Leite, o conjunto de acusações que pesam sobre a empresa seria suficiente para excluí-la do processo licitatório. "A lei diz que a administração tem que buscar a melhor condição de compra. É inquestionável que um processo criminal pode comprometer o fornecimento do produto. É um absurdo essa fala do ministro. É essa permissividade que tem comprometido a administração pública", disse Leite.

"A partir do momento que tem um monte indícios, de provas comprometedoras, a cautela deveria ser a primeira invocada pelo ministério."

Empresa não estava condenada, afirma Weintraub

O ministro da Educação, Abraham Weintraub, afirmou ontem, em seu perfil no Twitter, que não poderia excluir a empresa Brink Mobil do certame para fornecimento de kits escolares a estudantes porque, se fizesse isso, "estaria cometendo um crime". "A empresa ganhou a licitação e não estava condenada, não tenho como excluí-la (eu estaria cometendo um crime)."

O MEC afirmou que o processo para a compra dos kits respeitou a legislação em todas as fases. Segundo a pasta, na fase de habilitação, a empresa Brink Mobil estava em condição regular e não tinha impedimentos legais para participar do certame.

Parceria alvo de investigação na PB foi repetida

Vencedora de uma licitação milionária para fornecer kits escolares a estudantes, a Brink Mobil repetiu no Ministério da Educação a parceria apontada como criminosa pelo Ministério Público da Paraíba em contratos no governo estadual entre 2012 e 2019. Segundo a denúncia da Operação Calvário, uma segunda empresa, a Conesul Comercial e Tecnologia Educacional, era aliada da Brink no esquema suspeito de desviar R\$ 134,2 milhões em dinheiro público das áreas da Saúde e Educação da Paraíba.

As duas empresas apresentaram uma proposta conjunta ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), órgão ligado ao MEC, para fornecer materiais como lápis, borracha, caderno e tesoura. O valor apresentado pelo consórcio Brink-Conesul foi considerado o mais vantajoso e acabou ganhando a concorrência.

A licitação vencida pelas empresas é uma das maiores do Ministério da Educação em 2019, no valor de R\$ 406 milhões. Como mostrou ontem o Estado, a pasta foi informada das investigações da Operação Calvário, mas, mesmo assim, decidiu manter a contratação, assinada em novembro do ano passado.

As duas empresas também já haviam vencido uma licitação anterior para fornecer kits escolares, em fevereiro. Na ocasião, usaram a mesma estratégia de se juntar para apresentar uma proposta única

A modalidade de contratação é a chamada ata de preços, em que outras empresas também são habilitadas a fornecer o produto. Como apresentaram a melhor proposta ao MEC, a Brink e a Conesul tiveram a preferência. Até o início da semana, o MEC já havia autorizado o envio de 3,1 milhões de kits, o que somava R\$ 164 milhões.

Prisões. Em dezembro, quando as duas empresas já eram investigadas na Operação Calvário, a Polícia Federal prendeu os donos da Brink, Valdemar Ábila, e da Conesul, Márcio Nogueira Vignoli. No mesmo dia, os policiais detiveram o ex-governador da Paraíba Ricardo Coutinho (PSB).

Segundo a denúncia do Ministério Público, apresentada no mesmo mês das prisões, até mesmo funcionários da Brink e da Conesul se apresentavam como representantes de uma só empresa. As duas firmas foram procuradas pela reportagem desde quarta-feira, mas não se manifestaram até a noite de sexta-feira. As informações são do jornal O Estado de S. Paulo.

topo ↕

## UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS - TEMPO REAL

### Subprocurador critica contrato do MEC com empresa acusada de corrupção

O subprocurador-geral do Ministério Público (MP) que atua no Tribunal de Contas da União (TCU), Lucas Furtado, defendeu ontem o cancelamento da licitação do Ministério da Educação (MEC) que resultou na contratação de uma empresa acusada de corrupção para fornecer kits escolares. Como revelou o jornal "O Estado de S. Paulo", mesmo sabendo das suspeitas de irregularidades envolvendo a Brink Mobil, a pasta

decidiu manter o negócio.

A empresa poderá receber até R\$ 406 milhões pela distribuição do material em todo o País. No mesmo período em que negociava o contrato com o MEC, a Brink era investigada na Operação Calvário, da Polícia Federal, suspeita de envolvimento em um esquema que desviou R\$ 134,2 milhões dos cofres públicos da Saúde e da Educação do Estado da Paraíba.

"Em nome do princípio democrático, o ministro deveria revogar a licitação", Furtado ao jornal.

A reportagem também ouviu dois técnicos da Controladoria-Geral da União (CGU), sob a condição de anonimato, que disseram não ser incomum gestores públicos cancelarem licitações após verificarem suspeitas de irregularidades no passado de uma empresa. Mesmo quando ela não tenha sido alvo de uma condenação.

#### Avaliação

Furtado disse que pretende tomar providências para averiguar se a licitação do MEC seguiu os trâmites normais e se, de fato, a empresa poderia ter vencido o pregão mesmo com o "longo histórico" de suspeitas. "Estamos avaliando qual medida tomar, se vai ser uma representação. Na segunda-feira vamos decidir", disse o subprocurador-geral.

Além de ser alvo da PF e do Ministério Público da Paraíba na Operação Calvário, a Brink foi denunciada em 2018 no Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) por formação de cartel. A empresa é acusada de fraudar licitações para compra de uniformes, mochilas e materiais escolares em quatro Estados entre 2007 e 2012.

Para o advogado Edgard Leite, o conjunto de acusações que pesam sobre a empresa seria suficiente para excluí-la do processo licitatório. "A lei diz que a administração tem que buscar a melhor condição de compra. É inquestionável que um processo criminal pode comprometer o fornecimento do produto. É um absurdo essa fala do ministro. É essa permissividade que tem comprometido a administração pública", disse Leite.

"A partir do momento que tem um monte indícios, de provas comprometedoras, a cautela deveria ser a primeira invocada pelo ministério."

O ministro da Educação, Abraham Weintraub, afirmou ontem, em seu perfil no Twitter, que não poderia excluir a empresa Brink Mobil do certame para fornecimento de kits escolares a estudantes porque, se fizesse isso, "estaria cometendo um crime".

"A empresa ganhou a licitação e não estava condenada, não tenho como excluí-la (eu estaria cometendo um crime)."

O MEC afirmou que o processo para a compra dos kits respeitou a legislação em todas as fases. Segundo a pasta, na fase de habilitação, a empresa Brink Mobil estava em condição regular e não tinha impedimentos legais para participar do certame.

Parceria alvo de investigação na PB foi repetida

Vencedora de uma licitação milionária para fornecer kits escolares a estudantes, a Brink Mobil repetiu no Ministério da Educação a parceria apontada como criminosa pelo

**Ministério Público da Paraíba em contratos no governo estadual entre 2012 e 2019.** Segundo a denúncia da Operação Calvário, uma segunda empresa, a Conesul Comercial e Tecnologia Educacional, era aliada da Brink no esquema suspeito de desviar R\$ 134,2 milhões em dinheiro público das áreas da Saúde e Educação da Paraíba.

As duas empresas apresentaram uma proposta conjunta ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), órgão ligado ao MEC, para fornecer materiais como lápis, borracha, caderno e tesoura. O valor apresentado pelo consórcio Brink-Conesul foi considerado o mais vantajoso e acabou ganhando a concorrência.

A licitação vencida pelas empresas é uma das maiores do Ministério da Educação em 2019, no valor de R\$ 406 milhões. Como mostrou ontem o Estado, a pasta foi informada das investigações da Operação Calvário, mas, mesmo assim, decidiu manter a contratação, assinada em novembro do ano passado.

As duas empresas também já haviam vencido uma licitação anterior para fornecer kits escolares, em fevereiro. Na ocasião, usaram a mesma estratégia de se juntar para apresentar uma proposta única.

A modalidade de contratação é a chamada ata de preços, em que outras empresas também são habilitadas a fornecer o produto. Como apresentaram a melhor proposta ao MEC, a Brink e a Conesul tiveram a preferência. Até o início da semana, o MEC já havia autorizado o envio de 3,1 milhões de kits, o que somava R\$ 164 milhões.

**Prisões.** Em dezembro, quando as duas empresas já eram investigadas na Operação Calvário, a Polícia Federal prendeu os donos da Brink, Valdemar Ábila, e da Conesul, Márcio Nogueira Vignoli. No mesmo dia, os policiais detiveram o ex-governador da Paraíba Ricardo Coutinho (PSB).

Segundo a denúncia do Ministério Público, apresentada no mesmo mês das prisões, até mesmo funcionários da Brink e da Conesul se apresentavam como representantes de uma só empresa. As duas firmas foram procuradas pela reportagem desde quarta-feira, mas não se manifestaram até a noite de sexta-feira. As informações são do jornal O Estado de S. Paulo.